

FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

SILVANA NEUMANN MARTINS

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA TRANSFORMANDO  
O ENSINO SUPERIOR: DIVERSOS OLHARES DE  
ESTUDANTES SOBRE PROFESSORES  
EMPREENDEDORES

PORTO ALEGRE  
2010

SILVANA NEUMANN MARTINS

**EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA TRANSFORMANDO O ENSINO SUPERIOR:  
DIVERSOS OLHARES DE ESTUDANTES SOBRE  
PROFESSORES EMPREENDEDORES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como pré-requisito para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosquera

Porto Alegre  
2010

M386e Martins, Silvana Neumann

Educação empreendedora transformando o ensino superior:  
diversos olhares de estudantes sobre professores empreendedores  
/ Silvana Neumann Martins. - 2010.

155f.

Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio  
Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2009.  
Orientação: Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosquera

1. Ensino superior 2. Educação empreendedora 3. Professor  
empreendedor 4. Aprendizagem 5. Estudantes I.Título

CDU: 371.13:378:658.014.121

SILVANA NEUMANN MARTINS

**EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA TRANSFORMANDO O ENSINO SUPERIOR:  
DIVERSOS OLHARES DE ESTUDANTES SOBRE  
PROFESSORES EMPREENDEDORES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como pré-requisito para obtenção do título de Doutora em Educação.

Aprovada em 07 de janeiro de 2010

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosquera - PUCRS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marília Costa Morosini – PUCRS

---

Prof. Dr. Claus Dieter Stobäus - PUCRS

---

Prof. Dr. João Dornelles Júnior - PUCRS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marlise Heemann Grassi - UNIVATES

*Dedico este trabalho à minha família  
E a todos que acreditam que amar o outro  
é dar-lhe razão de existir*

## AGRADECIMENTOS

Ao Senhor, agradeço a proteção recebida e a companhia constante durante esta caminhada.

À minha família, agradeço a paciência, o incentivo e as palavras de carinho.

À UNIVATES, agradeço por ter me acolhido e proporcionado a execução deste trabalho.

Aos estudantes e professores da UNIVATES, agradeço a colaboração para ter produzido este trabalho e a oportunidade de ter interagido e convivido com os mesmos. Um agradecimento especial a duas colegas, professoras Dra. Marlise H. Grassi e Dra. Claudete Rempel, pelo apoio, incentivo e amizade.

Ao corpo docente do programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS, agradeço a competência, a seriedade, a disposição e o entusiasmo demonstrados durante estes quatro anos.

À professora Dra. Délcia Enricone (*in memoriam*), minha eterna orientadora, agradeço a amizade e os ensinamentos recebidos.

A todos aqueles que partilharam da minha caminhada, me incentivando e apoiando, em especial aos colegas de trabalho da Secretaria de Extensão e Pós-Graduação da UNIVATES.

Um agradecimento especial ao professor Dr. Juan José Mouriño Mosquera, estimado orientador, por ter me acolhido em um momento difícil, instigando-me a ir além.

*Os meus três professores tinham essas coisas em comum.  
Todos eles amavam o que estavam fazendo.  
Eles não nos diziam o que saber: catalisavam um desejo ardente  
de conhecer.  
Sob sua influência os horizontes de repente se abriam,  
o medo ia embora e o desconhecido se tornava conhecível.  
Mas, mais importante de tudo, a verdade, esta coisa perigosa,  
se tornava bela e muito preciosa.*

John Steinbeck

## RESUMO

Esta pesquisa é um Estudo de Caso que tem como problema central compreender em que professores empreendedores fazem a diferença nas salas de aula do ensino superior. Com base nos depoimentos de alunos universitários, este estudo focaliza as transformações positivas e as aprendizagens que ocorrem em sala de aula, através de professores empreendedores e da educação empreendedora. O referencial teórico, que embasa o estudo, fundamenta-se nos pressupostos da metodologia para a formação de empreendedores, proposta por Fernando Dolabela. O campo empírico da investigação é o Centro Universitário UNIVATES, localizado em Lajeado, RS/BR. Os sujeitos participantes da pesquisa são 257 acadêmicos que cursaram a disciplina de Empreendedorismo no semestre A/2009. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário composto por perguntas abertas e fechadas e a análise dos dados coletados foi realizada através da Estatística Descritiva, proposta por Barbeto (1999); da técnica de Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2009) e a partir da metodologia de Análise Textual, proposta por Moraes (2007). Os resultados que emergiram da pesquisa foram agrupados em quatro categorias: 1. A importância da disciplina de Empreendedorismo na UNIVATES; 2. O professor universitário: um empreendedor; 3. A aula de um professor empreendedor e 4. Empreendedorismo transformando a educação na universidade. Essas foram analisadas por meio de uma reflexão dialógica com autores como Dornelas, Moran, Zabalza, Kincheloe, Seligman, Mosquera e outros. Paralelamente foi realizada uma revisão bibliográfica, com o objetivo de trazer à reflexão assuntos como empreendedorismo, intraempreendedorismo, ensino superior, sociedade do conhecimento, empreendedorismo social e pedagogia universitária. Ao final do trabalho observou-se que os universitários legitimam as metodologias utilizadas por professores empreendedores e colocam que, com esses professores, ocorre aprendizagem. Partindo das observações dos estudantes, são propostas metodologias de ensino e ações pedagógicas que resultem em uma educação empreendedora.

*Palavras-chave:* Professores empreendedores. Educação Empreendedora. Ensino Superior. Estudantes. Sala de aula. Aprendizagem.

## ABSTRACT

This research is a Case Study that mainly investigates how entrepreneurial professors make the difference in the classrooms of Higher Education institutions. Based on college students' versions, this study focuses on the positive transformations and learning that occur in the classroom where there are entrepreneurial professors and entrepreneurial education. This study is grounded on the theoretical principles of the methodology for the vocational education of entrepreneurs as proposed by Fernando Dolabela. The empirical field of the investigation is Centro Universitário UNIVATES, located in Lajeado, RS/BR. The research participants are 257 college students who attended the Discipline of Entrepreneurship in the A/2009 semester. Data were provided by a questionnaire consisting of open-ended and closed-ended questions while the data analysis was performed using descriptive statistics, proposed by Barbata (1999), done through the Context Analysis Technique as proposed by Bardin(2009), and the Content Analysis Methodology as proposed by Moraes (2007). The findings of this research were grouped into four categories: 1. The importance of the Discipline of Entrepreneurship at UNIVATES; 2. College Professor: an entrepreneurial person; 3. An entrepreneurial Professor's class and; 4. Entrepreneurship transforming education at the University. These categories were analyzed through a dialogic reflection with authors like Dornelas, Moran, Zabalza, Kincheloe, Seligman, Mosquera and others. Parallely, a bibliographic review was done aiming at bringing out subjects like social entrepreneurship, intra/entrepreneurship, higher education, knowledge society, social entrepreneurship and college pedagogy for reflection. In the end, it was observed that college students legitimize the methodologies used by entrepreneurial professors and they say that, with these professors, they learn. Starting from the students' observations, teaching methodologies and educational actions that result in entrepreneurial education are proposed.

*Keywords:* Entrepreneurial Professors. Entrepreneurial Education. Higher Education. Students. Classroom. Learning.

## RESUMEN

La presente investigación es un Estudio de Caso, cuyo problema central ha sido comprender qué diferencia hacen los profesores emprendedores en las clases de la enseñanza superior. A través de declaraciones de estudiantes universitarios, este estudio enfoca los cambios positivos y el aprendizaje que ocurren durante las clases, a causa de los profesores emprendedores y de la educación emprendedora. La teoría, en que se basa el estudio, se fundamenta en los presupuestos de la metodología para la formación de emprendedores, defendida por Fernando Dolabela. El campo empírico de la investigación es el *Centro Universitário UNIVATES*, ubicado en Lajeado, RS/BR. Los sujetos de la investigación fueron 257 estudiantes que cursaron la asignatura de Emprendedorismo durante el primer semestre de 2009. La recolección de datos fue por medio de un cuestionario con preguntas abiertas y cerradas, y el análisis de los datos a través a cabo utilizando la estadística descriptiva, propuesto por Barbetta (1999), de la técnica del Análisis de Contenido, de Bardin (2009) y a partir de la metodología de Análisis Textual, de Moraes (2007). Los resultados que surgieron de la investigación fueron agrupados en cuatro categorías: 1. La importancia de la asignatura de Emprendedorismo en UNIVATES; 2. El profesor universitario emprendedor; 3. La clase de un profesor emprendedor; y 4. Emprendedorismo que cambia la educación en la universidad. Esas categorías fueron analizadas de forma dialógica con autores como Dornelas, Moran, Zabalza, Kincheloe, Seligman, Mosquera y otros. Paralelamente, se hizo una revisión bibliográfica, con el objetivo de reflexionar sobre temas como emprendedorismo, intraemprendedorismo, enseñanza superior, sociedad del conocimiento, emprendedorismo social y pedagogía universitaria. Al cabo del trabajo, se observó que los universitarios legitiman las metodologías que los profesores emprendedores usan, y dicen que, con esos profesores, hay aprendizaje. A partir de las observaciones de los estudiantes, se proponen metodologías de enseñanza y acciones pedagógicas que resulten en una educación emprendedora.

*Palabras clave:* Profesores emprendedores. Educación Emprendedora. Enseñanza Superior. Estudiantes. Aula. Aprendizaje.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Definições de pensadores do empreendedorismo .....	24
Quadro 2 – Características dos empreendedores de sucesso.....	38
Quadro 3 – Características de um intraempreendedor: .....	42
Quadro 4 – As 10 características do perfil de um empreendedor trabalhadas na disciplina de Empreendedorismo da UNIVATES .....	48
Quadro 5 – Conceitos sobre empreendedorismo social – visão internacional .....	50
Quadro 6 – Perfil do empreendedor social .....	51
Quadro 7 – Resumo da abordagem metodológica da pesquisa.....	80
Gráfico 1 – Sexo dos informantes, desconsiderando os 2 questionários não respondidos.....	83
Gráfico 2 – Dois cursos com maior número de alunos participantes.....	85
Gráfico 3 – Como os alunos consideram a disciplina de Empreendedorismo.....	88
Gráfico 4 – As disciplinas eleitas como significativas, foram ministradas por professores com perfil empreendedor.....	98
Gráfico 5 – O “tipo” de aula dado pelos professores empreendedores contribuiu para a melhoria do ensino e da aprendizagem na sala de aula, desconsiderando os questionários não respondidos.....	112
Gráfico 6 – Os professores com perfil empreendedor, contribuirão ou já estão contribuindo para que você se torne um empreendedor em sua vida acadêmica, pessoal ou profissional, desconsiderando os questionários não respondidos.....	115
Gráfico 7 – Após refletir sobre a temática “empreendedorismo na educação”, na sua opinião, o empreendedorismo pode transformar a educação, desconsiderando os questionários não respondidos. ....	121

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Idade dos respondentes .....	82
Tabela 2 – Curso freqüentados pelos estudantes pesquisados .....	86
Tabela 3 – Total de disciplinas cursadas em 2008 e semestre A/2009 .....	96
Tabela 4 – Das disciplinas cursadas, quantas foram significativas .....	97
Tabela 5 – Características percebidas nas atitudes dos professores, durante as aulas ministradas em 2008 .....	99
Tabela 6 – Os professores com perfil empreendedor, contribuirão ou já estão contribuindo para que você se torne um empreendedor em sua vida acadêmica, pessoal ou profissional .....	115

## SUMÁRIO

### LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### LISTA DE TABELAS

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS .....</b>	<b>23</b>
2.1 CONCEITUANDO EMPREENDEDORISMO.....	23
2.2 O SURGIMENTO DO EMPREENDEDORISMO – UM POUCO DE HISTÓRIA..	27
2.3 O ADMINISTRADOR E O EMPREENDEDOR: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS.....	29
<b>2.3.1 O Empreendedor .....</b>	<b>33</b>
<b>2.3.2 O Intraempreendedor .....</b>	<b>40</b>
2.4 EMPREENDEDORISMO NO BRASIL .....	42
2.5 EMPREENDEDORISMO NA UNIVERSIDADE .....	44
<b>2.5.1 Empreendedorismo social.....</b>	<b>49</b>
<b>2.5.2 Universidade empreendedora .....</b>	<b>52</b>
2.6 O PAPEL DO PROFESSOR DO ENSINO SUPERIOR E DA UNIVERSIDADE NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO .....	54
<b>2.6.1 O Professor .....</b>	<b>54</b>
<b>2.6.2 A Universidade .....</b>	<b>62</b>
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>68</b>
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....	68
<b>3.1.1 O Estudo de Caso .....</b>	<b>70</b>
3.2 CAMPO DE INVESTIGAÇÃO .....	72
<b>3.2.1 Um Pouco da História da Instituição .....</b>	<b>73</b>
3.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA .....	74
3.4 PRÉ-TESTE DO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	75
3.5 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS.....	76
3.6 TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS.....	76
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....</b>	<b>81</b>
4.1 O ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO: PERFIL E ESCOLHAS.....	82
4.2 CATEGORIA 1 - A IMPORTÂNCIA DA DISCIPLINA DE EMPREENDEDORISMO NA UNIVERSIDADE .....	87
<b>4.2.1 O despertar de um novo olhar .....</b>	<b>89</b>
<b>4.2.2 Empreender na vida .....</b>	<b>92</b>
4.3 CATEGORIA 2 - O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO, UM EMPREENDEDOR... 94	
<b>4.3.1 Disciplinas consideradas significativas pelos universitários .....</b>	<b>95</b>
<b>4.3.2 Professores com perfil empreendedor fazem a diferença.....</b>	<b>97</b>

<b>4.3.3 Características de um professor empreendedor .....</b>	<b>98</b>
<b>4.4 CATEGORIA 3 – A AULA DE UM PROFESSOR EMPREENDEDOR .....</b>	<b>107</b>
<b>4.4.1 Uma aula empreendedora.....</b>	<b>108</b>
<b>4.4.2 Ensinando e aprendendo na universidade .....</b>	<b>112</b>
<b>4.4.3 Aprender a empreender .....</b>	<b>115</b>
<b>4.4.4 Boas relações na sala de aula: uma realidade possível .....</b>	<b>117</b>
<b>4.5 CATEGORIA 4 – EMPREENDEDORISMO TRANSFORMANDO A EDUCAÇÃO NA UNIVERSIDADE .....</b>	<b>121</b>
<b>4.5.1 Transformando os estudantes .....</b>	<b>121</b>
<b>4.5.2 Transformando a sala de aula.....</b>	<b>123</b>
<b>5 REFLEXÕES FINAIS .....</b>	<b>127</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>138</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>147</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios deste início de século, em que um panorama de alto desenvolvimento científico – tecnológico está presente, é tornar o homem capaz de utilizar sua criatividade para gerar inovação e provocar mudanças no cenário em que está inserido. Isso implica uma postura sensível, dinâmica, responsável, independente, participativa e empreendedora. A universidade, na tentativa de enfrentar essa questão, tem buscado caminhos para reestruturar e renovar seus projetos pedagógicos, voltados à instauração de um ambiente de ensino e de aprendizagem favorável à construção desse novo homem.

Inserida nesse contexto de múltiplas transformações, a universidade deve saber interpretar as mensagens enviadas pelo ambiente externo e ser capaz de tirar partido de tal eventualidade para redefinir sua estruturação interna. Como? Procurando escapar da repetição e da defasagem em suas atitudes pedagógicas e gestoras, “deixando de viver uma realidade do futuro como gente que conecta seu pensamento no passado” (BAUER, 2000) e indo ao encontro das novas teorias que se apresentam.

Segundo Panizzi (2006), devemos nos dar por conta que a vida é urbana, que o conhecimento não tem fronteira, que o emprego único acabou e que o nosso fazer pedagógico deve permitir que nossos estudantes, quando procuram nossas universidades para serem felizes e acharem um norte para sua profissão, encontrem as respostas para seus questionamentos.

Nesse sentido, percebo que se tornam cada vez mais urgentes pesquisas e estudos sobre formação de professores universitários, gestão educacional e educação empreendedora, pois a educação na universidade deve assumir a responsabilidade de conscientizar, instigar e contribuir para a formação de pessoas criativas, empreendedoras e comprometidas com o desenvolvimento coletivo.

Essa (re)construção é um desafio para todos os profissionais da educação que atuam no ensino superior e isso não significa abandonar o que já foi construído,

mas partir do construído para encontrar soluções inovadoras. Para que isso aconteça, é necessário empreender esforços para conhecer como ocorre o processo de pensar e agir criativo dos alunos e de que forma a aprendizagem influencia e é influenciada no universo pedagógico. Cabe aos educadores, em cada aula, arriscar formas inusitadas de agir e de se expressar indo ao encontro da construção de uma educação empreendedora.

A tese que proponho está vinculada à linha de pesquisa Educação e Formação de Professores do Programa de Pós – Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e tenta comprovar quão importante é a utilização da educação empreendedora pelo professor empreendedor, no mundo universitário. Acredito que essa educação, que esse professor são imprescindíveis para a formação de um indivíduo que, nas suas múltiplas relações com o mundo físico, social e tecnológico, busca sua edificação de cidadão consciente e ético, capaz de compreender a realidade de seu tempo.

Quando afirmo que a educação empreendedora é imprescindível na busca da edificação de um ser humano consciente, líder, inovador, ético e que se orienta por princípios e convicções, quero colocar minha crença na mesma para alcançarmos um ideal de educação. E, para mim, ideal de educação é quando, literalmente, conseguimos colocar em prática os quatro pilares citados no relatório UNESCO da Comissão Internacional para o Século XXI, que deverão orientar a educação neste século. São eles: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver* (DELORS, 2001, p.141) Nesta tese sugiro que mais um pilar seja agregado aos sugeridos por Delors (2001) - o aprender a empreender.

Minha sugestão justifica-se, pois em 2005 mantive, pela primeira vez, contato com a metodologia para a formação de empreendedores, quando cursei a Oficina do Empreendedor com o professor Fernando Dolabela. Naquela época cursava uma Especialização *Lato Sensu* em Gestão Universitária, na UNIVATES, e uma das disciplinas foi essa oficina. Admito que, em um primeiro momento, quando analisei a matriz curricular do curso de especialização, não vi com muitos bons olhos essa oficina, pois naquele tempo eu ainda estava impregnada de modelos educacionais que nada tinham a ver com empreendedorismo e acreditava, como

muitos acreditam até hoje, que esse assunto não poderia vir ao encontro da educação.

Porém, tive uma grata surpresa ao cursar essa oficina, pois o professor Dolabela deixou bem claro que o empreendedorismo é um instrumento de desenvolvimento social e não só de crescimento econômico, como eu acreditava que fosse. Ele também colocou que dissemina a teoria do empreendedorismo para que a mesma possa ser utilizada a fim de que seja produzida uma mudança cultural. Também advertiu que não deseja transformar cada criança, cada jovem estudante em um agente de criação de empresas, mas sim em indivíduos que consigam introjetar em sua vida, após ter contato com a teoria, valores, atitudes, comportamentos, formas de percepção do mundo e de si mesmo voltados para a capacidade de inovar, perseverar e de conviver em harmonia com o outro.

Através da oficina, aprendi que o tema ensino de empreendedorismo evoca de imediato novas formas de aprendizado e de relacionamento, porque os fundamentos do empreendedor não se incluem nos conceitos tradicionais que aprendi na escola e na universidade. E esse aprendizado me fez iniciar leituras sobre a temática, por isso, mesmo sendo uma professora com formação em Letras e Mestrado em Educação, me transformei, em 2006, em uma professora de Empreendedorismo e posso asseverar que essa transformação, através do aprender a empreender, está sendo muito benéfica para a minha vida profissional e pessoal.

Segundo Dolabela (1999), Empreendedorismo é um neologismo derivado da livre tradução da palavra *entrepreneurship* e utilizado para designar os estudos relativos ao empreendedor, seu perfil, suas origens, seu sistema de atividades, seu universo de atuação. A palavra empreendedor, de emprego amplo, é utilizada nesta tese para designar principalmente as atividades de quem se dedica à transformação de conhecimentos em serviços, na geração do próprio conhecimento ou na inovação na área da educação. Está aqui contemplado o professor empreendedor, e a medida de avaliação utilizada não é o dinheiro conquistado, mas a geração de novos conhecimentos, de novas tecnologias e a agregação de valor que leva à aprendizagem.

Neste trabalho, professor empreendedor é aquele profissional da educação que deve saber persuadir seus pares e seus alunos de que sua visão poderá levar a todos a uma situação confortável no futuro, que chamo de aprendizagem. Esse professor deve se munir de uma boa dose de energia, perseverança e paixão, para construir o seu sonho e continuar em frente, apesar dos obstáculos, apesar das armadilhas, apesar da inveja e da solidão. Percurso não muito fácil, mas para um indivíduo que tem como um dos principais atributos identificar oportunidades, agarrá-las e buscar recursos para transformá-las em conhecimento e aprendizagem, pode ser possível.

Cada vez mais o ato de empreender deve ser agregado aos conteúdos e a ações pedagógicas trabalhadas na universidade, pois esta, no meu entendimento, deve formar indivíduos dotados de atitudes empreendedoras e mentes sedentas por planejar, criar e inovar. Nesta tese, educação empreendedora e empreendedorismo não são considerados como uma espécie de mercantilismo. Neste trabalho, empreendedorismo e educação empreendedora são considerados como um movimento educacional que se preocupa com o social.

Trago, para justificar minhas afirmações, Delors (2001), que aponta para a importância do papel social da universidade:

No âmbito do seu papel social, as universidades podem pôr a sua autonomia a serviço do debate das grandes questões éticas e científicas com as quais se confrontará a sociedade de amanhã e fazer a ligação com o resto do sistema educativo, oferecendo aos adultos a possibilidade de retomar os estudos e desempenhando a função de centros de estudo, enriquecimento e preservação da cultura (p. 141).

Esse movimento educacional proposto nesta tese e capitaneado pela educação empreendedora comunga, também, com os objetivos da educação superior sugeridos pela Unesco: “Contribuir para o desenvolvimento sustentável, prover um espaço aberto para a aprendizagem permanente e oferecer assessorias relevantes para o desenvolvimento cultural, social e econômico” (UNESCO, 1998).

Além dos objetivos supracitados, a UNESCO, na Conferência Mundial sobre Educação Superior, especificou o tratamento que deveria ser dado à relevância social da educação superior, colocando que essa relevância se refere ao papel desempenhado por cada instituição na sociedade, e às expectativas que a sociedade tem do ensino superior. Segundo a Unesco (1998), a universidade deve incluir tópicos como acesso democratizador; um número maior de oportunidades para participar do ensino superior em diferentes estágios da vida; conexões com o mundo dos empregos; e a responsabilidade com relação a todo o sistema educacional. É também importante que a comunidade participe das discussões na universidade na busca por soluções para os problemas mais urgentes da humanidade, como superpopulação, meio ambiente, paz, compreensão internacional, democracia e direitos humanos.

Acredito que essa relevância social trazida pela UNESCO deve ser expressa pela universidade através da variedade de serviços acadêmicos que possam ser oferecidos à comunidade por meio da Extensão Universitária. Trago esse setor da IES para discussão, pois sou coordenadora da Extensão da UNIVATES desde 2004 e acredito que esse setor tem como papel fundamental contribuir para o desenvolvimento social e humano. A Extensão Universitária nada mais é do que o elo entre a academia e a sociedade que a cerca, e deve ser vista como uma via de mão dupla, que vai buscar em seu entorno as necessidades da população para a melhoria da qualidade de vida e depois levar, através de seus serviços, propostas de capacitação para a sociedade conseguir alcançar o objetivo principal - que é o de viver com qualidade.

A GUNI (Rede Universitária Global para a Inovação), em sua última conferência, em 2009, coloca que a universidade deve preparar estudantes a desenvolver consciência crítica sobre o mundo no qual habitam e auxiliá-los a melhor antecipar, articular e dar vida a processos alternativos para a construção de sociedades melhores. Isso tudo, no meu entendimento, pode ser alcançado através de ações extensionistas, desde que o objetivo da educação seja o de transformar e não mais o de transmitir. Por isso, essas ações, no meu entender, devem ser praticadas por professores empreendedores.

O papel que o ensino superior tem a desempenhar é complexo, pois deverá responder à demanda científico-tecnológica, incrementar ainda mais as pesquisas de ponta e, ao mesmo tempo, preocupar-se com a formação cultural e ética dos universitários. E é aí que, a meu ver, entra, de forma decisiva, a prática da educação empreendedora no meio acadêmico, pois a mesma possui as condições para abrir os caminhos necessários para que a universidade consiga desempenhar o papel social que lhe foi destinado pois, através da educação empreendedora, conseguiremos formar um maior número de universitários com os perfis necessários para que a tarefa destinada à universidade seja cumprida.

Urge que a universidade deixe de formar empregados – fruto de uma educação embasada na transmissão; e passe a formar empreendedores – fruto de uma educação embasada na transformação. Somente através de pessoas com perfil empreendedor, poderemos construir uma sociedade que promove a cooperação e diminui as diferenças.

Para que tudo isso ocorra, porém, não podemos esquecer do papel da universidade na formação de professores:

Uma das finalidades essenciais da formação de professores, quer inicial, quer contínua, é desenvolver neles as qualidades de ordem ética, intelectual e afetiva que a sociedade espera deles de modo a poderem em seguida cultivar nos seus alunos o mesmo leque de qualidades (DELORS, 2001, p.162).

Por conseguinte, o que se busca através da formação de professores é desenvolver nos mesmos a capacidade de trabalhar com seus alunos, perseguindo as propostas do relatório UNESCO, desenvolvendo o saber aprender, o saber fazer, o saber ser, o saber conviver e o aprender a empreender, este último surgindo como proposta desta tese. E, nas minhas concepções, tudo isso pode ser conquistado através de professores empreendedores.

Acredito que o exercício da educação empreendedora representa um papel essencial e de máxima importância para a formação de um povo. E isso deve

acontecer de modo intenso no ensino superior, pois é lá que estão os estudantes dos cursos de licenciatura, os futuros professores de nossos jovens, e é lá também que estão os futuros profissionais, que, em breve, estarão atuando no mercado de trabalho. E esses futuros profissionais, recém saídos da universidade, devem ter desenvolvido nos bancos acadêmicos a capacidade de sonhar, de planejar, de criar, de inovar, adquirindo uma visão de futuro que almeje a construção de seu próprio caminho.

Por isso, o olhar científico deste estudo quer tentar elucidar os questionamentos que envolvem o ato de praticar e disseminar a educação empreendedora por professores empreendedores no mundo acadêmico, mais precisamente no Centro Universitário UNIVATES, localizado em Lajeado, no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul. Este estudo quer investigar como acontece a educação empreendedora no ensino superior e, se a mesma ocorre, cabe averiguar se é significativa e se está auxiliando na formação pessoal e profissional dos universitários.

Nessa perspectiva postulo a tese de que professores com perfil empreendedor podem transformar a sala de aula e a educação e podem auxiliar na construção de um ser humano com espírito empreendedor, surgindo, assim, o seguinte problema de pesquisa: **Em que professores empreendedores fazem a diferença nas salas de aula da UNIVATES?**

Diante dessa problemática, o objetivo geral deste estudo é: investigar e identificar as características da educação empreendedora. Os objetivos específicos são: propor, através de evidências da realidade, metodologias de ensino e ações pedagógicas que resultem em uma educação empreendedora. Verificar se professores empreendedores influenciam alunos universitários para serem empreendedores em sua vida pessoal e profissional. Averiguar se professores com perfil empreendedor contribuem para a melhoria do ensino e da aprendizagem na universidade.

As questões que norteiam este estudo são: Quais são as características do perfil do professor empreendedor? Que ações pedagógicas e metodologias de

ensino são realizadas por professores com perfil empreendedor para que os processos de ensinar e de aprender redundem em uma educação empreendedora? Por quais transformações o estudante passa, após entrar em contato e ser partícipe da educação empreendedora?

A educação empreendedora que defendo neste trabalho quer oportunizar uma transformação positiva nas instituições de ensino, através de professores empreendedores. E essas transformações têm o objetivo de ressignificar as dimensões pessoal, pedagógica e cultural que permeiam o ato educativo e que serão expostas ao longo deste trabalho, seguindo, também, o pensamento de Tedesco (2001) que, ao analisar a construção da identidade, que inclui o desenvolvimento da capacidade de escolher, supõe uma pedagogia diferente da vigente, com ênfase no trabalho em equipe, na capacidade de escutar e na solidariedade ativa entre os membros do grupo.

Seguindo a linha de pensamento de Tedesco (2001), esta tese advoga a ideia de que não basta formar alunos empreendedores, se os mesmos não têm uma formação social, uma preocupação com o outro e um comportamento ético. O foco da educação empreendedora não pode ficar somente no nível pessoal, individual e na preparação profissional; deve focar também o desenvolvimento social e o engajamento para a construção de uma sociedade mais justa, buscando a formação de cidadãos que desenvolvam a capacidade de assumir responsabilidades e direitos.

Um novo paradigma emerge no centro de velhos paradigmas e novas formas de conviver estão sendo construídas nas universidades. Acredito que trabalhar na perspectiva da educação empreendedora parece ser uma forma eficaz de mobilizar os elementos da criatividade e da inovação, caminhando na direção de uma sociedade diferente dessa que aí se apresenta.

Feitas tais considerações, destaco que esta tese está estruturada em Introdução e mais quatro capítulos. Neste capítulo introdutório, a intenção foi pontuar a problemática investigativa através da contextualização dos fatores que

impulsionaram a realização deste estudo, assim como apresentar a problemática, os objetivos de investigação e as questões norteadoras do estudo.

No segundo capítulo, *Aproximações Teóricas*, apresento uma revisão da literatura e, em um primeiro momento, conceituo empreendedorismo e intraempreendedorismo e também abordo o empreendedorismo no Brasil e na universidade. Em um segundo momento, trago para reflexão o papel do professor do ensino superior e da universidade na sociedade do conhecimento.

No terceiro capítulo, *Procedimentos metodológicos*, caracterizo a pesquisa e explico a metodologia utilizada no desenvolvimento do estudo. No quarto capítulo, *Análise e Discussão dos Dados*, realizo a análise dos dados coletados trazendo para discussão as 4 categorias que emergiram neste estudo. O quinto e último capítulo contempla as considerações finais pertinentes à minha pesquisa.

## 2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

A segunda parte desta tese tem por objetivo delimitar e explorar o contexto em que este estudo se insere. Por isso, neste capítulo, realizo uma leitura da evolução do empreendedorismo no mundo, no Brasil e na educação. Abordo, igualmente, as características de um empreendedor de sucesso, o intraempreendedorismo, o empreendedorismo social e a inserção da disciplina de Empreendedorismo na UNIVATES. Também trago à discussão o papel do professor do ensino superior e da universidade na sociedade do conhecimento.

### 2.1 CONCEITUANDO EMPREENDEDORISMO

O empreendedorismo é uma revolução silenciosa, que terá mais importância no século XXI do que a Revolução Industrial teve para o século XX (TIMMONS, apud DORNELAS, 2001). Segundo Dornelas (2001), o século XX passou por várias transformações e invenções que revolucionaram o estilo de vida das pessoas. Provavelmente, essas invenções foram fruto de ideias inovadoras, algo inédito, ou de uma nova visão de como utilizar as coisas já existentes. Schumpeter (1997) associa o empreendedor ao desenvolvimento da economia, à inovação e ao aproveitamento de oportunidades de negócios. Cabem aqui as palavras de Dolabela (1999, p.28): “Empreendedorismo é um fenômeno cultural, ou seja, empreendedores nascem por influência do meio em que vivem”.

Seguindo os dizeres de Dolabela, este trabalho traz para o debate a crença de que, se os estudantes universitários tiverem em sua sala de aula professores com perfil empreendedor, os mesmos sentir-se-ão motivados a seguir e praticar os ensinamentos contidos na teoria do empreendedorismo e, por conseguinte, sairão da universidade com o espírito empreendedor aguçado e pronto para ser utilizado nas mais diversas áreas de atuação, tanto no campo profissional como no pessoal.

O Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa (FERREIRA, 2008) define empreendedor como aquele que empreende, que é ativo e arrojado. Sacconi (1996) em seu Minidicionário da Língua Portuguesa define empreender como uma ação trabalhosa, difícil e, às vezes, arriscada e perigosa.

Os substantivos empreendedorismo e empreendedor e o verbo empreender aparecem cada vez mais nos diferentes discursos que ocorrem na sociedade. Seguem algumas definições de empreendedorismo e empreendedor, na visão de alguns pensadores:

Quadro 1 – Definições de pensadores do empreendedorismo

<p><b>Aitken:</b> idéia de inovação. “... As características convencionalmente associadas com empreendimento - liderança, inovação, risco, etc. - estão associadas ao conceito, precisamente porque, em uma cultura altamente comercializada como a nossa, elas são características essenciais da efetiva organização dos negócios. Pela mesma lógica, em uma cultura diferentemente orientada, as características típicas de um empreendimento diferem” (1963). “[...] contudo, por definição, empreendedorismo sempre envolve, explícita ou implicitamente, a idéia de inovação” (1965).</p>
<p><b>Baumol:</b> inovação e liderança. O empreendedor (queira ou não, também exerce a função de gerente) tem uma função diferente. É seu trabalho localizar novas idéias e colocá-las em prática. Ele deve liderar, talvez ainda inspirar; ele não pode deixar que as coisas se tornem rotineiras e, para ele, a prática de hoje jamais será suficientemente boa para amanhã. Em resumo, ele é inovador. Ele é o indivíduo que exercita o que na literatura da administração é chamado de “liderança... ,mesmo não estando presente, ele é percebido como se estivesse (1968)”.</p>
<p><b>Belshaw:</b> iniciativa. “Um empreendedor é alguém que toma a iniciativa nos recursos administrativos” (1955).</p>
<p><b>Brereto:</b> inovação, promoção. “Empreendedorismo - a habilidade de criar uma atividade empresarial crescente onde não existia nenhuma anteriormente” (1974).</p>
<p><b>Carland e outros:</b> práticas estratégicas e inovadoras. “Um empreendimento empresarial é aquele cujos principais objetivos são lucratividade e crescimento. Um negócio é caracterizado pelas práticas estratégicas inovativas. Um empreendedor é um indivíduo que estabelece e gera um negócio com a principal intenção de lucro e crescimento. O empreendedor é caracterizado, principalmente, pelo comportamento inovativo e empregará práticas estratégicas de gerenciamento no negócio” (1984).</p>
<p><b>Casson:</b> economicidade. “Um empreendedor é alguém que se especializa em tomar decisões determinantes sobre a coordenação de recursos escassos” (1982).</p>
<p><b>Drucker:</b> prática; visão de mercado; evolução. “O trabalho específico do empreendedorismo numa empresa de negócios é fazer os negócios de hoje capazes de fazer o futuro, transformando-se em um negócio diferente” (1974). “Empreendedorismo não é nem ciência, nem arte. É uma prática.”</p>
<p><b>Filion:</b> fixação de objetivos; uso das oportunidades. “Um empreendedor é uma pessoa imaginativa, caracterizada por uma capacidade de fixar alvos e objetivos”. Esta pessoa manifesta-se pela perspicácia, ou seja, pela sua capacidade de perceber e detectar as oportunidades. Também, por longo período, ele continua a atingir oportunidades potenciais e continua a tornar decisões relativamente moderadas, tendo em vista modificá-las; esta pessoa continua a desempenhar um papel empresarial (1986).</p>
<p><b>Jasse:</b> foco de mercado. “ [...] Pode-se definir mais simplesmente empreendedorismo como a</p>

<p>apropriação e a gestão dos recursos humanos e materiais dentro de uma visão de criar, desenvolver e implantar resoluções permanentes, de atender às necessidades dos indivíduos” (1982). “[...] O espírito empresarial se traduz por uma vontade constante de tomar as iniciativas e de organizar os recursos disponíveis para alcançar resultados concretos” (1985).</p>
<p><b>Hornday:</b> realização; independência; liderança. “Comparados aos homens em geral, os empreendedores estão significativamente em maior escala, refletindo necessidade de realização, independência e eficiência de sua liderança, e estão, em menor escala, refletindo ênfases nas necessidades de manutenção” (1970).</p>
<p><b>Hornday and Bunker:</b> identificação de oportunidades. “Smith (1967) refere-se a dois tipos de empreendedores: o empreendedor profissional (ou artesanal) e o empreendedor que identifica oportunidades. Os primeiros são limitados em termos de bagagem cultural e engajamento social; os últimos são de um maior grau de instrução e de engajamento social e são mais agressivos no desenvolvimento e expansão da companhia” (1970).</p>
<p><b>Julien:</b> confiança; inovação; conhecimento. “O empreendedor é aquele que não perde a capacidade de imaginar, tem uma grande confiança em si mesmo, é entusiasta, tenaz, ama resolver problemas, ama dirigir, combate a rotina, evita constrangimentos. É aquele que cria uma informação interessante ou não do ponto de vista econômico (inovando em relação ao produto, ou ao território, ao processo de produção, ao mercado...) ou aquele que antecipa sobre esta informação (antes dos outros ou diferentemente dos outros). É aquele que reúne e sabe coordenar os recursos econômicos para aplicar, de modo prático e eficaz sobre um mercado, a informação que ele conhece a fundo. Ele o faz, primeiro, em função das vantagens pessoais, tais como prestígio, ambição, independência, o jogo, o poder sobre si e sobre a situação econômica e, em seguida, o lucro, etc. (1986).</p>
<p><b>Kets de Vries:</b> inovação; gerenciamento; risco. “...O empreendedor satisfaz a um número de funções que podem ser resumidas em inovação, gerenciamento, coordenação e risco” (1977). “Empreendedores parecem ter uma realização orientada, como a de assumir a responsabilidade por decisões, e não gostam de trabalhos repetitivos e rotineiros. Os empreendedores criativos possuem um alto nível de energia e um ótimo grau de perseverança e imaginação, que combinam com a espontaneidade de assumir riscos moderados e calculados, possibilitando-lhes transformar o que freqüentemente começou com uma simples e mal definida idéia em algo concreto”. Empreendedores também podem gerar um entusiasmo altamente contagioso dentro de uma organização. Eles programam um senso de propósito e, fazendo isso, convencem os outros de que eles estão onde está a ação “(1985)”. </p>
<p><b>Kierulff:</b> visão generalista. “...há evidências que as características empresariais e comportamentais podem ser desenvolvidas”. “...O empreendedor é, acima de tudo, um generalista - ele deve saber um pouco sobre tudo” (1975).</p>
<p><b>Komives:</b> pioneirismo; inovação. “...é alguém que inicia um negócio onde, geralmente, não existia ninguém antes dele”. “Empreendedorismo realmente se refere às pessoas que desejam adentrar-se em uma nova empreitada e se construir sobre ela”.</p>
<p><b>Lance:</b> convergência de propósitos. “...uma pessoa que congrega risco, inovação, liderança, vocação artística, habilidade e perícia profissional em uma fundação sobre a qual constrói um time motivado. Esse grupo de seres humanos, às vezes sem se conhecerem previamente, desenvolvem uma nova empresa” (1986).</p>
<p><b>Lynn:</b> criatividade. “...O empreendedor é também alguém criativo no sentido de que tenha de criar um novo produto ou serviço na imaginação e, então, deve ter energia e autodisciplina de transformar a nova idéia em realidade”.</p>
<p><b>Mancuso:</b> promoção; prosperidade. “Um empreendedor é a pessoa que cria uma empresa próspera do nada” (1974).</p>
<p><b>McClelland:</b> economicidade; viabilidade. “Alguém que exercita controle sobre os meios de produção e produtos, e produz mais do que consome a fim de vendê-los (ou trocá-los) pelo pagamento ou renda”.</p>
<p><b>Palmer:</b> risco calculado. “...tomar decisões sob diversos graus de incerteza vem a ser uma</p>

característica fundamental do empreendedorismo” (1971).
<b>Rosenberg:</b> capacidade de correr risco. Empreendedor: “Alguém que assume o risco financeiro da iniciação, operação e gerenciamento de um dado negócio ou empresa”.
<b>Say:</b> discernimento; perseverança. “...Um empreendedor... Para ter sucesso, ele deve ter capacidade para julgar, perseverança e um conhecimento do mundo tanto quanto do negócio. Ele deve possuir a arte de superintendência e administração” (1803).
<b>Schumpeter:</b> inovação. “Sempre enfatizei que o empreendedor é o homem que realiza coisas novas e não, necessariamente, aquele que inventa” (1934). Inovação como critério para o empreendedorismo: “Empreendedorismo, como definido, consiste essencialmente em fazer coisas que não são geralmente feitas em vias normais da rotina do negócio; é essencialmente um fenômeno que vem sob o aspecto maior da liderança. Empreendedorismo envolve qualquer forma de inovação que tenha uma relação com a prosperidade da empresa.”
<b>Schwartz:</b> independência; identificação de oportunidades. “Empreendedor: um inventor, um mercador, ou simplesmente alguém que busca independência, que usa uma oportunidade para desenvolver seus talentos para fundar uma nova companhia”.
<b>Shapiro:</b> iniciativa; transformação; risco. “Em quase todas as definições de empreendedorismo há um consenso de que nós estamos falando de um tipo de comportamento que inclui”: - tomada de iniciativa; - organização ou reorganização de mecanismos sócio-econômicos para transformar recursos e situações em contas práticas; e - aceitação do risco e fracasso. O principal recurso usado pelo empreendedor é ele mesmo [...]” (1975)
<b>Sirópolis:</b> crença; realização; pioneirismo. “Hoje tomamos como definição o termo empreendedor. Ele sugere espírito, zelo, idéias. Contudo, temos a tendência de usar a palavra livremente para descrever qualquer um que dirige um negócio, por exemplo, para a pessoa que preside a General Motors ou possui uma banca de frutas, ou a pessoa que é dona do McDonald's (franquia) ou vende assinaturas de revistas”. Antes a palavra “empreendedor” gozava de um significado mais puro, mais preciso. Descrevia apenas aqueles que criaram seus próprios negócios, aqueles como Henry Ford.
<b>Stacey:</b> flexibilidade; determinação. “Certamente, no início de sua carreira, o maior dom de um empresário tradicional é sua habilidade de explorar inúmeros caminhos para assegurar o seu sucesso, sem se tornar desanimado pelo fracasso ao longo do percurso; um dos seus dons é diminuir suas perdas rapidamente; e um outro é levantar-se, sacudir a poeira e tentar novamente” (1980).
<b>Stevenson and Gumpert:</b> direcionamento; flexibilidade; tenacidade. “Um Raio-X da organização empresarial revela essas características dinâmicas: encorajamento da imaginação dos indivíduos; flexibilidade; e voluntariedade em aceitar riscos” (1985).

Fonte: Iniciando um Pequeno Grande Negócio (Módulo I) – SEBRAE (www.sebrae.com.br),2008.

As definições trazidas no quadro anterior tiveram como foco as características pessoais do indivíduo empreendedor, onde os economistas, como Baumol e Say, associam empreendedor com inovação, enquanto os psicólogos e sociólogos, como Fillion e Lynn, concentram-se nos aspectos ligados à criatividade, à intuição. Para Fillion (1999), os psicólogos e sociólogos são chamados de comportamentalistas, pois são especialistas em comportamento humano. E, para o autor, um dos primeiros pesquisadores deste grupo a mostrar interesse pelos empreendedores foi Max Weber, que identificou o sistema de valor como um elemento fundamental da explicação do comportamento empreendedor. Max

Weber, segundo Filion (1999), via os empreendedores como inovadores, pessoas independentes cujo papel como líderes de negócio exprimia uma fonte de autoridade formal.

Segundo a definição de Schumpeter citada no quadro 1 e desenvolvida dentro de um contexto econômico, um empreendedor tanto pode ser uma pessoa que inicie sua própria empresa, como alguém comprometido com a inovação de empresas já constituídas. Quero aproximar os dizeres do economista com o papel de um professor na escola ou na universidade, pois quando um professor é contratado para prestar seus serviços em uma instituição de ensino, se ele for um empreendedor, irá inovar, transformando o que existe. E, conforme novas oportunidades forem surgindo, o professor com visão empreendedora as perceberá e as explorará, continuando o ciclo da inovação, já que, no meu entender, empreendedorismo é um processo contínuo.

## 2.2 O SURGIMENTO DO EMPREENDEDORISMO – UM POUCO DE HISTÓRIA

A palavra empreendedor (*entrepreneur*) surgiu na França por volta dos séculos XVII e XVIII, com o objetivo de designar aquelas pessoas ousadas que estimulavam o progresso econômico, assumindo riscos e começando algo novo. (DORNELAS, 2001) Para o autor, um primeiro exemplo de definição de empreendedorismo pode ser creditado a Marco Polo, navegador italiano, que tentou estabelecer uma rota comercial para o Oriente, a Rota da Seda. Como empreendedor, Marco Polo teria assinado um contrato com um homem que possuía dinheiro (capitalista) para vender as mercadorias deste. Para Dornelas (2001), naquela época, o capitalista era alguém que assumia riscos de forma passiva, e o “aventureiro empreendedor, assumia o papel ativo, correndo todos os riscos físicos e emocionais” (p. 27) .

Na Idade Média, segundo Dornelas (2001), o termo empreendedor foi utilizado para definir aquele que gerenciava grandes projetos de produção. Esse indivíduo não assumia grandes riscos, apenas gerenciava projetos utilizando

recursos provenientes do governo. No século XVII ocorreram os primeiros indícios de relação entre assumir riscos e empreendedorismo, pois o empreendedor começou a estabelecer um acordo contratual com o governo para realizar algum serviço ou fornecer produtos (DORNELAS, 2001).

Já no século XVIII, o capitalista e o empreendedor foram finalmente diferenciados, devido ao início da industrialização. Dornelas (2001) traz como exemplo as pesquisas referentes a eletricidade e química, do empreendedor Thomas Edison, “que só foram possíveis com o auxílio de investidores que financiaram os experimentos” (p. 28).

Desde o final do século XIX até os dias atuais, os empreendedores são frequentemente confundidos com gerentes ou administradores, sendo analisados meramente sob ponto de vista econômico, como aqueles que organizam a empresa, pagam os empregados, planejam, dirigem e controlam as ações desenvolvidas na organização, mas sempre a serviço do capitalista.

Para Dornelas (2001):

Aqui cabe uma breve análise das diferenças e similaridades entre administradores e empreendedores, pois muito se discute a respeito desse assunto. Todo empreendedor necessariamente deve ser um bom administrador para obter sucesso, no entanto, nem todo bom administrador é empreendedor. O empreendedor tem algo mais, algumas características e atitudes que o diferenciam do administrador tradicional (p. 28).

O conceito de empreendedorismo está também muito relacionado aos pioneiros da alta tecnologia do Vale do Silício, na Califórnia. Ainda nos EUA, o Babson College tornou-se um dos mais importantes polos de dinamização do espírito empreendedor, com enfoque no ensino de empreendedorismo na graduação e pós-graduação, com base na valorização da oportunidade e da superação de obstáculos, conectando teoria com a prática, introduzindo a educação para o empreendedorismo através do currículo e das atividades extracurriculares. É notória

a atual ênfase dada ao empreendedorismo e à inovação como temas centrais nas melhores Universidades Norte-Americanas (WIKIPÉDIA, 2008).

Penso que o empreendedorismo ainda está à margem na maioria das instituições de ensino, pois os educadores, muitas vezes, o relacionam com capitalismo, lucro e gestão. Desconhecem as definições dos pensadores supracitados e, por conseguinte, não sabem que empreender também tem a ver com postura, com liderança, com mudança, com atitude e, principalmente, com ação. No próximo subcapítulo, tento esclarecer a proximidade existente entre o empreendedor, o administrador e a educação.

### 2.3 O ADMINISTRADOR E O EMPREENDEDOR: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS

Este subcapítulo se faz presente neste trabalho, pois existe no senso comum a crença de que para ser empreendedor a pessoa deve ser um empresário, um administrador de uma empresa ou dono de um negócio e que o empreendedorismo nada tem a ver com a educação. Esta tese defende a ideia de que qualquer pessoa, qualquer profissional pode aprender a empreender, inclusive e, principalmente, o professor. Toda e qualquer pessoa, em qualquer área do conhecimento, pode ser um empreendedor e se utilizar da teoria empreendedora para qualificar-se pessoal e profissionalmente.

Segundo a literatura pesquisada, o administrador tem sido objeto de estudo há muito mais tempo que o empreendedor e, mesmo assim, ainda persistem dúvidas sobre o que o administrador realmente faz. A abordagem clássica ou processual, com foco na impessoalidade, na organização e na hierarquia, propõe que o trabalho do administrador ou a arte de administrar concentre-se nos atos de planejar, organizar, dirigir e controlar. Segundo Dornelas (2001), o principal divulgador desse princípio foi Henry Fayol, no início do século XX, e vários outros autores reformularam ou complementaram seus conceitos com o passar dos anos.

Dornelas (2001) segue colocando que outra abordagem sobre o trabalho do administrador foi feita por Rosemary Stewart, em 1982, do Oxford Center Management Studies, que acreditava que “o trabalho dos administradores é semelhante ao dos empreendedores, já que compartilham de três características principais: demandas, restrições e alternativas” (p. 29).

Para Dornelas (2001), o empreendedor de sucesso possui características extras, além dos atributos do administrador, e alguns atributos pessoais que, somados a características sociológicas e ambientais, permitem o nascimento de uma nova empresa. Ou seja, o empreendedor é um administrador, mas com diferenças consideráveis em relação aos gerentes ou executivos de organizações tradicionais, pois os empreendedores são mais visionários do que os gerentes.

Para explicar os dizeres de Dornelas (2001), é necessário trazer à discussão a teoria visionária de Filion (1991) que coloca que o empreendedor é uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões em todos os tipos de áreas, como política, religião, educação, etc.. Para Filion visão “é uma imagem projetada no futuro, do lugar que se quer ver ocupado pelos seus produtos no mercado, assim como a imagem projetada do tipo de organização necessária para consegui-lo.” Para o autor, os elementos que funcionam como suporte para a formação da visão são: “conceito de si, energia, liderança, compreensão de um setor e relações.” (p.65)

Filion (1991) segue afirmando que o conceito de si é a principal fonte de criação. É a forma como a pessoa se vê. É a imagem que tem de si mesma. E essa autoimagem irá influenciar fortemente o desempenho da pessoa. No conceito de si, segundo o autor, estão contidos os valores de cada um, sua forma de ver o mundo e sua motivação e quase sempre está vinculado a modelos, ou seja, às pessoas com as quais o indivíduo se identifica. O conceito de si pode mudar em função do contexto em que o sujeito opera, portanto, pode variar em função das relações que estabelece, do trabalho que desenvolve, da visão que constrói do mundo afetivo, suas conquistas e fracassos.

Remetendo o “conceito de si” de Filion (1991) para a sala de aula, pergunto: como o professor se vê? Qual é a imagem que o aluno tem de si mesmo? Quais são

os valores que transitam em uma sala de aula na universidade? Quais são os modelos seguidos pelos professores e quais são os modelos a serem seguidos pelos alunos? Respondo o último questionamento: um modelo a ser seguido pelos universitários deve ser de professores empreendedores, pois são indivíduos visionários, motivados, que acreditam em si e possuem autoconhecimento.

Outro elemento que funciona como suporte para a formação da visão é a energia. (Filion, 1991) E, para o autor, energia tem a ver com a quantidade e a qualidade de tempo dedicado ao trabalho. A energia é influenciada pelo conceito de si e pelos valores que vão determinar o quanto estamos dispostos a investir em determinada atividade. A dedicação à empresa deve ser total. Levando a energia de Filion (1991) para a educação, pergunto: quanto tempo os professores dedicam para planejar suas aulas? Quanto tempo dedicam em busca da qualidade de seu serviço e em busca de diferentes formas de ensinar e de aprender? Qual é o tamanho da dedicação dada à instituição de ensino onde trabalham? Para mim, professores empreendedores são a essência para as mudanças que devem ocorrer na educação. Professores empreendedores são bem preparados, são dedicados, planejam suas aulas como se fossem os alunos, enfim, possuem a energia citada por Filion (1991), sabendo discernir perfeitamente entre quantidade e qualidade do trabalho, pois o alvo do professor empreendedor não é o trabalho em si, mas o resultado que dele advém, que é a aprendizagem.

O autor advoga que energia é um dos elementos essenciais na formação das condições para o exercício da liderança, que é outro elemento que funciona como suporte para a formação da visão. Para ele, “líder é alguém capaz de convencer seus colaboradores de que podem chegar no futuro a um ponto favorável para todos e de mostrar-lhes que conhece os meios para isso.”(p.68) Bem, reportando a liderança de Filion para a educação, ressalto a importância do professor empreendedor para o alcance da mesma, já que acredito que esse professor convence seus alunos de que eles possuem total condição para percorrer caminhos tortuosos e longos indo ao alcance de seus sonhos e objetivos de vida. Além disso, esse profissional consegue motivar seus alunos através de uma gama de conhecimentos, legitimados pelos discentes.

O penúltimo elemento citado por Filion (1991) e que funciona como suporte para a formação da visão é a compreensão do setor. E, para o autor, compreender o setor significa

saber como são estruturadas e como funcionam as empresas que atuam em um determinado ambiente, como os negócios se processam, quem são os clientes, como se comportam e qual é o seu potencial, pontos fortes e fracos da concorrência. [...] É indispensável conhecer os fornecedores dos insumos essenciais e formas ideais para o desenvolvimento. Deve-se saber o que acontece no mundo, ameaças e oportunidades apresentadas, tendências tecnológicas, funcionamento do mercado concorrencial (p.69)

O que significa “compreender o setor” na educação? Sugere, em um primeiro momento, uma expressão que não condiz com o mundo acadêmico, somente com o mundo empresarial, mas tentarei mostrar que tudo parece estar interligado. Para que o professor tenha sucesso profissional na universidade, não basta dominar os conteúdos de sua área de atuação. Ele deve interessar-se sobre gestão e descobrir como ocorre o movimento de outras instituições de ensino superior. Deve preocupar-se com o número de alunos e, se esse diminui na universidade onde atua, deve fazer com que sua aula funcione como um ímã que manterá os alunos em sua universidade. Utilizei a metáfora do ímã, pois acredito que se uma aula é bem planejada, com conteúdos bem definidos, com objetivos transparentes e sérios, e é ministrada por um professor preocupado com a utilização de novas tecnologias, que tem boas relações com os alunos e que exerce liderança positiva, essa aula e esse professor auxiliarão a construir uma relação de fidelidade entre o aluno e a universidade.

O último elemento citado por Filion (1991) para a formação da visão são as relações, para o autor, entre todos os elementos de suporte à visão, o sistema de relações parece ser o mais importante, pois “é aquele que influencia com maior intensidade a criação e a evolução de uma visão” (p.70). O autor segue afirmando que o futuro empreendedor, para aprofundar-se em sua ideia, procura pessoas, obtendo informações para aprimorá-la, testá-la e verificar se poderá ser um bom negócio. Procura ler sobre o assunto e participar de feiras, sempre pensando na melhoria de sua ideia. Aproximo novamente os dizeres do autor com a educação e o

resultado que encontro é de que as relações também são essenciais para a edificação de uma aula empreendedora. Todo o professor deve, constantemente, interagir com as mais diferentes pessoas, deve trocar ideias de ações metodológicas e práticas pedagógicas com seus pares, não tendo receio de socializar suas certezas e incertezas no que tange à sala de aula. Todo o professor deve realizar leituras, muitas leituras sobre todos os tipos de assuntos e participar constantemente de cursos de capacitação, objetivando a formação continuada e, conseqüentemente, uma melhor sala de aula.

Iniciei este subcapítulo afirmando que toda e qualquer pessoa, em qualquer área do conhecimento, pode ser um empreendedor e se utilizar da teoria empreendedora para qualificar-se pessoal e profissionalmente. Também afirmei que empreendedorismo está intimamente relacionado com educação, com escola e com universidade. Durante a análise das ideias de Filion sobre visão, tentei realizar uma aproximação entre a teoria visionária do autor e a educação. O resultado, ao meu ver, consegue corroborar minhas afirmações, pois, no meu entender, consegui uma aproximação possível e realista entre as duas partes, na intenção única de melhorar a educação que aí está através do empreendedorismo.

Sobre a questão das semelhanças e diferenças entre um administrador e um empreendedor, sigo os pensamentos de Dornelas (2001), que coloca o administrador mais como um cumpridor e reproduzidor de tarefas, um controlador, faltando-lhe o algo mais que encontramos em um empreendedor, que é a visão de Filion. Para mim, o professor empreendedor busca indicadores e características no administrador, pois, como docente, ele necessita planejar e organizar; só que vai além, pois é um visionário e, por isso, coloca em prática na sua vida pessoal e profissional os ensinamentos de Filion (1991).

### **2.3.1 O Empreendedor**

Para Dolabela (1999), o empreendedor é alguém que define por si mesmo o que vai fazer e em que contexto será feito. Ao definir o que vai fazer, ele leva em

conta seus sonhos, desejos, preferências, o estilo de vida que quer ter. Dessa forma, consegue dedicar-se intensamente, já que seu trabalho se confunde com o prazer. O autor coloca que:

[...] a tese de que o empreendedor é fruto de herança genética não é mais relevante nos meios científicos, onde a preocupação maior não é a existência ou não de uma possível hereditariedade, mas sim, saber se é possível aprender a ser empreendedor. As conclusões a esse respeito são afirmativas, mas o ensino deve seguir uma metodologia própria, bastante diferente da utilizada no ensino tradicional (p.68-69).

Para Dolabela (1999,p.69), são considerados exemplos de empreendedores:

- Um indivíduo que cria uma empresa, qualquer que seja ela;
- Uma pessoa que compra uma empresa e introduz inovações, assumindo riscos, seja na forma de administrar, vender, fabricar, distribuir ou de fazer propaganda dos seus produtos e/ou serviços, agregando novos valores;
- Um empregado que introduz inovações em uma organização, provocando o surgimento de valores adicionais.

Contudo, para o autor, não se considera empreendedora uma pessoa que, por exemplo, adquira uma empresa e não introduza qualquer inovação, seja na forma de vender ou na forma de atender clientes, mas somente gerencie o negócio.

Os estudos na área do empreendedorismo mostram que as pessoas com características ou espírito empreendedor têm um novo olhar sobre o mundo, à medida que presenciam a evolução. Valorizam suas experiências, tomando decisões acertadas. Abrem novas trilhas, exploram novos conhecimentos, definem objetivos e não têm medo de dar o primeiro passo. De acordo com Gerber (1996), o século XVIII foi marcado por grandes modificações nos processos industriais. A revolução industrial teve início no século XVII, caracterizando-se pela mudança dos processos produtivos que eram feitos manualmente e passaram a ser feitos por máquinas. Essa época modificou ou transformou os meios de produção, as relações econômicas, as relações sociais e as relações culturais. Como consequência,

aconteceu a divisão do trabalho, a produção em série e a urbanização. O homem passou a ser visto como uma máquina produtiva e não como gente (LEITE, 2000).

Segundo Leite (2000), nas qualidades pessoais de um empreendedor, entre muitas, destacam-se: iniciativa, visão, coragem, firmeza, decisão, atitude de respeito humano, capacidade de organização e direção. Traçar metas, atualizar conhecimentos, ser inteligente, do ponto de vista emocional, conhecer teorias de administração, de qualidade e gestão, são mudanças decorrentes da globalização e da revolução da informação.

Na educação, sob minha ótica, o empreendedor deve focalizar o ensino e a aprendizagem nos quatros pilares da educação (DELORS, 2001): aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser e, com isso, ser capaz de tomar a decisão certa frente aos desafios e exigências que surgem em uma sala de aula. Além dos 4 pilares, o professor empreendedor também deve embasar suas crenças e atitudes em um quinto pilar: o aprender a empreender, pois novas habilidades vêm sendo exigidas dos profissionais da educação para poderem enfrentar a globalização com responsabilidade, competência e autonomia.

O mercado de trabalho está em busca de profissionais que estejam constantemente desenvolvendo novas habilidades e competências, descobrindo e transpondo seus limites. O futuro é cheio de incertezas, por isso, é preciso refletir sobre: habilidades pessoais e profissionais; criatividade; memória; comunicação e qual a melhor maneira de enfrentar este século. Diferenciar-se dos demais, revalidar seu diploma pessoal e profissional, rever convicções, incorporar outros princípios, mudar paradigmas, sobrepor idéias antigas a novas verdades, este é o perfil do profissional que, trocando informações, dados e conhecimentos, poderá fazer parte do cenário das organizações do futuro. São mudanças socioculturais e tecnológicas que fazem repensar hábitos e atitudes frente às novas exigências do mercado.

Essas mudanças e quebras de paradigmas ajudam a vencer a competitividade dos tempos modernos. Pela experiência que possuo como professora da disciplina de Empreendedorismo, posso afirmar que a maioria das pessoas, se estimuladas, podem desenvolver habilidades empreendedoras. Ouve-se

e fala-se que o empreendedor precisa ter visão, uma visão que vem de dentro. A maioria das pessoas tem pouca noção da verdadeira visão e dos níveis de significado da mesma. Ser visionário é imaginar cenários futuros, utilizando-se de imagens mentais (FILION, 1999). Ter visão é perceber possibilidades dentro do que parece ser impossível e o professor deve ser o indivíduo que anda, caminha ou viaja para inspirar os pensamentos inovadores de seus alunos.

Esse enfoque se volta à disposição de assumir riscos e nem todas as pessoas têm esta mesma disposição. Aquele que precisa de uma vida regrada, horários certos, salário garantido no fim do mês, não foi feito para ser empreendedor. O empreendedor assume riscos e seu sucesso está na “capacidade de conviver com eles e sobreviver a eles” (DEGEN, 1989, p. 11).

Gerber (2004) apresenta algumas diferenças dos três personagens que correspondem a papéis organizacionais, quais sejam:

- a) **o Empreendedor**, que transforma a situação mais trivial em uma oportunidade excepcional, é visionário, sonhador; o fogo que alimenta o futuro. Vive no futuro, nunca no passado, e raramente, no presente; nos negócios é o inovador, o grande estrategista, o criador de novos métodos para penetrar nos novos mercados;
- b) **o Administrador**, que é pragmático, vive no passado, almeja ordem, cria esquemas extremamente organizados para tudo;
- c) **o Técnico**, que é o executor, adora consertar coisas, vive no presente, fica satisfeito no controle do fluxo de trabalho e é um individualista determinado.

Para Gerber (2004) os três personagens estão em eterno conflito, sendo que, ao menor descuido, o técnico toma conta, matando o visionário, o sonhador, o personagem criativo que está sempre lidando com o desconhecido. Discordo um pouco do autor, pois acredito que uma pessoa possa ter as características dos três

personagens citados por ele e os três possam viver em conjunto, sem precisar que um “mate” o outro. Pensando em um professor, acredito que seja interessante ter a característica inovadora do empreendedor, mas acho igualmente importante ter a característica da organização do administrador e também é primordial que ele seja um executor que vive no presente, como o técnico.

Gerber (2004) coloca que os riscos fazem parte de qualquer atividade, sendo necessário aprender a administrá-los, pois são um dos fatores mais importantes que inibem o surgimento de novos empreendedores. Para o autor, um outro fator inibidor é o “capital social”, que são valores e idéias que sublimemente nos foram inculcados por nossos pais, professores, amigos e outros que influenciaram na nossa formação intelectual e que, inconscientemente, orientam nossas vidas.

Dessa forma, segundo o autor, existe uma reprodução de histórias de vida, em que, por exemplo, um pai médico desperta no filho o ideal de seguir a mesma carreira, não permitindo, muitas vezes, que o filho tenha autonomia para escolher o seu futuro. Talvez acabamos reproduzindo o que já está posto e deu certo, pois não somos preparados ao longo de nossa estada na escola e na universidade para emprender, para aceitar desafios, para correr riscos e para inovar; mas sim para reproduzir modelos já constituídos na sociedade. Gerber (2004) acredita que o que falta, na verdade, é motivação para uma tomada de decisão para se tornar um empreendedor, o que pode ser conquistado, segundo minhas percepções, através da educação e de seus professores empreendedores.

Para Dornelas (2001), o empreendedor que conquista o sucesso possui as seguintes características:

Quadro 2 – Características dos empreendedores de sucesso

<b>São visionários</b>	Eles têm a visão de como será o futuro para seu negócio e sua vida e, o mais importante: eles têm a habilidade de implementar seus sonhos.
<b>Sabem tomar decisões</b>	Eles não se sentem inseguros, sabem tomar as decisões corretas na hora certa, principalmente nos momentos de adversidade, sendo isso um fator chave para o seu sucesso. E mais: além de tomar decisões, implementam suas ações rapidamente.
<b>São indivíduos que fazem a diferença</b>	Os empreendedores transformam algo de difícil definição, uma idéia abstrata, em algo concreto que funciona, transformando o que é possível em realidade (KAO, 1989; KETS DE VRIES, 1997). Sabem agregar valor aos serviços e produtos que colocam no mercado.
<b>Sabem explorar ao máximo as oportunidades</b>	Para a maioria das pessoas, as boas idéias são daqueles que as vêem primeiro, por sorte ou acaso. Para os visionários (os empreendedores), as boas idéias são geradas a partir daquilo que todos conseguem ver, mas não identificaram algo prático para transformá-las em oportunidade, por meio de dados e informação. Para Schumpeter (1949), o empreendedor é aquele que quebra a ordem corrente e inova, criando mercado com uma oportunidade identificada. Para Kirzner (1973), o empreendedor é aquele que cria um equilíbrio, encontrando uma posição clara e positiva em um ambiente de caos e turbulência, ou seja, identifica oportunidades na ordem presente. Porém, ambos são enfáticos em afirmar que o empreendedor é um exímio identificador de oportunidades, sendo um indivíduo curioso e atento a informações, pois sabe que suas chances melhoram quando seu conhecimento aumenta.
<b>São determinados e dinâmicos</b>	Eles implementam suas ações com total comprometimento. Atropelam as adversidades, ultrapassando os obstáculos, com uma vontade ímpar de “fazer acontecer”. Mantêm-se sempre dinâmicos e cultivam um certo inconformismo diante da rotina.
<b>São dedicados</b>	Dedicam 24h por dia, 7 dias por semana, ao seu negócio. Comprometem o relacionamento com amigos, com a família, e até mesmo com a própria saúde. São trabalhadores exemplares, encontrando energia para continuar, mesmo quando encontram problemas pela frente. São incansáveis e loucos pelo trabalho.
<b>São otimistas e apaixonados pelo que fazem</b>	Eles adoram o trabalho que realizam. E é esse amor ao que fazem o principal combustível que os mantêm cada vez mais animados e autodeterminados, tornando-os os melhores vendedores de seus produtos e serviços, pois sabem, como ninguém, como fazê-lo. O otimismo faz com que sempre enxerguem o sucesso, em vez de imaginar o fracasso.
<b>São independentes e constroem o próprio destino</b>	Eles querem estar à frente das mudanças e ser donos do próprio destino. Querem ser independentes, em vez de empregados; querem criar algo novo e determinar os próprios passos, abrir os próprios caminhos, ser o próprio patrão e gerar empregos.
<b>Ficam ricos</b>	Ficar rico não é o principal objetivo dos empreendedores. Eles acreditam que o dinheiro é consequência do sucesso dos negócios.
<b>São líderes e formadores de equipes</b>	Os empreendedores têm um senso de liderança incomum. São respeitados e adorados por seus funcionários, pois sabem valorizá-los, estimulá-los e recompensá-los, formando um time em torno de si. Sabem que, para obter êxito e sucesso, dependem de uma equipe de profissionais competentes. Sabem ainda recrutar os melhores para assessorá-los nos campos onde não detêm o melhor conhecimento.
<b>São bem relacionados (networking)</b>	Os empreendedores sabem construir uma rede de contatos que os auxiliam no ambiente externo da empresa, junto a clientes, fornecedores e entidades de classe.
<b>São organizados</b>	Os empreendedores sabem obter e alocar os recursos materiais,

	humanos, tecnológicos e financeiros, de forma racional, procurando o melhor desempenho para o negócio.
<b>Planejam, planejam, planejam</b>	Os empreendedores de sucesso planejam cada passo de seu negócio, desde o primeiro rascunho do plano de negócios, até a apresentação do plano a investidores, a definição das estratégias de marketing do negócio, etc, sempre tendo como base a forte visão de negócio que possuem.
<b>Possuem conhecimento</b>	São sedentos pelo saber e aprendem continuamente, pois sabem que quanto maior o domínio sobre um ramo de negócio, maior é sua chance de êxito. Esse conhecimento pode vir da experiência prática, de informações obtidas em publicações especializadas, em cursos, ou mesmo de conselhos de pessoas que montaram empreendimentos semelhantes.
<b>Assumem riscos calculados</b>	Talvez essa seja a característica mais conhecida dos empreendedores. Mas o verdadeiro empreendedor é aquele que assume riscos calculados e sabe gerenciar o risco, avaliando as reais chances de sucesso. Assumir riscos tem relação com desafios. E para o empreendedor, quanto maior o desafio, mais estimulante será a jornada empreendedora.
<b>Criam valor para a sociedade</b>	Os empreendedores utilizam seu capital intelectual para criar valor para a sociedade, com a geração de empregos. Dinamizam a economia, inovando, sempre usando sua criatividade em busca de soluções para melhorar a vida das pessoas.

Fonte : Dornelas (2001, p. 31-33).

Todas as colocações sobre o empreendedor transcritas até aqui podem, ao meu ver, ser transpostas para a educação, pois acredito que a teoria do empreendedorismo pode ser utilizada como base para a conquista de uma educação empreendedora, que pode ser disseminada por professores empreendedores através de posturas inovadoras em suas salas de aula. Lembro que empreendedorismo não deve ser confundido com qualidade total, teoria que adentrou nas escolas e universidades de uma maneira um tanto avessa, causando alguns transtornos, dos quais, o principal, para mim, foi ter transformado o aluno em um cliente que só tem direitos. A educação empreendedora que defendo neste trabalho quer oportunizar uma transformação positiva nas instituições de ensino, através de professores empreendedores. E essas transformações têm o objetivo de ressignificar as dimensões pessoais, pedagógicas e culturais que permeiam o ato educativo e que estão sendo expostas ao longo deste trabalho.

### 2.3.2 O Intraempreendedor

Conceito cada vez mais difundido nas organizações, o Intraempreendedorismo é a versão em português do termo francês “intrapreneur”, que significa empreendedor interno. O intraempreendedor é aquele profissional que, a partir de uma idéia, e recebendo liberdade, incentivo e recursos da empresa onde trabalha, dedica-se entusiasticamente em transformá-la em um produto de sucesso. Não é necessário deixar a empresa onde trabalha, como faria o empreendedor, para vivenciar as emoções, riscos e gratificações de uma idéia transformada em realidade.

Para entender como o intraempreendedor pode se desenvolver e crescer dentro de uma empresa, é preciso deixar de lado a idéia de cumpridor de tarefas. Há anos, as empresas buscam melhores patamares de resultados, porém, essa expectativa, muitas vezes, acaba não ocorrendo, já que a forma como os funcionários trabalham, pouco se modernizou. O caminho é investir no espírito empreendedor. A prática, conhecida como intraempreendedorismo, é um sistema desenvolvido para acelerar as inovações dentro de grandes empresas, através do melhor aproveitamento dos seus talentos. O desafio é conseguir desenvolver os comportamentos empreendedores para que os participantes possam atuar como agentes de mudanças em suas organizações, melhorando processos e criando novas oportunidades de negócio (MARTINELLI, 2003).

Para estimular e trabalhar o espírito intraempreendedor, algumas empresas estão investindo em programas de desenvolvimento para seus colaboradores. O consultor Joacir Martinelli (2003), que estuda e trabalha com o intraempreendedorismo há quatro anos, diz que empreender significa levar adiante uma idéia e coloca que não podemos considerar empreendedora apenas aquela pessoa que tem um negócio próprio. Um atleta, um professor, um artista, um funcionário dentro da sua área pode empreender e conseguir realizar mais do que a maioria das pessoas. As crenças do autor são minhas crenças, pois penso que o professor pode ser um intraempreendedor, mas sei o quão difícil é implementar projetos pessoais e profissionais inovadores que, muitas vezes, vão de encontro

com o projeto educacional que está posto e consolidado em nossas instituições de ensino.

Para Martinelli (2003), não é difícil identificar pessoas que, no dia-a-dia, conseguem efetivar seus objetivos, mesmo diante de adversidades. Outras, entretanto, não obtêm o mesmo êxito, ainda que em condições favoráveis. Segundo o autor, pode-se concluir que, além do preparo técnico específico para a efetivação de um projeto e de um ambiente favorável, existem também aspectos pessoais que aumentam a probabilidade de levar a cabo qualquer desafio. O que se espera são pessoas ativas, que vivam profundamente suas metas e que assumam a responsabilidade pessoal de implementar novas idéias e transformá-las em sucesso. Para ele, os *intrapreneurs* (empreendedores internos) fazem a diferença entre o sucesso e o fracasso da empresa.

O custo de se perder talentos empreendedores é maior que o da simples perda de um técnico qualificado ou de um elemento eficaz de uma área administrativa específica, ensina Martinelli (2003). Para entender como o intra-empendedor pode se desenvolver e crescer dentro de uma empresa, é preciso deixar de lado conceitos como “bom tarefeiro”. Existem duas necessidades que fazem com que as companhias deixem de desejar apenas ‘bons tarefeiros’. A primeira é a de estar constantemente atualizando produtos, por causa da concorrência e novos nichos de mercado. Essa necessidade é suprida pela aguçada visualização de oportunidade que se manifesta em pessoas com perfil empreendedor.

A segunda está voltada para o interior da empresa, na busca da melhoria contínua em todos os processos, o que também exige empreendedores para efetivar as mudanças necessárias. Para que o profissional possa desenvolver um espírito empreendedor, é necessário que ele tenha aspectos em sua personalidade que sejam compatíveis com esse perfil. A importância dos profissionais empreendedores está no fato de que eles são os verdadeiros agentes de mudança nas empresas.

Seguem algumas características que diferenciam os funcionários empreendedores, segundo Joacir Martinelli (2003):

Quadro 3 – Características de um intraempreendedor

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tem visão sistêmica: não tem olhos apenas para o seu departamento, mas consegue visualizar a companhia como um todo. .</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atribui significado pessoal a tudo o que faz: tanto pelo trabalho como pela empresa onde atua. Isso inclui acreditar no negócio e ter a sensação de que a experiência está valendo a pena.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tem capacidade de implementar as idéias: implanta projetos com começo, meio e fim. Não basta ser um poço de idéias, é preciso implementá-las.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• É persistente: faz de tudo para que os projetos e negócios dêem certo. Tem capacidade de encontrar saídas para obstáculos que apareçam.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• É pró-ativo e se antecipa ao futuro: Faz as coisas antes mesmo de ser solicitado ou forçado pelas circunstâncias. Consegue antecipar a necessidade e vai além do pré-estabelecido.</li> </ul>

Fonte: Martinelli, 2003

Nossas instituições de ensino estão sedentas por intraempreendedores, professores que, como coloca Martinelli (2003), sejam persistentes, que sejam pró-ativos, que implementem ideias, que vejam oportunidades e que tenham visão sistêmica. Parece utopia? Acho que não - se tivermos mais e mais profissionais intraempreendedores, as salas de aula nos darão resultados positivos, que farão com que o local de trabalho seja cada vez mais um local prazeroso, um local onde ocorra aprendizagem, um local de construção de relações de bem estar, um local onde seja difundido o otimismo e um local em que a convivência entre os diferentes seja construída em um ambiente de respeito.

## 2.4 EMPREENDEDORISMO NO BRASIL

No Brasil, o empreendedorismo começou a ganhar força na década de 1990, durante a abertura da economia, quando entidades como Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e Softex (Sociedade Brasileira para Exportação de Software) foram criadas (DORNELAS, 2001). Antes disso, praticamente não se falava em empreendedorismo e em criação de pequenas empresas no Brasil. O Sebrae é um dos órgãos mais conhecidos do pequeno empresário brasileiro, que busca junto a essa entidade todo o suporte de que precisa para iniciar sua empresa, bem como consultorias para resolver pequenos problemas pontuais de seu negócio.

A entrada de produtos importados ajudou a controlar os preços, uma condição importante para o país voltar a crescer, mas trouxe problemas para alguns setores que não conseguiam competir com os importados, como foi o caso dos setores de brinquedos e de confecções, por exemplo. Para ajustar o passo com o resto do mundo, o país precisou mudar. Empresas de todos os tamanhos e setores tiveram que se modernizar para poder competir e voltar a crescer. O governo deu início a uma série de reformas, controlando a inflação e ajustando a economia e, em poucos anos, o país ganhou estabilidade, planejamento e respeito, e a economia voltou a crescer. Só no ano 2000, surgiu um milhão de novos postos de trabalho e investidores de outros países voltaram a aplicar seu dinheiro no Brasil, culminando com o aumento das exportações (WIKIPÉDIA, 2008).

Segundo Dornelas (2001), o histórico da entidade Softex pode ser confundido com a história do empreendedorismo no Brasil, na década de 90. A entidade foi criada com o intuito de levar as empresas de software do país ao mercado externo, por meio de várias ações que proporcionavam ao empresário de informática a capacitação em gestão e tecnologia. Foi com programas criados no âmbito da Softex em todo o país, junto a incubadoras de empresas e a universidade/cursos de ciências da computação/informática, que o tema empreendedorismo começou a despertar na sociedade brasileira (DORNELAS, 2001).

Segundo o autor, palavras como plano de negócios (*business plan*) eram praticamente desconhecidas e até “ridicularizadas pelos pequenos empresários” (p. 25). Passada mais de uma década, pode-se dizer que o Brasil entrará neste próximo milênio com todo o potencial para desenvolver um dos maiores programas de ensino de empreendedorismo de todo o mundo, “comparável apenas aos Estados Unidos, onde mais de 1.100 escolas ensinam empreendedorismo” (DORNELAS, 2001, p. 25).

No relatório executivo de 2000 do Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2000 apud DORNELAS, 2001), o Brasil aparece como o país que possui a melhor relação entre o número de habitantes adultos que começam um novo negócio e o total dessa população: 1 em cada 8 adultos. Nos Estados Unidos esta relação é de 1

em cada 10; na Austrália, 1 em cada 12; na Alemanha, 1 em cada 25; no Reino Unido, 1 em cada 33; na Finlândia e na Suécia, 1 em cada 50; e na Irlanda e no Japão, 1 em cada 100. Segundo Dornelas (2001), esses dados mostram que o assunto empreendedorismo merece estudos mais aprofundados no Brasil. Faltam políticas públicas duradouras dirigidas à consolidação do empreendedorismo no país, como alternativa à falta de emprego, e visando a respaldar todo esse movimento proveniente da iniciativa privada e de entidades não-governamentais, que estão fazendo a sua parte.

## 2.5 EMPREENDEDORISMO NA UNIVERSIDADE

Ensinar é uma profissão de mudanças e de cada vez mais amplas e diferentes expectativas. O ensino é um trabalho baseado em interações entre pessoas e, por isso, complexo e desafiador. Se num passado recente acreditava-se que ensinar era transmitir informações, hoje, “ensinar é desencadear um programa de interações com um grupo de alunos, a fim de atingir determinados objetivos educativos relativos à aprendizagem de conhecimentos e à socialização” (TARDIF, 2004, p. 118).

Os professores têm a difícil missão de motivar seus alunos a quererem aprender novos conhecimentos, procedimentos e atitudes que favoreçam a vida na sociedade. Motivá-los a querer aprender a selecionar conhecimentos para agir adequadamente em situações que se apresentam no cotidiano do trabalho e no convívio familiar, comunitário e planetário, não é tarefa fácil. Essa abrangência e profundidade dos conhecimentos exigidos no contexto atual tem representado um imenso desafio às instituições de ensino superior, responsáveis pela educação formal dos indivíduos.

À medida que a sociedade vai se estruturando a partir do conhecimento adquirido, o mercado de trabalho vai se modificando, gerando demandas por um novo tipo de profissional. Essa sociedade começa a esperar mais das Universidades em termos de contribuições ao processo de desenvolvimento econômico e social.

Nesse contexto, as demandas da sociedade crescem constantemente e a capacidade das Instituições de Ensino Superior de responderem ao mercado acaba desequilibrando-se (AUDY, 2006).

Segundo Audy (2006):

O conceito de Universidade Empreendedora emerge como uma resposta às novas demandas da sociedade. Mas este conceito é ainda muito controverso no meio acadêmico, apresenta grandes desafios e envolve uma série de outros conceitos relevantes associados, tais como inovação, criatividade e risco. A busca por uma Universidade mais flexível e com capacidade de adaptação às mudanças é um desafio que muitas instituições estão enfrentando (p. 57).

No Centro Universitário UNIVATES as inquietações trazidas por Audy (2006) também ganharam força, fazendo com que surgissem os seguintes questionamentos: Por que introduzir a cultura empreendedora em nossa universidade? Quais motivos estão por trás da necessidade de motivar e estimular os nossos jovens a abrir o próprio negócio ou ter atitudes empreendedoras na área que escolherem para atuar? Quais elementos tornam esta necessidade urgente? Qual deve ser o perfil do professor e do aluno empreendedor?

Foi pensando nesses questionamentos, em futuras transformações nas pessoas e em sua Visão Institucional, que diz “Ser uma Instituição de Ensino Superior reconhecida pela qualidade, onde se destacam os compromissos com a inovação, com o empreendedorismo e com os valores do associativismo.”, que a UNIVATES – Centro Universitário, localizado em Lajeado, RS, institucionalizou, no ano de 2004, a disciplina de Empreendedorismo. Essa disciplina tem como objetivo principal trabalhar a autorreflexão com os alunos, levando-os a pensar sobre suas atitudes frente aos desafios pessoais e profissionais do dia-a-dia, mas não uma autorreflexão destituída de atitude - a idéia é a de que, após refletir, os envolvidos no processo coloquem em ação o que deve ser mudado, o que deve ser aprimorado.

Pesquisas indicam que o empreendedorismo oferece graus elevados de realização pessoal. Por ser a exteriorização do que se passa no âmago de uma

pessoa, a atividade empreendedora faz com que trabalho e prazer andem juntos. Os valores do nosso ensino não sinalizam para o empreendedorismo, estando voltados, em todos os níveis, para a formação de profissionais que irão buscar emprego no mercado de trabalho. Assim, o emprego assume um valor fundamental na formação da nossa sociedade (DOLABELA, 1999).

Dolabela (1999) segue afirmando que outra característica nos cursos profissionalizantes e universitários é a “cultura da grande empresa”, ou seja, quando se fala de empresa, são abordados os temas relativos às grandes organizações, e não os característicos dos pequenos negócios. Os cursos de administração, com raríssimas exceções, são voltados quase exclusivamente para o gerenciamento de grandes empresas. Por outro lado, muitas das nossas instituições de ensino estão distanciadas dos “sistemas de suporte”: empresas, órgãos governamentais, financiadores, associações de classe, entidades das quais os pequenos empreendedores dependem para sobreviver. As relações universidade-empresa, indispensáveis na formação de empreendedores, são ainda incipientes no Brasil.

Visando à aproximação universidade/empresa e à formação de empreendedores e não de empregados durante o semestre, além de outros conteúdos, são trabalhados conceitos sobre empreendedorismo, características dos empreendedores e a importância dos empreendedores para o desenvolvimento da sociedade. A disciplina tenta resgatar a arte de fazer perguntas, sendo que o aluno deixa de ser um mero espectador do processo de ensinar e aprender e parte para a ação, auxiliando na construção de seu aprendizado.

Para Peter Drucker (2000), o empreendedorismo não é nem arte, nem ciência, ele é, sim, uma prática. Para Schumpeter (1997), o empreendedor é o homem que realiza coisas novas e não, necessariamente, aquele que inventa. O autor segue colocando que empreendedorismo envolve qualquer forma de ação inovadora que tenha uma relação com a prosperidade da empresa. De acordo com esse autor, um empreendedor tanto pode ser uma pessoa que inicie sua própria empresa, como alguém comprometido com a inovação em empresas já constituídas, o intraempreendedor.

Muito se tem falado sobre instituições empreendedoras, seu papel e impacto na sociedade. Destacam-se como novas funções da universidade moderna, a promoção e a própria indução de programas voltados para a difusão do empreendedorismo. Seu fomento pode ser dado de diversas formas, mas, sobretudo, por meio de ações que mostrem que a organização cria novos desafios e ações, sem medir esforços para obter resultados positivos.

A disciplina de Empreendedorismo, da UNIVATES, tenta mudar a postura passiva, que geralmente é típica na maioria dos alunos, motivando-os na busca da edificação de uma postura de envolvimento, de ação, de liderança, enfim, uma postura empreendedora. A universidade firmou uma parceria com o SEBRAE e por isso é utilizado, na disciplina de Empreendedorismo, como fonte de pesquisa, um material didático produzido por essa organização, o *Aprender a Empreender*, que é composto de um livro e de um DVD. Cada capítulo do livro apresenta informações técnicas, ferramentas e orientações gerais para o melhor desempenho de um negócio. Traz, também, um conjunto de características do comportamento empreendedor, qualidades que todo o empreendedor precisa apresentar para obter sucesso. No quadro que segue estão listadas as 10 características do perfil de um empreendedor trabalhadas a partir do material *Aprender a Empreender*.

Quadro 4 – As 10 características do perfil de um empreendedor trabalhadas na disciplina de Empreendedorismo da UNIVATES

1. Busca de oportunidades e iniciativa	Aproveitar oportunidades fora do comum para começar um negócio, obter financiamentos, equipamentos, terrenos, local de trabalho ou assistência.
2. Correr riscos calculados	Avaliar alternativas e calcular riscos deliberadamente.
3. Exigência de qualidade eficiência	Encontrar maneiras de fazer coisas de um modo melhor, de forma mais rápida, ou com menor custo.
4. Persistência	Agir repetidamente ou mudar de estratégia para enfrentar um desafio ou superar um obstáculo.
5. Comprometimento	Fazer um sacrifício pessoal ou despende um esforço extraordinário para completar uma tarefa.
6. Busca de informações	Dedicar-se pessoalmente a obter informações de clientes, fornecedores e concorrentes.
7. Estabelecimento de metas	Estabelecer metas e objetivos que são desafiadores e que têm significado pessoal.
8. Planejamento e monitoramento sistemáticos	Planejar dividindo tarefas de grande porte em subtarefas com prazos definidos.
9. Persuasão e redes de contatos	Utilizar estratégias deliberadas para influenciar ou persuadir os outros.
10. Independência e autoconfiança	Buscar autonomia em relação a normas e controles de outros.

Fonte: SEBRAE (2008)

O quadro nos traz as dez características do perfil do empreendedor e, através delas, podemos averiguar que a maioria das características aqui citadas, encontram-se nas entrelinhas dos projetos pedagógicos dos cursos, na parte em que se referem ao perfil dos egressos. Praticamente todos os cursos de graduação da UNIVATES têm como objetivo formar alunos que sejam independentes, autoconfiantes, que sejam persistentes e comprometidos com o seu trabalho e com sua formação, que sejam capazes de enfrentar dificuldades com segurança e destreza. Por isso, infiro que a disciplina de Empreendedorismo contribui significativamente na edificação das características que compõem o perfil dos egressos dos cursos de graduação da IES.

Além de trabalhar o material produzido pelo SEBRAE, os professores que atuam na disciplina desafiam seus alunos com dois projetos: o projeto de criação de um produto ou serviço inovador e o projeto de empreendedorismo social. No primeiro, os alunos são desafiados a criar algo que não existe ou inovar algo que já

tem no mercado. Além da criação, devem montar para essa nova empresa um miniplano de negócios, preocupando-se com as questões financeiras, com a aceitação do produto ou do serviço pelo mercado consumidor, com o marketing e credibilidade e viabilidade do produto/serviço.

No segundo projeto, os alunos devem procurar alguma entidade da região (asilos, creches, abrigos, escolas), visitá-la para identificar o cenário no qual está inserida, verificar o público-alvo que será beneficiado, realizar uma análise de tempo e recursos necessários para atingir as metas estipuladas e, por fim, descrever a operacionalização das tarefas. Essas ações podem ser desde uma coleta de doativos, de alimentos não-perecíveis até a pintura de muros, colocação de luminárias, rifas para a compra de máquinas de lavar roupa, e tantas outras que vão surgindo a cada semestre.

O primeiro projeto ocorre desde a criação da disciplina e o segundo surgiu em 2007, com o intuito de trabalhar cidadania, e está sendo muito aprovado pelos alunos e suas famílias. Trago o termo famílias, pois as mesmas envolvem-se muito neste projeto, acompanhando seus filhos, maridos, namorados nas visitas e ações realizadas junto às entidades. Devido a essa excelente aceitação, cabe trazer à reflexão o empreendedorismo social.

### **2.5.1 Empreendedorismo social**

Empreendedores sociais têm características semelhantes aos empreendedores de negócios, mas possuem uma missão cujo objetivo final não é a geração de lucro, mas o impacto social. Os empreendedores sociais não se contentam em atuar apenas localmente. São extremamente visionários e pensam sempre em inspirar a sociedade com suas idéias. Além disso, são persistentes e, ao invés de desistir ao enfrentar um obstáculo, os empreendedores sociais acham uma maneira para ultrapassá-lo (MELO NETO, 2002).

Para Oliveira (2004) o tema empreendedorismo social é novo em sua atual configuração, mas na sua essência já existe há muito tempo, já que alguns especialistas apontam Luther King e Gandhi como empreendedores sociais. O autor coloca em seu artigo que existe pouca literatura sobre o tema no Brasil e que sua pesquisa utilizou como bibliografia artigos e trabalhos científicos produzidos em outros países. Desses artigos trouxe alguns conceitos sobre o tema, que vou apresentar no quadro a seguir:

Quadro 5 – Conceitos sobre empreendedorismo social – visão internacional

<b>ORGANIZAÇÃO</b>	<b>ENTENDIMENTO</b>
School Social Entrepreneurship – SSE, UK – Reino Unido	“É alguém que trabalha de uma maneira, mas para um público ou um benefício social, em lugar de ganhar dinheiro. Empreendedores sociais podem trabalhar em negócios éticos, órgãos governamentais, públicos, voluntários e comunitários [...] Empreendedores sociais nunca dizem que não pode ser feito.”
Canadian Center Social Entrepreneurship – CCSE, Canadá	“Um empreendedor social vem de qualquer setor, com as características de empresários tradicionais de visão, criatividade e determinação, e empregam e focalizam na inovação social.”
Foud Schwab, Suíça	“Apontam idéias inovadoras e vêem oportunidades onde outros não vêem nada; combinam risco e valor com critério e sabedoria; estão acostumados a resolver problemas concretos, são visionários com sentido prático, cuja motivação é a melhoria de vida das pessoas, e trabalham 24h do dia para conseguir seu objetivo social.”
The Institute Social Entrepreneurs – ISE, EUA	« Empreendedores sociais são executivos do setor sem fins lucrativos que prestam maior atenção às forças do mercado sem perder de vista sua missão (social) e são orientados por um duplo propósito: empreender programas que funcionem e estejam disponíveis às pessoas (o empreendedorismo social é base nas competências de uma organização) tornando-as menos dependentes do governo e da caridade.”
Melo Neto e Froes (2001) – Brasil	“Quando falamos de empreendedorismo social, estamos buscando um novo paradigma. O objetivo não é mais o negócio do negócio, trata-se sim, do negócio do social, que tem na sociedade civil o seu principal foco de atuação e na parceria envolvendo comunidade, governo e setor privado, a sua estratégia.”

Fonte: Oliveira (2004)

Através desse quadro, podemos verificar que o objetivo primeiro do empreendedorismo social é modificar para melhor a sociedade onde o

empreendedor vive, isso tudo sem a roupagem do assistencialismo, pois, segundo Demo (2002, p. 40): “[...] a solidariedade que produz ajuda assistencialista representa fantástico processo de imbecilização”.

Oliveira (2004) em seu artigo traz uma análise sobre o perfil do empreendedor social, que é apresentada no quadro a seguir.

Quadro 6 – Perfil do empreendedor social

<b>CONHECIMENTOS</b>	<b>HABILIDADES</b>	<b>COMPETÊNCIAS</b>	<b>POSTURAS</b>
Saber aproveitar as oportunidades	Ter visão clara	Ser visionário	Ser inconformado e indignado com a injustiça e a desigualdade
Ter competência gerencial	Ter iniciativa	Ter senso de responsabilidade	Ser determinado
Ser pragmático e responsável	Ser equilibrado	Ter senso de solidariedade	Ser engajado
Saber trabalhar de modo empresarial para resolver problemas sociais	Ser participativo e saber trabalhar em equipe	Ser sensível aos problemas sociais	Ser comprometido e leal
	Saber negociar	Ser persistente	Ser ético
	Saber pensar e agir estrategicamente	Ser competente	Ser profissional
	Ser perceptivo e atento aos detalhes	Saber correr riscos calculados	Ser transparente
	Ser ágil	Saber integrar vários atores em torno dos mesmos objetivos	Ser apaixonado pelo que faz (campo social)
	Ser criativo	Saber interagir com diversos segmentos e interesses dos diversos setores da sociedade	
	Ser flexível	Saber improvisar	
	Ser focado	Ser líder	
	Ser habilidoso		
	Ser inovador		
	Ser inteligente		
	Ser objetivo		

Fonte: Oliveira (2004)

As características do empreendedor e do empreendedor social se repetem em alguns quesitos, mas a postura do segundo em relação às injustiças e desigualdades que povoam nossa sociedade foi o ponto de partida para que o social fosse acrescentado nos conteúdos da disciplina de Empreendedorismo na UNIVATES. Esse acréscimo teve o intuito de trabalhar a ética assim como é trazida

por Boff (2003): “Quando o outro rompe à minha frente, nasce a ética. Porque o outro me obriga a tomar uma atitude prática de acolhida, de indiferença, de rechaço, de destruição. O outro significa uma pro-posta que pede uma res-posta com responsabilidade” (p.45). O que se quer com o empreendedorismo social na universidade é que quando o outro romper à frente dos alunos e professores, estes tomem uma atitude prática de acolhida. Só assim, talvez, consigamos diminuir as desigualdades e as injustiças que nos cercam.

A ética não pode ser só uma matéria teórica; deve, principalmente, ser vivência prática e por isso o projeto social foi incluído nos conteúdos programáticos da disciplina de Empreendedorismo, na UNIVATES. Acredito que a educação pode transformar-se num processo de aprendizagem de humanização, pode tornar professores e alunos pessoas mais generosas, mais equilibradas, mais plenas. “Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos” (FREIRE, 2003, p.17).

### **2.5.2 Universidade empreendedora**

Muito se tem falado sobre instituições empreendedoras, seu papel e impacto na sociedade. Destacam-se como novas funções da universidade moderna, a promoção e a própria indução de programas voltados para a difusão do empreendedorismo. Seu fomento pode ser dado de diversas formas, mas, sobretudo, por meio de ações que mostrem que a organização cria novos desafios e ações sem medir esforços para obter resultados positivos

A formação de empreendedores nas universidades enseja uma oportunidade única de abordar os conteúdos éticos que envolvem a atividade econômica e profissional. Por sua grande influência na sociedade e na economia, é fundamental que os empreendedores, como qualquer cidadão, sejam guiados por princípios e valores nobres. É importante que eles saibam que os danos causados pelas licitações públicas irregulares, pela prática de propinas, vão além dos ganhos ilícitos

de alguns: na verdade, inibem o crescimento tecnológico, tornam inútil a inovação e despreparam o país para a competitividade internacional. Trabalhar Empreendedorismo na universidade é convidar os alunos para que os mesmos realizem seus desejos e, conseqüentemente, sintam-se motivados para o aprendizado, para a sala de aula e para a vida (DOLABELA, 1999).

Talvez, assim, com esse olhar diferente, com essas atitudes inovadoras, conseguiremos responder às perguntas que nossos universitários trazem consigo quando escolhem nossos cursos de graduação como opção para a carreira profissional. Mas, infelizmente, muitas vezes, não conseguimos responder à altura, provocando evasões e descontentamento. Talvez, porque ainda estejamos formando para uma sociedade de base industrial, não nos dando conta de que a sociedade mudou e que a base, agora, é o conhecimento (PANIZZI, 2006).

Considero uma universidade empreendedora aquela que prima por ricos padrões de interação e conectividade entre as pessoas, de modo a permitir e fomentar o surgimento espontâneo de sinergias catalisadoras de novas possibilidades e de caminhos inovadores. Deve ser uma organização que reconhece ser inevitável a existência de condições, de ambigüidades e de conflitos, ou seja, de desordem. E que procura utilizá-los em seu proveito, como fonte de aprendizado, criatividade e inovação.

A universidade deve ser uma organização que compreende residir em seus próprios recursos internos todo o potencial necessário para sua evolução, que busca permanentemente atualizar sua identidade, em congruência com as mudanças em seu ambiente externo e que faz uso da criatividade, da inovação, do empreendedorismo e da experimentação para desenvolver e aprimorar seu fazer pedagógico, buscando sempre adequá-lo ao cenário externo.

## 2.6 O PAPEL DO PROFESSOR DO ENSINO SUPERIOR E DA UNIVERSIDADE NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO

A massificação progressiva do ensino superior, a redução dos recursos econômicos materiais e humanos, as novas exigências do mercado de trabalho, a adoção das novas tecnologias de informação e comunicação determinam revisões nos atuais modelos de atuação e de formação docente (ENRICONE, 2007).

Vasconcellos (2002, p.30) estabelece os dois critérios básicos para uma ação transformadora: a necessidade e a possibilidade. “Necessidade é fruto de um processo hermenêutico, de leitura e interpretação do real, de estabelecimento da rede de relações, portanto de negociações de percepções e sentido.” A identificação deve ser feita por um número significativo de pessoas da instituição, é produto de uma interpretação e depende de valores éticos, sociais e ideológicos.

A possibilidade, segundo o autor, depende do poder de ação, de recursos, do estabelecimento de limites, da análise das circunstâncias, da formação dos agentes e até mesmo dos avanços da ciência na área de ação. E, apesar do desejo e da necessidade de mudar, há dificuldades. Falta de percepção coletiva da realidade, existência de concepções ou pressupostos indefinidos ou controvertidos, insuficiência de recursos, resistência à mudança e ausência de autocrítica podem restringir as possibilidades, mas não impedi-las.

### 2.6.1 O Professor

O professor do ensino superior, diferentemente dos professores de outros graus de ensino, se constituiu, historicamente, tendo como base a profissão paralela que exercia no mundo do trabalho. A idéia de que quem sabia fazer também sabia ensinar deu sustentação à lógica do recrutamento dos docentes (CUNHA, 2004).

No início da organização das universidades brasileiras (Estatuto decretado em 1931), o provimento no cargo de professor catedrático fazia-se por concurso com

base em diploma profissional ou científico relacionado com a disciplina em causa. A Universidade se constituía num conglomerado de cátedras soberanas, sendo que, para cada cátedra, havia um catedrático e seus colaboradores e auxiliares, todos escolhidos sem a exigência de uma preparação formal e sistemática para a docência. Somente com a Reforma Universitária, outorgada em 1968, e com os planos governamentais de desenvolvimento é que surge uma política de formação do corpo docente das universidades com o I Plano Nacional de Pós-Graduação (I PNPg), suporte de programas no âmbito de um sistema nacional e regional definido pelo Conselho Federal de Educação e implementado pela Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com o apoio de outros órgãos financiadores (MARQUES, 2000).

Nesse contexto, a Universidade, pela condição de legitimadora do conhecimento profissional, tornou-se tributária de um poder que tinha raízes nas macroestruturas sociais no campo do trabalho, dominadas, fundamentalmente, pelas corporações. Assim, são os médicos que podem definir os currículos de Medicina, assim como os economistas o farão para os cursos de Economia, os arquitetos para a Arquitetura e assim por diante (CUNHA, 2004).

O pedagogo, quando chamado a atuar nesses campos, ainda tem o papel de um mero coadjuvante, um “estrangeiro em territórios acadêmicos de outras profissões” (LUCARELLI, 2000, p. 23). Muitas vezes assume apenas a função de dar forma discursiva ao já decidido nas corporações, para que os documentos (planos curriculares, projetos pedagógicos, processos avaliativos entre outros) tramitem junto aos órgãos oficiais (CUNHA, 2004).

Outro aspecto significativo e que merece destaque foi a forte influência que a docência universitária recebeu da epistemologia dominante, própria da ciência moderna e especialmente marcada pela racionalidade técnica, pela neutralidade e pela quantificação. “Nesse pressuposto o conteúdo específico assumia um valor significativamente maior do que o conhecimento pedagógico e das humanidades, na formação dos professores” (CUNHA, 2004, p. 527). E, como quase todos os profissionais de sua época, o professor tornou-se um conhecedor especializado e um ignorante generalizado, como bem salientou Santos (2005).

Isaia (2003), ao pesquisar a questão da formação de professores de uma Instituição de Ensino Superior (IES) Federal do interior do Rio Grande do Sul, também observou que os professores investigados no estudo voltam-se prioritariamente para os conhecimentos específicos de sua área, tendo por meta possibilitar aos alunos uma sólida formação no domínio específico. Sinalizando então, para a dificuldade dos docentes em conscientizarem-se de que a dimensão pedagógica é necessária para quem está vinculado à formação de professores.

O professor universitário, assim, percebeu-se como um especialista no seu campo de conhecimento, sendo esse, inclusive, o critério para sua seleção e contratação. Este professor, porém, necessariamente não tem o domínio da área pedagógica, nem do ponto de vista mais amplo, mais filosófico, nem de um ponto de vista mais imediato e mais tecnológico (ABREU e MASETTO, 1997). Partindo-se do pressuposto de que basta conhecer bem o assunto para automaticamente saber ensinar e ser um bom professor, o domínio dos conhecimentos referentes à área de atuação seria mais importante e necessário do que a formação didática (MASETTO, 2006).

Fernandes (2006) também fez referência à ausência de preocupação com a formação pedagógica do professor universitário, revelado pelo próprio critério de ingresso do mesmo na universidade. A exigência legal para a docência restringe-se, então, à formação no nível de graduação ou pós-graduação na área profissional em que o docente vai atuar, conforme a categoria funcional em que se dá seu ingresso. O encaminhamento desses profissionais para o magistério acontece, na maioria das vezes, por uma situação circunstancial. Essa tendência foi confirmada por pesquisa de Cunha (1989) sobre o bom professor e sua prática, ao observar que algumas decisões ocorrem mais como fruto de experiência pessoal, meio ao acaso, do que como decisões pré-destinadas ao magistério.

Não se trata aqui de negar a importância do aprofundamento no campo específico, mas essa preocupação excessiva, muitas vezes até institucional, com a competência do profissional na área de sua formação, sem uma reflexão sistematizada sobre sua prática cotidiana, nem sempre se traduz em melhores níveis de aprendizagem dos alunos. Por outro lado, os conhecimentos pedagógicos foram

constituídos distantes do espaço universitário e só tardiamente alcançaram certa legitimidade científica. Em geral, o foco principal da Pedagogia foi a criança, honrando a origem da palavra grega que a estabeleceu e construindo uma imagem social muitas vezes distorcida da sua amplitude e complexidade. A Pedagogia instituiu-se, especialmente, tributária da psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem ou da antropologia filosófica. Ainda trouxe a herança de ser um campo considerado ideologicamente como feminino, dada a vocação histórico-cultural das mulheres para educar as crianças. Assim, pouca interação teve com as estruturas de poder do conhecimento científico de outras áreas (CUNHA, 2004).

Outro aspecto da desqualificação da pedagogia universitária, destacado por Cunha (2004), foi a sua condição instrumental, muitas vezes entendida como um conjunto de normas e prescrições que, do ponto de vista da racionalidade técnica, teria um efeito “messiânico” na resolução dos problemas.

Essa interrelação de fatores acabou delineando uma carreira universitária com a formação do docente voltada apenas para a dimensão científica e explicitando um valor revelador de que, “para ser professor universitário, o importante é o domínio do conhecimento de sua especialidade e das formas acadêmicas de sua produção” (CUNHA, 2004, p. 528).

Segundo estudo de Morosini (2000) sobre o professor do ensino superior, a pedagogia universitária no Brasil é exercida por professores que não têm uma identidade única. Suas características são extremamente complexas, como complexo e variado é o sistema de educação superior brasileiro, em cinco regiões da Federação, com instituições públicas e privadas, universidades e não universidades, com características étnicas, sociais e econômicas distintas.

O perfil do professor universitário também não é homogêneo. Há, de fato, o contingente que produz ciência, que cultiva a erudição e também há muitos docentes que se aproximam mais do perfil dos professores secundários, ou seja, interagem na interpretação do conhecimento já produzido (CUNHA, 2000). Tomando em consideração o tipo de graduação realizada, Morosini (2000) identificou que há professores exercendo a docência universitária com formação didática obtida em

cursos de licenciatura; outros que trazem sua experiência profissional para a sala de aula; e outros, ainda, sem experiência profissional ou didática, oriundos de curso de especialização e/ou *stricto sensu*.

O fator definidor de seleção de professores, até há pouco tempo, era a competência científica. De modo semelhante, Behrens (2006) caracterizou o corpo docente no ensino superior como sendo composto por profissionais das mais variadas áreas do conhecimento. À primeira vista, atualmente, encontram-se exercendo função docente na educação superior quatro grupos de professores: os profissionais de várias áreas do conhecimento que se dedicam à docência em tempo integral; os profissionais que atuam no mercado de trabalho e se dedicam ao magistério algumas horas por semana; os profissionais docentes da área pedagógica e das licenciaturas que atuam na universidade e, paralelamente, no ensino básico (educação infantil, ensino fundamental e/ou ensino médio) e, finalmente, os profissionais da área da educação e das licenciaturas que atuam em tempo integral na universidade.

Com o avanço do processo de globalização, fenômeno considerado como mais importante da contemporaneidade e que marcou o final do século XX e início do XXI, altera-se o conceito de docência universitária no Brasil. Por uma influência de mercado, exige-se permanente capacitação de recursos humanos, com vistas à flexibilização da aprendizagem e intensificação da competitividade. A legislação da educação orienta a demanda, pressiona as instituições e os docentes a seguirem uma tendência internacional. A formação dos professores, no plano da didática, até então baseada no princípio do *laisse-faire*, passa à etapa da exigência de desempenho docente de excelência, embora não haja parâmetros claramente estabelecidos.

A política de formação de professores para o ensino superior é realizada de forma indireta, ou seja, o governo determina os parâmetros de qualidade institucional, e a IES seleciona e desenvolve uma política de capacitação de seus docentes orientada por tais parâmetros. A formação docente especifica diretamente cursos de capacitação em pós-graduação (mestrado e doutorado) e inclusive cria índices avaliativos e estabelece prazos. O governo normatiza e fiscaliza e a

instituição desenvolve os parâmetros através de sua política de capacitação docente (MOROSINI, 2000).

Morosini (2006), ao refletir sobre o professor do ensino superior na sociedade contemporânea, salientou que a figura do professor sempre ocupou lugar central na educação. Porém, mais recentemente, uma nova ordem econômica social, de caráter global, é instalada e parâmetros como competitividade, auditoria, avaliação, empreendedorismo, empregabilidade, domínio do mercado, ensino virtual, entre outros passam a questionar a centralidade da figura do professor na educação.

A autora segue colocando que é importante considerar que, ao defrontar-se com este cenário institucional, que é extremamente competitivo e com padrões de docência definidos pelo mercado de trabalho e governo, o professor universitário tem, hoje, uma nova exigência de formação, com novos desafios à sua prática. Existe uma pressão externa concreta pela qualidade da ação docente e do currículo, o que leva a repensar a formação pedagógica do professor universitário.

Nóvoa (2000) alertou que a questão da formação docente não pode ser percebida como puramente pedagógica ou metodológica, o que significa que o problema não será resolvido ensinando a um professor meia dúzia de técnicas pedagógicas. A questão é muito mais vasta e remete para um novo equilíbrio entre as funções tradicionais da Universidade, ou seja, entre o ensino e a pesquisa. Nunes (2001) chamou a atenção para as modificações ocorridas na concepção de formação de professores. Se até pouco tempo a capacitação desses objetivava, por meio da transmissão do conhecimento, atuação eficaz e eficiente na sala de aula, já se percebe uma nova abordagem que consiste em analisar a prática que este professor vem desenvolvendo, com ênfase na temática do saber docente e na busca de uma base de conhecimento para os professores, considerando os saberes da experiência.

Tardif (2004) apresentou algumas possibilidades promissoras para os pesquisadores universitários que atuam na área de formação de professores. O autor defendeu a idéia da elaboração de um repertório de conhecimentos para o ensino, baseado no estudo dos saberes profissionais dos professores e das

realidades específicas de seu trabalho cotidiano. Também considerou a introdução de dispositivos de formação, ação e pesquisa que constituam os saberes e as trajetórias da carreira no meio universitário, mas que também sejam úteis para os professores em sua prática, na busca de uma ruptura da lógica disciplinar da universidade que, fragmentando os saberes, impediu a socialização profissional. Como a mais urgente, Tardif (2004) identificou, por fim, a necessidade de o professor universitário realizar pesquisas e reflexões críticas sobre suas próprias práticas de ensino.

Marques (2000), ao discutir sobre a formação docente, considerou ser fundamental a ruptura crítica com a continuidade linear do trabalho educativo e das rotinas que nele se instalam, com o desgaste das energias intelectuais e dos entusiasmos contagiantes. Ruptura que demanda postura de pesquisa renovada na capacidade de tematizar a prática docente, de suscitar dúvidas e questionamentos, de apontar para novos caminhos e de expor-se na formulação, em linguagem autônoma, de suas próprias conclusões e nos desafios que persistem, não só no que tange ao processo pedagógico, mas também no que se refere ao campo específico da ciência cultivada.

O repensar do trabalho de ensinar talvez seja a mudança mais difícil de todas, pois, no dizer de Drucker (1993), estamos vivendo a “sociedade do conhecimento”. Para que essa nova sociedade aprenda efetivamente e crie conhecimento, a formação do docente no ensino superior não pode ser pensada de modo isolado de seu contexto profissional, ou restrita a um diploma de graduação, mesmo de mestre ou doutor, ou ainda apenas ao exercício profissional. Exige um conjunto de competências específicas e próprias, ou seja, um movimento permanente de aprender a aprender, aprender a pensar e aprender a ser, através de interações diversificadas, integrando saberes, a partir de reflexões sociais, teóricas e práticas.

Esse saber profissional supera a visão fragmentada de conhecimentos mecanizados, de rotinas passivas e da curiosidade domesticada (CHAGAS et al., 2004, p. 590). Argumento aqui que aprender não significa acumular informações memorizadas e sem sentido. Aprender, efetivamente, significa que o aluno, diante

de situações novas, seja capaz de buscar alternativas, argumentando teoricamente em favor de suas escolhas. Logo, estimular intelectualmente o aluno exigirá fazê-lo romper com explicações dos outros, provocando-o para que busque as suas próprias, ou seja, prevê o desafio à autonomia do conhecimento (FISCHER, 1996).

Refletindo sobre as exigências que se colocam para a docência universitária, Nóvoa (2000) destacou que, nos últimos anos, a preocupação com a formação docente vem ganhando espaço na área educacional. Na década de noventa, no quadro das mudanças sociais e tecnológicas que apresentaram novas maneiras de pensar, trabalhar e organizar o conhecimento, uma redefinição das práticas sociais tendeu a modificar os papéis sociais e profissionais, tradicionalmente atribuídos e constituídos. Enfatizando a necessidade do fazer reflexivo do professor universitário, mediante trabalhos de discussão com acompanhamento de grupos, visando instaurar rotinas de partilha no interior das universidades, Nóvoa (2000) sinalizou para o caráter da profissão docente no ensino superior, discutindo as novas demandas e os desafios desta atividade em face das mudanças nas Universidades, na relação com o conhecimento e com o público, dada a heterogeneidade crescente e a tendência à diversidade de interesses.

Para o autor, é importante a mudança que está ocorrendo no espaço universitário, relacionado ao fato de que, se antes a universidade era o lugar onde os conhecimentos existiam e eram difundidos, hoje grande parte desse conhecimento já não está na universidade. Pode estar na *internet*, nos meios de comunicação interativa, em muitos lugares, mas não está mais, exclusivamente, na universidade, ou está apenas em parte na Universidade.

Com isso, a universidade terá que “se organizar passando de uma função de transmissora do conhecimento para funções de reconstrução, de crítica e de produção de conhecimento novo” (NÓVOA, 2000, p. 132). Isso significa uma mudança na prática pedagógica e no currículo, exigindo do professor que repense o sentido das aulas e até mesmo da presença física dos alunos. Os professores terão de desenvolver tipos de relação pedagógica muito diferentes dos que existem hoje em dia. E isso vai obrigar os docentes do ensino universitário a mudarem uma boa parte da imagem que têm da sua própria profissão. Terão de se atualizar, de criar

dispositivos de atendimento aos alunos, de fomentar a sua presença em grupos de trabalho e de reflexão, de promover a integração dos jovens em equipes científicas etc. (NÓVOA, 2000, p. 132).

A exigência da reflexão é trazida por Nóvoa (2000, p. 134):

Quando o professor deslocar a atenção exclusivamente dos “saberes que ensina” para as pessoas a quem esses “saberes vão ser ensinados”, vai sentir a necessidade imperiosa de fazer uma reflexão sobre o sentido do seu trabalho. Seria necessário que esta reflexão tivesse, simultaneamente, uma dimensão individual (auto-reflexão) e uma dimensão coletiva (reflexão partilhada).

Cunha (2000) constatou que o acesso à informação cada vez mais prescindia da instituição universitária. Não há mais espaço para a clássica percepção do professor transmissor, principal fonte da informação, depositário de verdades e certezas. Uma nova profissionalidade docente faz-se necessária. A função docente precisa ser reconstruída, com o desafio de uma nova perspectiva; “essa função é ser ponte entre o conhecimento disponível de todas as maneiras e as estruturas cognitivas, culturais e afetivas dos educandos” (CUNHA, 2000, p. 48).

Concretamente, significa entender que a educação e as instituições de ensino superior como um todo, e isso inclui necessariamente o docente, precisam estar organizados para enfrentar a era do conhecimento. Isso pressupõe uma ampliação do desenvolvimento e aprimoramento profissional, por meio de processos profundos e contínuos de avaliação, reflexão, capacitação e atitudes empreendedoras.

### **2.6.2 A Universidade**

A universidade do século XXI tem algumas funções como gerar novos conhecimentos, estilos de vida, modos de comunicação, desenvolvimento pessoal,

social e cultural que exigem qualidade na formação necessária dos que chegam aos estudos superiores visando à docência ou que a exercem.

Mosquera (2006,p.80) coloca que “A universidade como instituição deve rever seu papel na sociedade e propiciar respostas qualitativas para tipos de poderes que exercem papéis normalizadores, muito especialmente em um novo século de cultura globalizada”. O autor segue suas reflexões trazendo a ideia de que devemos nos preocupar em como tornar a Educação Superior mais democrática, fazendo com que o conhecimento produzido na academia esteja ao alcance de toda a sociedade. Trago o posicionamento da UNESCO para aproximar às reflexões de Mosquera (2006):

A qualidade do sistema de Educação Superior deve ser avaliada segundo a correspondência entre o que a sociedade espera das instituições e o que elas fazem. Isso requer visão ética, imparcialidade política, capacidade crítica, e, ao mesmo tempo, uma melhor articulação com os problemas da sociedade e do mundo do trabalho, baseando as orientações a longo prazo nas necessidades e finalidades da sociedade, incluindo o respeito, a cultura e a proteção ambiental (UNESCO,1998).

Gimeno Sacristán (2002) aponta finalidades da educação e princípios básicos que animam os atuais sistemas educacionais: difusão, reprodução e inovação do conhecimento e da cultura; preparação do cidadão para a vida democrática; inserção no mundo das atividades sociais produtivas; desenvolvimento dos indivíduos como sujeitos, seu bem-estar e sua felicidade. Tais finalidades e princípios aproximam-se das funções da universidade apresentadas a seguir e diretamente relacionadas à formação docente.

Para Enricone (2007), a universidade possui 5 funções: promoção da cultura, formação para a cidadania, formação profissional, produção e difusão do conhecimento e desenvolvimento pessoal.

## 1 Promoção da cultura

Na visão da autora, a universidade pode ser considerada como o conservatório vivo do patrimônio da humanidade. A cultura é constituída por significados criados e compartilhados por um grupo determinado de sujeitos. A educação tem como tarefas a reprodução da sociedade e da cultura dominante, a orientação de seus desenvolvimentos e a proposição de novas criações. Há conhecimento quando aprendemos o significado da informação. Entretanto, há singularidades na sua assimilação: cada um de nós constrói a subjetividade nutrindo-se da cultura.

O aluno vive no meio cultural que encontra, que o faz, mas que ele também faz, pois os processos educativos são culturais. Além de lidar com conhecimentos cada vez mais mutáveis, a educação tem compromissos políticos, questiona os valores éticos e morais que a embasam, analisa a formação das pessoas envolvidas e suas interações e depende da cultura do contexto, sobre a qual, cada vez mais, os meios de comunicação de massa exercem influências.

Para Enricone (2007), a cultura é resultado de escolhas humanas, produto de vidas que podem contribuir para humanizá-la. Cultura é produto de escolhas de valores e tem a ver com a proposta pedagógica adotada pelos professores.

## 2 Formação para a cidadania

Nessa função, a autora inicia com afirmações de Rios (2001, p.26), “o conceito de cidadania guarda em sua definição a ideia de relação social.” E também traz colocações de Dagnino (1994, p.107): “não há uma essência única imanente ao conceito de cidadania, seu conteúdo e seu significado não são universais, não estão definidos e delimitados previamente, mas respondem à dinâmica dos conflitos reais, tais como vividos pela sociedade num determinado momento histórico.”

Enricone (2007) afirma que a autora citada por último apresenta as características de uma nova cidadania na qual destaca a participação como um direito. E continua, dizendo que há relação entre participação e poder. Onde há uma

longa tradição autoritária, centralizadora, é mais difícil o confronto de ideias e decisões coletivas. Às vezes, as universidades oferecem aos docentes participações no periférico, isto é, em projetos que não modificam a estrutura da instituição.

Assim como a democracia, a cidadania é participação, é processo, é construção; a função da universidade é formar cidadãos, objetivo também do trabalho docente, o qual é concretizado pelo reconhecimento do aluno como pessoa, pela seleção de conteúdos que visem às demandas da sociedade e pela adoção de atividades participativas (ENRICONE, 2007).

Para a autora, o essencial em educação é a criação de um espaço democrático na universidade, no qual as relações sejam, concomitantemente, éticas, dialógicas e solidárias.

### 3 Formação profissional

A autora afirma que a educação é um processo mais amplo do que a formação, que é “algo mais pontual e funcional, direcionado à aquisição de habilidades específicas, vinculadas, normalmente, ao mercado de trabalho” (ZABALZA, 2004, p.39).

Para Enricone (2007) os estudos mais recentes sobre formação docente têm acentuado o caráter de construção do conhecimento profissional. Isso implica revisões conceituais do processo de ensino e da própria prática. A formação profissional deve ser oferecida aos alunos, a seus próprios professores e a outros profissionais que retornam à universidade, buscando atualização e especialização. A ideia de formação permanente como processo contínuo ao longo da vida incorporou estudantes adultos à universidade.

A autora segue colocando que, no que se refere à formação profissional, discute-se a dicotomia da orientação geral ou especializada. Embora a universidade tenha compromisso com uma formação geral, até mesmo polivalente, em face da velocidade da progressão dos conhecimentos científicos e das exigências dos mercados de trabalho, ela não pode deixar de lado a especialização, na própria

graduação e em estudos pós-graduados. A oferta de novos cursos de graduação e de pós-graduação, a flexibilização curricular, a atualização dos conteúdos e das estratégias de aprendizagem, a inclusão de práticas e estágios devidamente acompanhados e até de outras atividades formativas extracurriculares relativas à dinâmica científica, social, artística e esportiva do momento, o relacionamento com os centros de empregos e com empresas para melhor conhecimento do mundo do trabalho são tarefas para as quais as universidades deverão ter recursos humanos especializados.

O ensinar a fazer e o aprender a fazer são descuidados quando a universidade se isola das organizações, das empresas, de outras instituições e de movimentos internacionais. Metodologias de ensino que incorporem novas tecnologias como recursos de aprendizagem demandam preparação técnica dos docentes, além de recursos econômicos (ENRICONE, 2007).

#### 4 Produção e difusão do conhecimento

Nessa função da universidade, Enricone (2007) afirma que embora tenha uma destacada atuação para produzir e difundir conhecimentos, em decorrência da interdisciplinaridade, da transdisciplinaridade e da internacionalização crescente em áreas do conhecimento cada vez mais numerosas, a universidade não tem o monopólio da produção do conhecimento. Há a demanda de pessoal qualitativamente mais bem preparado, de pesquisadores especializados, de planejadores estratégicos e até de parques científicos e tecnológicos com colaboração de empresas. A Unesco prognostica a participação da universidade como acionista de empresas mistas de pesquisa, de desenvolvimento e formação profissional com possibilidades de outra modalidade de financiamentos, além da obtida por meio das anuidades.

Além de lidar com conhecimentos em construção cada vez mais diversificados e contestados, a educação tem compromissos políticos, questiona valores éticos e morais que a embasam, analisa o desenvolvimento das pessoas e suas interações e depende da cultura do contexto. A chamada racionalidade técnica, defendida anteriormente, não pode preencher todas as necessidades de formação

dos professores, seja a inicial ou a básica, a contínua ou a permanente. O modelo de racionalidade técnica, segundo o qual o professor é um técnico especialista que aplica as regras que derivam do conhecimento científico, falha ao desconsiderar a complexidade dos fenômenos educativos. Os problemas da prática educacional não podem ser resumidos a problemas meramente instrucionais. Não basta a escolha de meios e procedimentos, porque a realidade educacional e as situações de ensino são incertas e não há uma teoria científica única aplicável (ENRICONE, 2007).

Para Vasconcellos (2002) o papel do professor na construção do conhecimento tem três vetores: provocar, dar condições para que o aluno tenha possibilidade de elaborar suas respostas e interagir com a representação do sujeito, ajudando a elaborar sínteses.

## 5 Desenvolvimento pessoal

Nesta função, Enricone (2007) inicia suas reflexões na companhia de Arroyo (2000) segundo o qual a matéria principal a ser aprendida pelos alunos é em que consiste ser gente, como se tornar humano - matéria que somente se aprende em um clima humano, de interações com os semelhantes, quando nos revelamos humanos, convivendo.

A autora segue seus escritos na companhia de Delors (1996,p.99) que propôs quatro pilares da educação – aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser – e reafirmou o relatório “Aprender a ser”, da Unesco, como “um princípio fundamental da educação que deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal e espiritualidade”.

Concordo com Enricone (2007) quando afirma que o processo de aprendizagem das habilidades sociais e de relacionamento interpessoal – o aprender a conviver – tem a ver com o ofício de professor. E para desempenhar as funções acima, é preciso aprender - e a maior aprendizagem é aprender a viver.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo tem o propósito de introduzir as idéias que nortearam os caminhos e os procedimentos adotados durante a investigação proposta. Para tanto, apresenta a caracterização da pesquisa, o campo de investigação, os sujeitos da pesquisa, o pré-teste do instrumento de coleta de dados, os procedimentos para a coleta de dados e a técnica de análise de dados.

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa assume a modalidade de Estudo de Caso quanti – quali, em que a abordagem quantitativa oferece subsídios para o enfoque qualitativo. Os indicadores quantitativos fazem parte do primeiro momento deste trabalho, momento este que serviu para traçar um perfil dos alunos da UNIVATES os quais participaram da pesquisa. Também serviu para detectar se os alunos consideram a disciplina de Empreendedorismo fundamental para sua formação acadêmica e futuro profissional. Além disso, a abordagem quantitativa proporcionou identificar as características empreendedoras que compõem o perfil dos professores que atuaram junto aos alunos participantes da pesquisa no ano de 2008 e primeiro semestre de 2009.

A pesquisa quantitativa com análise Estatística Descritiva (BARBETA, 1999) foi também escolhida pois, segundo Booth (2000), é apropriada para medir tanto opiniões, como atitudes, preferências e comportamentos. Se o objetivo desejado é saber quantas pessoas usam um produto ou serviço ou têm interesse em um novo conceito de produto, a pesquisa quantitativa expressa a resposta necessária para isso. Booth (2000) afirma que a pesquisa quantitativa também pode ser usada, quando se quer determinar o perfil de um grupo de pessoas, baseando-se em características que elas têm em comum. A pesquisa quantitativa não é apropriada para compreender “porquês”, já que as questões devem ser diretas e facilmente quantificáveis.

Um dos problemas que surge diante da pesquisa quantitativa é não permitir uma penetração maior nos sentimentos dos questionados, deixando impressões fundamentadas para trás. Compreender a gama de aspectos que envolvem a educação empreendedora, as práticas docentes e o estudante é condição *sine qua non* para encontrar o elo entre a ação de ensinar e aprender com a de empreender e sua influência na formação da pessoa humana. Para se obter um resultado mais conclusivo de uma entrevista, devemos ter respostas mais amplas e complexas, por isso é fundamental saber os porquês de uma resposta. Diante desse paradoxo, torna-se fundamental associar a pesquisa quantitativa a uma qualitativa. E é por isso que, num segundo momento, optei pela abordagem qualitativa.

Pela perspectiva qualitativa é possível estudar realidades muito específicas e, ao mesmo tempo, abrangentes, viabilizando uma construção teórica mais aprofundada em relação aos fenômenos investigados. Esta abordagem exige uma imersão muito aprofundada nas temáticas oriundas do contexto da pesquisa, da problemática em questão e dos participantes da investigação, a fim de abarcar o fenômeno com profundidade e cientificidade, ao mesmo tempo que possibilita uma construção mais criativa por parte do pesquisador, que necessita extrair do fenômeno as diversas interfaces que possam emergir a partir da análise dos dados.

O chamado paradigma qualitativo começou a ganhar força na década de 1970 e se definia por oposição ao positivismo e pelo uso de técnicas quantitativas. Embora as metodologias qualitativas já fossem utilizadas na antropologia, na sociologia e na psicologia, é nessa época que seu uso se intensifica e se estende a áreas nas quais predominavam as abordagens quantitativas, justificando, assim, o uso do termo paradigma (ALVES-MAZZOTTI, 2004).

No paradigma qualitativo, o objetivo da pesquisa científica é compreender os significados da experiência humana, explorando um fenômeno em suas múltiplas dimensões. Segundo Moraes (2007), a pesquisa qualitativa aprofunda a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação. “Não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão, reconstruir conhecimentos existentes sobre os temas investigados” (p. 11).

### 3.1.1 O Estudo de Caso

O Estudo de Caso é considerado uma análise intensa de uma situação particular, que teve sua origem no paradigma positivista, sendo empregado há longo tempo como forma de investigação na antropologia, na administração de empresas, na medicina. O método encontrou grande resistência inicial por parte dos pesquisadores, uma vez que, sendo um caso ou mesmo múltiplos casos, não haveria como produzir generalizações formais aplicáveis a grupos ou população - resultados esperados em uma pesquisa quantitativa. Sua aceitação na comunidade científica e acadêmica se deu em virtude de ser um método apropriado para o estudo de fenômenos especiais, como a manifestação de uma doença rara, um processo jurídico sem precedentes ou o comportamento destoante de uma criança em determinado grupo (STAKE, 1983).

Em 1975, a *Second Cambridge Conference*, cujo tema principal tratou do Método de Estudo de Caso em Pesquisa e Avaliação Educacional, chamou a atenção para a necessidade de se debater várias questões relacionadas aos pressupostos epistemológicos e metodológicos do estudo de caso. Provavelmente esse evento tenha marcado a inserção deste método na área da educação (ANDRÉ, 1984).

Uma das características fundamentais do Estudo de Caso é a busca da compreensão da realidade de forma completa e profunda. O pesquisador procura revelar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação ou problema. Esse tipo de abordagem enfatiza a complexidade natural das situações, evidenciando a inter-relação de seus componentes (LÜDKE e ANDRÉ, 1986). As autoras afirmaram que o Estudo de Caso deve ser delimitado o suficiente para que, seja ele simples ou complexo, represente um mergulho profundo nas singularidades da realidade contextualizada, portanto, o objeto de estudo é uma instância que se analisa dinamicamente, supondo um contato direto e prolongado do pesquisador com o objeto de estudo. Salientaram ainda que:

O caso é sempre bem limitado, devendo ter contornos claramente definidos no desenrolar do estudo. [...] O caso pode ser similar a outro, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular, que tem valor em si mesmo (1986, p.17).

Triviños (1987) observou que essa modalidade de pesquisa é uma das mais relevantes abordagens na pesquisa qualitativa, constituindo-se numa expressão importante da pesquisa educacional. Da mesma forma, Yin (2005) afirmou que a definição pelo Estudo de Caso, de forma mais abrangente, é a metodologia ideal para a educação, pois trata de questões sobre o “como” e o “porquê” e respeita um conjunto de eventos atuais, o que possibilita a tentativa de compreensão de uma realidade extremamente complexa em seu contexto natural.

Segundo Yin (2005), o Estudo de Caso permite uma investigação para se preservar as características dos eventos da vida real. Tenta esclarecer uma decisão ou um conjunto de decisões: o motivo pelo qual foi tomado, como foi implementada a metodologia e com que resultados. Tem como grande vantagem a de estudar pessoas em seu ambiente natural, explorando fenômenos com base em vários ângulos.

Já segundo Beuren (2003):

A pesquisa do tipo estudo de caso caracteriza-se principalmente pelo estudo concentrado de um único caso. Esse estudo é preferido pelos pesquisadores que desejam aprofundar seus conhecimentos a respeito de determinado caso específico (p. 84).

A preferência por Estudos de Caso deve ser dada quando é possível fazer uma observação direta sobre os fenômenos. Os Estudos de Caso utilizam estratégias de investigação qualitativa para mapear, descrever e analisar o contexto, as relações e as percepções a respeito da situação, fenômeno ou episódio em questão. E são úteis para gerar conhecimento sobre características significativas de eventos vivenciados, tais como intervenções e processos de mudanças (MINAYO, 2007).

Assim, a opção pelo emprego da metodologia de Estudo de Caso, na construção desta pesquisa, justifica-se:

- a) pela sua característica, já que é uma estratégia que me possibilitou, dentro de uma realidade complexa com uma multiplicidade de dimensões, estudar aqueles aspectos que desejei e os pontos de vista conflitantes focalizados e analisados como um todo;
- b) pela minha proximidade com o Centro Universitário UNIVATES, seus acadêmicos e professores, o que me permitiu fazer uma observação direta sobre o fenômeno a ser investigado, ou seja, compreender como está se desenvolvendo o processo de construção e implantação da educação empreendedora nos cursos de graduação da UNIVATES.

### 3.2 CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

Segundo Alves-Mazzotti (2004), a escolha do campo onde são coletados os dados de pesquisas qualitativas é proposital, isto é, o pesquisador o escolhe em função das questões de interesse do estudo e também das condições de acesso e permanência no campo.

No presente estudo, o campo de investigação escolhido foi o Centro Universitário UNIVATES, localizado em Lajeado, RS. A opção por realizar o trabalho na UNIVATES justifica-se por minha relação de cumplicidade e parceria com esta instituição. Isto é, além de pertencer ao quadro docente desde 2001, também exerço a função de Coordenadora da Extensão Universitária desde 2004.

### 3.2.1 Um Pouco da História da Instituição

Pesquisando no site da IES, <http://www.univates.br>, podemos verificar que a UNIVATES tem uma trajetória que se confunde com a história recente do Vale do Taquari, região onde está inserida. Em 17 de janeiro de 1969, surgiram os primeiros cursos superiores como extensão da Universidade de Caxias do Sul, passando para uma fundação local em 1972. Em 1997, surgiu a UNIVATES, com a fusão das duas faculdades então existentes.

Em 1999, a UNIVATES – mantida pela Fundação Vale do Taquari de Educação e Desenvolvimento Social (FUVATES) – foi credenciada como Centro Universitário. A autonomia universitária possibilitou-lhe traçar suas metas e elaborar as estratégias para, em consonância com as necessidades locais e tendências mundiais, alcançar seu objetivo de geradora e difusora do conhecimento.

Durante todos os anos de dedicação ao conhecimento e ao crescimento da região, a UNIVATES formou 5.687 estudantes em nível superior, 1.837 em nível de pós-graduação e 1.214 nos cursos técnicos. Atualmente oferece 44 cursos de graduação, 3 sequenciais, 9 técnicos, 26 pós-graduação, e dois programas *Stricto Sensu*, os Mestrados em Ambiente e Desenvolvimento e Ensino de Ciências Exatas, além do curso de Formação Pedagógica de Docentes e diversos cursos de extensão.

A instituição tem como Missão: “Gerar, mediar e difundir o conhecimento técnico-científico e humanístico, considerando as especificidades e as necessidades da realidade regional, inseridas no contexto universal, com vistas à expansão contínua e equilibrada da qualidade de vida” (UNIVATES, 2009).

E como Visão: “Ser uma Instituição de Ensino Superior reconhecida pela qualidade, onde se destacam os compromissos com a inovação, com o empreendedorismo e com os valores do associativismo” (id.).

Conhecendo a Missão e a Visão da UNIVATES, podemos inferir que esta IES está permanentemente preocupada em melhorar a qualidade de vida dos quase 350.000 habitantes que povoam a região do Vale do Taquari, através dos cursos e atividades que oferece.

A solicitação para realizar a pesquisa foi enviada, por ofício, ao Pró-Reitor de Ensino da UNIVATES, professor Carlos Cândido da Silva Cyrne, tendo sido aprovada (Anexo A). O projeto também foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIVATES – COEP.

### 3.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Participaram do estudo acadêmicos da UNIVATES que cursaram a disciplina de Empreendedorismo no semestre A/2009. A escolha desses alunos ocorreu, pois os mesmos, a partir dos conteúdos estudados na disciplina durante o semestre, estavam, teoricamente, mais habilitados para responder ao questionário elaborado para esta pesquisa, pois o mesmo continha questões sobre a teoria empreendedora. Os 438 alunos desse semestre estavam distribuídos em 8 turmas, sendo que 6 turmas ocorreram à noite e 2 no turno da manhã.

Seguindo a teoria estatística de Barbeta (1999), deveriam ser entrevistados 209 alunos, o que corresponderia a 95% de confiança e 5% de erro, mas como houve uma boa receptividade dos professores e alunos em relação à pesquisa, consegui aplicar 257 questionários e resolvi trabalhar com todos esses dados coletados. Foram excluídos os alunos dos professores que não disponibilizaram espaço em sua aula para aplicação do questionário, bem como os alunos que faltaram no dia da aplicação.

### 3.4 PRÉ-TESTE DO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Antes do início da coleta de dados propriamente dita, o instrumento de pesquisa foi testado objetivando de me preparar para entrar em campo, verificar se o instrumento estava adequado e realizar os ajustes necessários, seguindo as orientações de Barbeta (1999):

Antes de iniciar a coleta de dados, precisamos verificar se este instrumento está bom. Neste contexto, torna-se fundamental a realização de um pré-teste, aplicando o instrumento em alguns indivíduos com características similares aos indivíduos da população em estudo. Somente pela aplicação efetiva do questionário é que podemos detectar algumas falhas que tenham passado despercebidas em sua elaboração, tais como: ambigüidade de alguma pergunta, resposta que não havia sido prevista, não variabilidade de respostas em alguma pergunta, etc..O pré-teste também pode ser usado para estimar o tempo de aplicação do questionário (p. 28).

Gil (2002) propõe a observação dos seguintes passos para a efetivação do pré-teste do questionário: seleção de sujeitos que representem o universo a ser pesquisado e que estejam de acordo em participar desta fase; aplicação do questionário aos sujeitos, com controle do tempo despendido para respondê-lo; análise das respostas e entrevista com os sujeitos respondentes, procurando identificar se encontraram alguma dificuldade para responder ao questionário. Vale ressaltar que na análise das respostas ao pré-teste o pesquisador busca, segundo Gil (2002):

[...] verificar se todas as perguntas foram respondidas adequadamente, se as respostas não denotam dificuldade no entendimento das questões, se as respostas correspondentes às perguntas abertas são passíveis de categorização e de análise, enfim, tudo o que puder implicar a inadequação do questionário enquanto instrumento de coleta de dados. (p.120)

### 3.5 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

Para este estudo, um questionário (anexo B) com perguntas abertas e fechadas foi utilizado como instrumento da coleta de dados, o qual visou identificar e mensurar a opinião da amostra ou da população. Segundo Longaray (2003), o questionário deve ser claro, com um número limitado de questões e, para motivar o informante, deve conter uma nota explicando a necessidade e a finalidade da pesquisa.

O questionário utilizado foi estruturado com 9 perguntas, entre abertas e fechadas (Anexo B), e foi aplicado por mim aos alunos que cursaram a disciplina de Empreendedorismo no semestre A/2009 e que concordaram em participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -TCLE, de acordo com a Resolução CNS 196/96. A partir da permissão dos professores para realizar a pesquisa, entrei em sala de aula para explicar todo o processo e entreguei para cada aluno um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo C) e um questionário. Os alunos, após assinarem o TCLE em duas vias (uma ficou com o aluno e outra comigo), responderam ao questionário e todas as dúvidas que surgiram durante o processo de preenchimento do instrumento foram esclarecidas por mim. Após os respondentes terminarem sua atividade, os questionários e os TCLEs foram recolhidos e estão em minha residência, em local seguro, onde serão guardados durante os próximos 5 anos, seguindo as orientações exigidas pelo COEP – Comitê de Ética em Pesquisa da UNIVATES.

### 3.6 TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS

Seguindo em meus passos metodológicos, passo para a análise de dados. Esta é uma fase importante para manter a coerência do conjunto dos elementos constitutivos da pesquisa.

Para o exame das temáticas extraídas do material selecionado, utilizei a técnica de análise de conteúdo apresentada por Bardin (2009). Tal análise integra um conjunto de técnicas que possibilitam, através de procedimentos sistemáticos de descrição do conteúdo, a realização de inferências acerca da produção e ou da recepção de determinada mensagem (BARDIN, 2009).

Em relação ao processo da análise de conteúdo, Bardin (2009) apresenta três etapas: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

**Fase de pré-análise:** nesta fase realizei o que Bardin (2009) chama de *leitura flutuante*, ou seja, fiz uma leitura geral estabelecendo o primeiro contato com o conteúdo das respostas concedidas pelos estudantes através do questionário aplicado e organizei as categorias de análise. Esta escolha foi realizada com base nas seguintes regras, apontadas pela autora como de grande importância:

- 1) Exaustividade: consideração de todos os elementos presentes no conteúdo das entrevistas,
- 2) Representatividade: seleção daqueles elementos presentes nos conteúdos que são representativos em relação ao que nos propomos investigar. É necessário priorizar aqueles que possuem maior significado e consistência com relação aos objetivos do estudo,
- 3) Homogeneidade: os conteúdos das respostas precisam ser agrupados considerando-se estreita relação com a categoria temática,
- 4) Pertinência: os conteúdos selecionados deverão estar adequados, em termos de informação, e corresponder aos objetivos e questões norteadoras delineadas.

**Fase de exploração:** nesta fase, procedi ao estabelecimento das unidades de registro e à definição das categorias. Optei por utilizar como unidade de registro o tema, por ser essa unidade considerada por Bardin (2009) como a mais adequada para o tipo de estudo proposto.

**Fase de tratamento dos resultados, inferência e interpretação:** nesta fase tentei dar sentido às primeiras impressões, tentando deduzir aquilo que as respostas dadas pelos estudantes implicavam para a minha pesquisa.

Também utilizei a Análise Textual Discursiva (ATD), proposta por Moraes e Galiazzi (2007), que pode ser entendida como o “processo de desconstrução seguido de reconstrução, de um conjunto de materiais lingüísticos e discursivos, produzindo-se a partir disso, novos entendimentos sobre os fenômenos e discursos investigados” (MORAES e GALIAZZI, 2007, p. 112). Propõe-se a descrever e interpretar alguns dos sentidos que a leitura de um conjunto de textos pode suscitar. É um exercício de produzir e expressar significados construídos a partir de um conjunto de textos.

Moraes e Galiazzi (2007) organizam a ATD em torno de quatro focos, sendo que os três primeiros compõem um ciclo constituído pelos seguintes elementos principais:

**a) Desmontagem dos textos ou processo de unitarização**

Implica examinar os textos em seus detalhes, fragmentando-os no sentido de atingir unidades constituintes, enunciados referentes aos fenômenos estudados.

**b) Estabelecimento de relações ou processo de categorização**

Envolve construir relações entre as unidades de base, combinando-as e classificando-as, reunindo esses elementos unitários na formação de conjuntos que congregam elementos próximos, resultando daí sistemas de categorias.

### **c) Captando o novo emergente**

A intensa impregnação de análise nos materiais coletados, possibilita a emergência de uma compreensão renovada do todo. O investimento na comunicação dessa nova compreensão, assim como de sua crítica e validação, constituem o último elemento do ciclo de análise proposto. O produto de uma análise textual discursiva é um metatexto que organiza e apresenta as principais interpretações e compreensões construídas a partir do conjunto de textos submetidos à análise. O metatexto resultante desse processo representa um esforço de explicitar a compreensão que se apresenta como produto de uma nova combinação dos elementos construídos ao longo dos passos anteriores. A qualidade desse texto evidencia a qualidade da análise e representa a intervenção em discursos coletivos que a pesquisa realizada possibilita ao pesquisador.

### **d) Um processo auto-organizado**

O ciclo de análise, ainda que composto de elementos racionalizados e em certa medida planejados, em seu todo pode ser compreendido como um processo auto-organizado do qual emergem novas compreensões. Os resultados finais, criativos e originais não podem ser previstos. Torna-se essencial o esforço de preparação e impregnação para que a emergência do novo possa concretizar-se.

Sintetizando, podemos afirmar que a análise textual discursiva é um processo integrado de análise e de síntese que se propõe a fazer uma leitura rigorosa e aprofundada de conjuntos de materiais textuais, com o objetivo de descrevê-los e interpretá-los. A intenção é atingir uma compreensão mais complexa dos fenômenos e dos discursos a partir dos quais estes foram produzidos (MORAES e GALIAZZI, 2007). Para a análise dos dados quantitativos, utilizei uma análise descritiva por meio de tabelas e gráficos, utilizando o software Bioestat 5.0 (AYRES et al., 2007).

Realizadas as devidas considerações, no próximo capítulo apresento a análise e as inferências que fiz. Antes, porém, apresento um quadro com o resumo da abordagem metodológica desta pesquisa.

Quadro 7 – Resumo da abordagem metodológica da pesquisa

<b>Problema:</b> Em que professores empreendedores fazem a diferença nas salas de aula da UNIVATES?	
<b>Objetivo Geral:</b> Investigar e identificar as características da educação empreendedora	
<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Questões Norteadoras</b>
1- Verificar se professores empreendedores influenciam alunos universitários para serem empreendedores em suas vidas pessoais e profissionais.	1- Por quais transformações o estudante passa, após entrar em contato com a educação empreendedora?
2-Averiguar se professores com perfil empreendedor contribuem para a melhoria do ensino e da aprendizagem na UNIVATES	2- Quais são as características do perfil do professor empreendedor?
3- Propor, através de evidências da realidade, metodologias de ensino e ações pedagógicas que resultem em uma educação empreendedora.	3- Que ações pedagógicas e metodologias de ensino são realizadas por professores empreendedores para que os processos de ensinar e de aprender efetivamente aconteçam na UNIVATES?
<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>
1- A importância da disciplina de Empreendedorismo na UNIVATES	1- O despertar de um novo olhar 2- Empreender na vida
2- O professor universitário, um empreendedor	1- Disciplinas consideradas significativas pelos universitários 2- Professores empreendedores fazem a diferença 3- Características de um professor empreendedor
3- A aula de um professor empreendedor	1- Uma aula empreendedora 2- Ensinando e aprendendo na universidade 3- Aprender a empreender 4- Boas relações na sala de aula: uma realidade possível
4- Empreendedorismo transformando a educação na universidade	1- Transformando os estudantes 2- Transformando a sala de aula

Fonte: A autora, 2008

## **4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

A análise dos dados coletados junto aos 257 estudantes da UNIVATES, participantes da pesquisa, talvez nos faça rever certezas e nos leve a novas aprendizagens. Das colocações dos estudantes, emanaram 4 categorias de análise:

### **1- A importância da disciplina de Empreendedorismo na UNIVATES**

### **2- O professor universitário, um empreendedor**

### **3- A aula de um professor empreendedor**

### **4- Empreendedorismo transformando a educação na universidade**

Os dados oriundos dos depoimentos dos alunos foram analisados através de análise textual qualitativa que, segundo Assmann (1998):

[...] pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de novos significados em relação a determinados objetos de estudo, a partir de materiais textuais referentes a esses fenômenos. Nesse sentido é um efetivo aprender auto-organizado, resultando sempre num conhecimento novo (p.135).

É interessante observar que os depoimentos são baseados na experiência dos alunos, os quais explicitam seus saberes a partir de seu discurso, do senso comum e das novas vivências. As respostas provêm de reflexões sobre as experiências de sala de aula já vivenciadas e de comparações com os novos vivenciamentos. Essas respostas anunciam percepções, denunciam experiências, relatam ansiedades, exprimem incertezas e comemoram avanços. Falam da experiência de ser um estudante que está cursando a disciplina de Empreendedorismo e também dos professores empreendedores com os quais esses alunos já conviveram no mundo acadêmico. Além disso, apontam a gama de

transformações originadas através da educação empreendedora trabalhada por esses professores.

E é por meio dos relatos das vivências de sala de aula que os sujeitos pesquisados dão a conhecer suas idéias, refletindo sobre as questões que envolvem a educação empreendedora na medida em que são apresentadas. A seguir, seguem dados sobre os 257 universitários entrevistados para este estudo e logo após a análise das categorias que emergiram a partir dos dados coletados.

#### 4.1 O ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO: PERFIL E ESCOLHAS

Este subcapítulo originou-se após a análise das questões fechadas que fazem parte da introdução do questionário aplicado aos estudantes da UNIVATES (Anexo B). Primeiramente, os universitários declararam sua idade, surgindo os seguintes dados:

Tabela 1 – Idade dos respondentes

<b>Idade</b>	<b>Número de citações</b>	<b>Percentual</b>
Até 17 anos	17	6,61%
De 18 a 20 anos	101	39,30%
De 21 a 23 anos	45	17,51%
De 24 a 26 anos	44	17,12%
De 27 a 29 anos	23	8,95%
De 30 a 32 anos	8	3,11%
Mais de 32 anos	19	7,39%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>257</b>	<b>100%</b>

Fonte: A autora, 2009.

Pode-se observar que a idade mínima entre os respondentes é de 17 anos e a máxima de 55, sendo que a idade média dos participantes é de 23 anos. O maior número de estudantes, que fazem parte desta amostra, está na faixa etária de 18 a 20 anos, representando 101 dos 257 pesquisados. Um dos motivos dessa ocorrência é o oferecimento, no primeiro semestre, da disciplina de Empreendedorismo para os alunos do curso de Administração.

Em um segundo momento, foi investigado o sexo dos participantes e novamente o sexo feminino mostrou-se mais citado. Emprego a palavra “novamente”, pois em 2004 realizei uma pesquisa para meu Mestrado em Educação pela PUCRS e o percentual feminino também foi o mais citado, mas com índices bem superiores chegando a 70,2% dos estudantes entrevistados, num universo de 305 participantes. Naquela época a maioria dos cursos pesquisados foram cursos com perfil feminino, como Letras, Secretariado Executivo, Enfermagem e Nutrição, o que não ocorre nesta pesquisa, pois se pode afirmar que, em um primeiro momento, os cursos da área da Gestão, que aqui surgem como maioria, são território masculino.

Segundo o gráfico abaixo, nesta pesquisa, temos 56,08% de respondentes do sexo feminino:

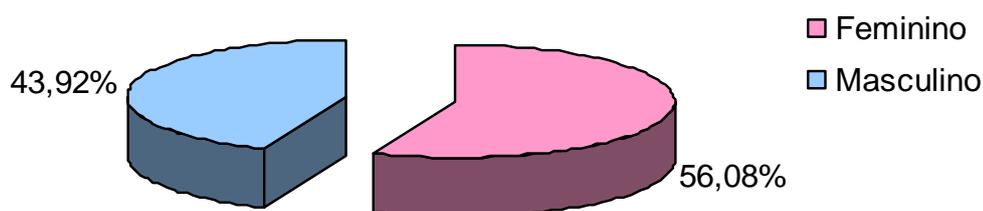


Gráfico 1 – Sexo dos informantes, desconsiderando os 2 questionários não respondidos.

Fonte: elaborado pela autora, 2009.

O aumento da participação feminina não é exclusividade da UNIVATES, pois na Espanha, segundo Zabalza (2004):

As mulheres não apenas igualaram, mas superaram amplamente a presença dos homens na universidade. Essa constatação não ocorre em todos os cursos e em todas as áreas, mas começa a ser um traço comum da maior parte das faculdades, principalmente as relacionadas com a área das humanidades, do direito ou da saúde (p.184).

Zabalza (2004) continua colocando que é difícil saber o impacto que tal fenômeno terá na organização das instituições universitárias. Para o autor, a maior

presença feminina não alterará os conteúdos, mas existe a possibilidade de mudança nas relações entre professores e alunos, pois o universo feminino, com certeza, elevará os níveis de sensibilidade das relações, alterando os estilos de trabalho e de convivência.

Itamar Melo, em artigo publicado em ZH, em 2004, para registrar a comemoração dos 70 anos da UFRGS, valida as constatações até agora percebidas neste trabalho sobre este assunto, pois o autor do artigo menciona que a universidade chega a sua maioria com “uma silhueta cada vez mais feminina”(p.44) e que as mulheres já são a maioria em 30 cursos, sendo que o mais feminino é o de Nutrição com 99%, de mulheres. Segundo o artigo, todo este panorama feminino começou a existir a partir de 1968, “com o avanço do movimento feminista e a emancipação da mulher.” (p.44) A ascensão feminina na UFRGS é registrada no artigo e o autor coloca que, em 1980, o universo estudantil era composto por 40,5% de mulheres e que, em 2004, o número subiu para 45,3%.

Toda essa mudança deve alterar as estruturas universitárias, levando as instituições a atualizar suas dinâmicas de funcionamento a fim de responder às exigências da nova maioria feminina, maioria esta que, com certeza, possui leituras diferentes das leituras praticadas pelo universo masculino, que antes dominava os espaços acadêmicos.

Em um terceiro momento, dentro da abordagem quantitativa, os respondentes foram solicitados a colocar o curso de graduação que estão frequentando, mostrando, assim, suas escolhas. Os dois cursos que despontaram foram Administração e Ciências Contábeis. Veja o gráfico que segue:

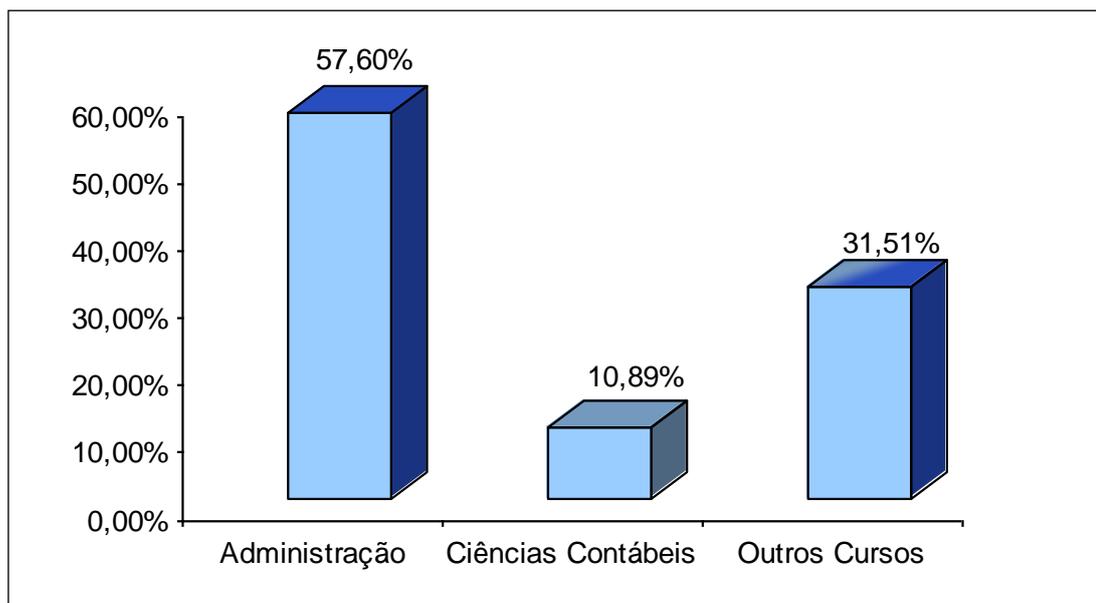


Gráfico 2 – Dois cursos com maior número de alunos participantes.

Fonte: Elaborado pela autora, 2009

Na tabela 2, que se encontra logo a seguir, podemos averiguar que estudantes de 22 cursos de graduação da UNIVATES responderam ao questionário, porém dois cursos da área da Gestão possuem o maior número de respondentes - quase 70%. Isso ocorre, no meu entender, porque, apesar de a UNIVATES ter inserido a disciplina de Empreendedorismo como obrigatória ou eletiva para todos os cursos da IES (Instituição de Ensino Superior) desde 2004, muitos coordenadores de cursos, por não terem o devido conhecimento sobre a disciplina, colocam-na no horário de seus cursos, mas não motivam suficientemente seus alunos para que os mesmos cursem Empreendedorismo. Como já foi colocado nesta tese, está no senso comum que Empreendedorismo é assunto exclusivo da área de Gestão, pensamento totalmente equivocado e que esta tese tenta questionar.

Tabela 2 – Curso freqüentados pelos estudantes pesquisados

<b>Curso</b>	<b>Número de citações</b>	<b>Percentual</b>
Administração	91	35,41%
Administração de Empresas	57	22,18%
Ciências Contábeis	28	10,89%
Educação Física	10	3,89%
Comércio Exterior	8	3,11%
Design Gráfico	8	3,11%
Comunicação Social – Jornalismo	7	2,72%
Fisioterapia	7	2,72%
Gestão de Micro e Pequenas Empresas	6	2,33%
Química Industrial	6	2,33%
Tecnólogo em Gestão Logística	6	2,33%
Comunicação Social - Relações Públicas	4	1,56%
Análise de Sistemas	3	1,17%
Negócios Agroindustriais	2	0,78%
Direito	2	0,78%
Engenharia Civil	2	0,78%
Engenharia da Produção	2	0,78%
Farmácia	2	0,78%
Pedagogia	2	0,78%
Publicidade e Propaganda	2	0,78%
Ciências Exatas	1	0,39%
Engenharia Ambiental	1	0,39%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>257</b>	<b>100%</b>

Fonte: A autora, 2009

Observando a tabela 2, vemos que apenas 56 alunos dos 257 entrevistados não são oriundos dos cursos da área da gestão. Surge um questionamento: por que os alunos dos cursos de licenciatura, dos cursos da área da saúde, dos cursos da área das engenharias, dos cursos da área da comunicação, e de outras áreas do conhecimento, não frequentam esta disciplina com maior assiduidade?

Os dizeres de Fernando Dolabela, em entrevista concedida à ZH, para o Caderno Empregos e Oportunidades, em 2008, talvez nos ajudem a elucidar o questionamento anterior:

O empreendedorismo é um tema extremamente marginal. Apesar de minha pedagogia de ensino já estar em 400 universidades, é uma minoria. É uma cultura pouco assimilada. As universidades estão preocupadas em disseminar o saber. Empreendedorismo não faz parte do conteúdo acadêmico (p.3).

A fala de Dolabela (2008) nos mostra que a universidade necessita passar por um processo de mudança cultural, deixando de formar, em sua grande maioria, pessoas submissas e conformadas, que serão os futuros empregados no mercado de trabalho, e passar a formar pessoas que tenham objetivos de vida definidos, pessoas responsáveis, pró-ativas, não submissas e que empreendam em suas vidas pessoais e profissionais.

O professor Dolabela (2008), quando perguntado sobre como as universidades podem explorar o tema empreendedorismo, respondeu:

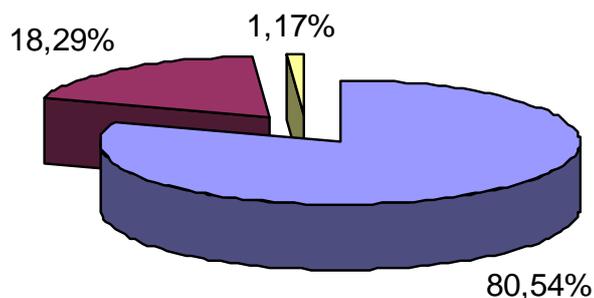
[...] a universidade deve provocar o autoconhecimento, fazer o aluno descobrir o seu sonho. Se você não vai atrás de seu sonho, não concebe seu futuro. [...] E a grande palavra é inovação. A produção repetitiva perde espaço para quem inova. O que vale é a capacidade das pessoas de mudar. Foi um jovem rebelde que criou o Google (p.3).

Talvez a palavra-chave para a resposta ao meu questionamento colocado anteriormente seja mudança. Como educadores devemos perder o medo de inovar e deixar de ser repetitivos em nossas ações pedagógicas, dando espaço para o aluno oferecer soluções, resolver problemas, buscar lacunas, enfim, criar seu próprio caminho, errando e acertando. Quem sabe essa ação seja o início de uma mudança para que ocorra o aprender a empreender com a mesma intensidade em todas as salas de aula da UNIVATES. Espero que as análises e reflexões das 4 categorias que emergiram neste estudo e que são discorridas a seguir, consigam auxiliar educadores a repensar suas práticas pedagógicas.

#### 4.2 CATEGORIA 1 - A IMPORTÂNCIA DA DISCIPLINA DE EMPREENDEDORISMO NA UNIVERSIDADE

Esta categoria surgiu a partir da primeira questão que perguntou para o estudante se ele considera a disciplina de Empreendedorismo fundamental para sua formação, ou se a disciplina não é fundamental, mas é importante para a sua formação ou, finalmente, se a disciplina não é importante para a sua formação.

O gráfico 3 consegue mostrar a grande diferença que existe entre os alunos que consideram fundamental ou importante cursar a disciplina de Empreendedorismo para a sua formação e os alunos, apenas 3, em um universo de 257, que acham que a disciplina não é importante para a sua formação.



- É fundamental para sua formação
- Não é fundamental, mas é importante para a sua formação
- Não é importante para a sua formação

Gráfico 3 – Como os alunos consideram a disciplina de Empreendedorismo.

Fonte: A autora, 2009.

Dos 257 universitários que participaram desta pesquisa, 207 (80,54%) colocaram que a disciplina é fundamental para a sua formação, dado que mostra que a teoria empreendedora é vista com bons olhos pelos universitários e que a mesma está preparando-os para um futuro no qual a criatividade e a atitude positiva perante as dificuldades serão alavancas para a sobrevivência no mundo do trabalho.

As justificativas dadas pelos estudantes, a partir da escolha realizada nesta questão, fizeram surgir duas subcategorias: *O despertar de um novo olhar e Empreender na vida.*

#### 4.2.1 O despertar de um novo olhar

Nesta subcategoria encontramos colocações dos universitários que mostram que a disciplina de Empreendedorismo é importante, pois os ajuda a ampliar suas visões de mundo pessoal e profissional. Os estudantes destacaram, também, que a disciplina os auxiliou a pensar sobre o futuro, sobre a vida, surgindo as seguintes idéias, E45: “Pois com ela você aprende a enxergar o mundo de uma maneira mais abrangente, abrindo novos caminhos para o aparecimento de novos empreendedores.”; E105: “Empreender é uma arte e muitas vezes está adormecida em nós, sendo assim, indispensável trabalharmos e despertar isto em cada um.”

Esta última colocação vem ao encontro da idéia de que a universidade, no meu entender, tem a obrigação de aproximar a teoria empreendedora de seus alunos para que ocorra este despertar citado pelo universitário pesquisado. Uma universidade moderna se define como uma instituição onde também se aprende a aprender, recolocando a educação no centro do desenvolvimento que, segundo Demo (1991), para ser integral carece de qualidade formal (domínio tecnológico) e qualidade política (cidadania organizada e ativa).

No meu entender, a universidade deve estar dirigida para a formação de estudantes com algumas posturas indispensáveis como: iniciativa de ação e decisão, capacidade de negociação, competência e autonomia para criar e inovar, capacidade de comunicação interpessoal, comprometimento com princípios éticos e capacidade de trabalhar em grupo. Todas essas posturas citadas por Demo (1991) fazem parte do programa da disciplina de Empreendedorismo ministrada na UNIVATES. Bem, se essas posturas são trabalhadas em sala de aula, posso inferir que essa disciplina pode contribuir e muito para a construção de uma universidade moderna, citada no parágrafo anterior. Os dizeres do estudante 14 corroboram minha afirmação: “Pois são muitos anos e muitas gerações pensando de uma forma conservadora e a disciplina mostra formas diferentes de agir e rever velhos conceitos.”

Uma universitária do curso de Ciências Exatas (E22) destacou que a disciplina fez com que ela se conhecesse melhor. Essa afirmação confirma que a disciplina também trabalha o autoconhecimento, já citado por Dolabela (2008), e o autogerenciamento, embasados, principalmente, em Peter Drucker (1999), já que, segundo o último autor, na era do conhecimento, o sucesso vai ao encontro dos que sabem administrar seus pontos fortes e fracos. E para saber administrar nossos pontos fortes e fracos é preciso ter, primeiramente, conhecimento de quem somos para, a partir deste ponto, iniciar nosso autogerenciamento. Segundo Drucker (1999), o segredo não está em tentar mudar a si mesmo, pois o sucesso é pouco provável nesse caso, mas sim em conhecer e explorar seus pontos fortes.

Outra ideia que surgiu do depoimento do estudante 38 foi a seguinte “Porque nos dá a oportunidade de aprender a solidariedade, enfrentando algumas barreiras.” Essa colocação está relacionada ao empreendedorismo social que, desde 2007, foi incluído no conteúdo da disciplina de Empreendedorismo da UNIVATES. Incluir empreendedorismo social teve como objetivo principal trabalhar cidadania durante a disciplina, tirando o foco essencialmente empresarial.

No dicionário Aurélio (2008) está escrito que cidadania significa condição de cidadão, e cidadão, segundo o mesmo dicionário, significa indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado. A ideia de trabalhar cidadania na disciplina foi justamente essa, a de possibilitar aos alunos a vivência de situações que objetivassem a auxiliar quem necessita, na tentativa de melhorar a sociedade em que vivemos. Sabemos que esse tipo de atividade normalmente não é praticada na universidade, por isso houve essa agregação de valor aos conteúdos trabalhados, tentando mostrar aos alunos a importância de adquirir a condição de cidadão através da prática do empreendedorismo social.

Outra colocação de um aluno (E54) nos faz perceber que a decisão de trabalhar cidadania na disciplina de Empreendedorismo obteve êxito: “Pois aprendemos a ter uma outra visão de empreendedorismo e a nos empenhar a ajudar aqueles que necessitam.” Estas palavras me fazem acreditar ainda mais no poder da educação empreendedora, pois, se após um semestre, um aluno consegue verbalizar que conseguiu ter uma outra visão de empreendedorismo, provavelmente

ele tinha a visão que percorre o senso comum, a de que empreendedorismo representa somente negócios, lucro e empresas; e ter despertado para olhar o próximo, acreditando que um mundo melhor pode ser conquistado através da solidariedade, mostra que a universidade, através da educação empreendedora, está transformando os alunos em pessoas melhores.

Tudo isso vai ao encontro da Missão e da Visão da IES, citadas anteriormente, e dos dizeres do reitor da Univates, professor Ney José Lazari:

Mais que conceder diplomas e preparar profissionais, queremos formar cidadãos conscientes de seus compromissos com a comunidade e o mundo em que vivem [...] Daí decorre nossa preocupação com o desenvolvimento econômico e a geração de bem-estar social para os habitantes do Vale do Taquari e nosso envolvimento em questões que concorram para alcançarmos esses objetivos. [...] acreditamos que estaremos contribuindo para que mais pessoas possam participar da construção de uma sociedade mais justa (UNIVATES, 2009)

Seguindo nesta linha de pensamento, cito Marques (2006), que destaca que, em 2002, a ONU (Organização das Nações Unidas) traçou oito metas para acabar com a miséria no mundo e serem cumpridas até 2015. Em 2005, a entidade decidiu fazer uma pesquisa para avaliar o andamento do plano. Os resultados mostraram que, exceção feita à China, poucos países investiram de verdade na redução da pobreza mundial.

Foi então que, segundo Marques (2006), a entidade decidiu avaliar de que maneira o potencial do setor privado e do empreendedorismo poderiam colaborar a reduzir a miséria do mundo. O resultado mostrou que para combater a pobreza, é preciso potencializar a geração de empregos e distribuição de renda através do desenvolvimento do empreendedorismo local.

Esta percepção vem acompanhada de um aumento natural do interesse das empresas privadas pelo investimento em ações de responsabilidades social. Essas ações estão perdendo, cada vez mais, o caráter assistencialista, pois, ao mesmo tempo em que auxiliam determinado público, dão retorno para as empresas.

Marques (2006) coloca ainda que o que acontece é que os empreendedores sociais estão em toda a escala da sociedade. Isso porque, ao mesmo tempo em que o pobre que é atendido por determinado programa é levado a agir e empreender para melhorar de situação, o alto empresário investe seus recursos no desenvolvimento do trabalho.

Sabemos que este processo de transformação é lento. As pessoas precisam deixar seus preconceitos de lado para investir em atividades desta natureza, o que nem sempre é fácil. O interessante nisso tudo é perceber a grande sintonia existente entre a disciplina de Empreendedorismo da UNIVATES, que recebeu a inclusão de ações sociais em seu conteúdo programático, e as percepções e ações da ONU em relação à pobreza, mostrando que a universidade de Lajeado está no caminho certo no que diz respeito à construção de uma melhor sociedade. Trago as palavras de um universitário (E214) para finalizar esta subcategoria: “Acredito que empreendedorismo é fundamental para minha vida. Todo o conteúdo aprendido aqui é muito importante para mim como cidadão”.

#### **4.2.2 Empreender na vida**

Nesta subcategoria os estudantes expõem o quanto a disciplina está auxiliando e auxiliará para serem empreendedores em suas profissões e em suas atitudes pessoais, E148: “Pois com ela podemos ter uma visão melhor do que virá pela frente em nosso trabalho, assim estaremos preparados para enfrentar situações que aparecerão”; E210: “Pois ensina como ser um profissional diferenciado”; E58: “O mercado necessita de profissionais que tenham atitude”; E105: “Um bom profissional de qualquer área deve ter características empreendedoras”.

As falas dos estudantes trazem à tona minha crença de que qualquer área do conhecimento deve entrar em contato com a educação empreendedora para que os profissionais formem-se cada vez mais capazes para enfrentar as adversidades que os esperam no mercado de trabalho, após deixar o ambiente acadêmico. Além

disso, os estudantes destacam que a disciplina os prepara para terem atitude na vida pessoal e profissional.

Seguem as respostas concedidas pelos alunos, E99: “Pois se eu quero abrir uma empresa ou administrá-la devo, em primeiro lugar, saber empreender”; E101: “Aprender sobre o empreendedorismo me tornou uma pessoa mais otimista e disposta a alcançar meus sonhos e isso é fundamental para um profissional de sucesso”; E136: “Pois faz nascer no aluno o desejo de estar à frente em alguma ação”; E201: “Faz despertar dentro de nós a vontade de sermos empreendedores, seja em um negócio próprio, como também nas empresas em que trabalhamos”. Esta última colocação vai ao encontro do intraempreendedorismo, assunto já tratado nesta tese, que nada mais é do que o funcionário com características empreendedoras atuando em qualquer tipo de organização.

O Caderno Emprego e Oportunidades de ZH, publicado em 22 de novembro de 2009, estampa em sua primeira página uma reportagem assinada por Joana Marins sobre *Funcionários Empreendedores* e traz a informação de que ser inovador e propor soluções para os mais diversos problemas, e não apenas referentes ao seu setor, pode transformar a carreira de qualquer funcionário, em qualquer organização. Coloca ainda que, quem quer ser um intraempreendedor, deve buscar pensar além da função que está exercendo, deve focar nos resultados, deve buscar aperfeiçoamento constante, pois esta ação auxiliará a ter novas idéias, e deve procurar trabalhar em uma organização que estimule o crescimento de seus funcionários.

Todo professor que tiver características do comportamento empreendedor e praticá-las através da educação empreendedora será um intraempreendedor, já que ele não é, na grande maioria das vezes, o dono da instituição de ensino, mas é alguém que está trabalhando na escola ou na universidade agindo como se o negócio fosse seu, portanto, agindo com atitude, agindo com criatividade, agindo com inovação e agindo com vontade de mudar o que não está bom, auxiliando na construção de um novo cenário educacional. E esse professor empreendedor fará acontecer a segunda parte dos seguintes dizeres:

*É fundamental, pois somos preparados por nossos pais e pela escola a nos prepararmos para ser um bom empregado e não um empreendedor. A partir do momento que nos comportamos como empreendedores, agiremos melhor em todos os âmbitos. (E93)*

O aluno consegue exprimir em simples palavras o que muitos teóricos trazem em seus livros e principalmente Dolabela (2002), que coloca que a preocupação maior das universidades é reproduzir modelos que já estão obsoletos em se tratando de metodologias e práticas educacionais. Esses modelos, segundo o autor, fazem exatamente o que o aluno coloca: auxiliam na formação de indivíduos que irão para o mercado de trabalho com características de um empregado e não de um empreendedor.

Reproduzo agora mais manifestações dos alunos sobre a importância da disciplina de Empreendedorismo para suas vidas, E104: “A disciplina é fundamental, pois consegue provar ao aluno que criatividade e atitude geram bons frutos”; E102: “Eu acredito que todos os alunos devam cursar esta disciplina a fim de conhecimento e aplicação também”; E85: “Faço Design Gráfico e é muito importante estar sempre inovando e crescendo”; E47: “É importante para despertar o nosso lado empreendedor e mostrar que somos capazes de mudar a nossa realidade com um pouco de esforço”. Esta última manifestação vem ao encontro do papel político que a universidade deve exercer na sociedade onde está inserida, que é o de provocar mudanças na realidade que a circunda, objetivando a melhoria da qualidade de vida de todos os envolvidos no processo.

#### 4.3 CATEGORIA 2 - O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO, UM EMPREENDEDOR

Esta categoria originou-se a partir das questões 2, 3 e 4, que tinham como objetivo identificar quantas disciplinas os alunos cursaram ao longo de três semestres, 2008/A, 2008/B e 2009/A, e quantas dessas disciplinas cursadas foram significativas ou promoveram transformações em suas vidas pessoais, profissionais e acadêmicas. O questionamento tinha como objetivo identificar se as disciplinas cursadas auxiliaram os alunos a mudar sua maneira de enxergar o mundo, se

auxiliaram ou melhoraram sua inserção no mercado de trabalho ou fizeram com que os estudantes adquirissem hábitos até então não praticados ou pouco praticados, como leituras, pesquisas, liderança, pró-atividade e intraempreendedorismo. Além disso, a questão solicitou que os alunos colocassem se essas disciplinas, consideradas significativas, auxiliaram na melhoria de sua comunicação com as pessoas com quem convivem.

Partindo das respostas concedidas pelos 257 alunos pesquisados, emergiram 3 subcategorias: *Disciplinas consideradas significativas pelos universitários*, *Professores empreendedores fazem a diferença* e *Características de um professor empreendedor*

#### **4.3.1 Disciplinas consideradas significativas pelos universitários**

Os estudantes foram questionados sobre quantas disciplinas haviam cursado ao longo do ano de 2008 e quantas estavam cursando no primeiro semestre de 2009. As respostas seguem na tabela 3 e mostram que, em média, os 257 alunos pesquisados cursaram, em três semestres, 6 disciplinas.

Tabela 3 – Total de disciplinas cursadas em 2008 e semestre A/2009

<b>Quantidade de disciplinas</b>	<b>Número de citações</b>	<b>Percentual</b>
1 disciplinas	6	2,34%
2 disciplinas	39	15,18%
3 disciplinas	29	11,28%
4 disciplinas	27	10,51%
5 disciplinas	20	7,78%
6 disciplinas	35	13,62%
7 disciplinas	18	7,00%
8 disciplinas	11	4,28%
9 disciplinas	27	10,51%
10 disciplinas	13	5,06%
11 disciplinas	5	1,95%
12 disciplinas	7	2,72%
13 disciplinas	1	0,39%
14 disciplinas	7	2,72%
15 disciplinas	4	1,56%
16 disciplinas	4	1,56%
18 disciplinas	2	0,78%
20 disciplinas	1	0,39%
Questionários não respondidos	1	0,39%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>257</b>	<b>100%</b>

Fonte: A autora, 2009.

Logo após, os alunos foram solicitados a colocar quantas disciplinas, dessas cursadas, foram significativas para eles. Isto é, disciplinas que fizeram com que eles mudassem sua maneira de enxergar o mundo, ou disciplinas que auxiliaram sua inserção no mercado de trabalho, ou disciplinas que os auxiliaram a adquirir hábitos como leitura e pesquisa, ou ainda disciplinas que os motivaram a exercer a liderança, a pró-atividade, o intraempreendedorismo e uma boa comunicação.

Os resultados são regulares e mostram, na minha percepção, que algo deve ser aprimorado nas salas de aula, pois se os alunos frequentaram, em média, 6 disciplinas nesses 3 últimos semestres, a tabela 6 nos mostra que 68,43% dos estudantes colocaram que, no máximo, 4 disciplinas fizeram a diferença e foram significativas para sua vida pessoal e profissional. Portanto, em cada 6 disciplinas cursadas, duas não foram consideradas significativas para a vida dos estudantes pesquisados. Outro dado a observar e que preocupa, é que apenas 8 alunos, representando 3,11% dos entrevistados, consideraram significativas 6 disciplinas, chegando à média das disciplinas cursadas.

Acredito que esses números nos mostram que estamos necessitando de mais professores com perfil empreendedor atuando nas salas de aula da UNIVATES, para que consigamos reverter esses números e chegar a 90% de disciplinas cursadas consideradas significativas ou, quem sabe, a 100%. Urge que nas universidades e também nas escolas surjam cada vez mais professores empreendedores que saibam conduzir a gestão de sua aula, tornando suas disciplinas significativas para seus alunos, ocorrendo, assim, o objetivo primeiro de uma sala de aula: a aprendizagem.

Tabela 4 – Das disciplinas cursadas, quantas foram significativas

<b>Disciplinas significativas</b>	<b>Número de citações</b>	<b>Percentual</b>
0 disciplinas	1	0,39%
1 disciplinas	36	14,01%
2 disciplinas	72	28,02%
3 disciplinas	40	15,56%
4 disciplinas	28	10,89%
5 disciplinas	24	9,34%
6 disciplinas	8	3,11%
7 disciplinas	9	3,50%
8 disciplinas	12	4,67%
9 disciplinas	5	1,95%
10 disciplinas	10	3,89%
11 disciplinas	3	1,17%
12 disciplinas	2	0,78%
14 disciplinas	2	0,78%
Questionários não respondidos	5	1,95%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>257</b>	<b>100%</b>

Fonte: A autora, 2009.

#### **4.3.2 Professores com perfil empreendedor fazem a diferença**

No final da subcategoria anterior, coloquei que as salas de aula da UNIVATES estão necessitando de mais professores com perfil empreendedor para que as disciplinas tenham significado, agregando valor para os alunos. Minha afirmação e preocupação são corroboradas pelos dados contidos no gráfico 5, pois quando os estudantes foram questionados se as disciplinas que eles elegeram como significativas tinham sido ministradas por professores com perfil empreendedor, 245 assinalaram “sim”, correspondendo a 95,33% dos pesquisados. Esse dado nos mostra que o universitário deseja e aprova que seu professor tenha um perfil empreendedor.

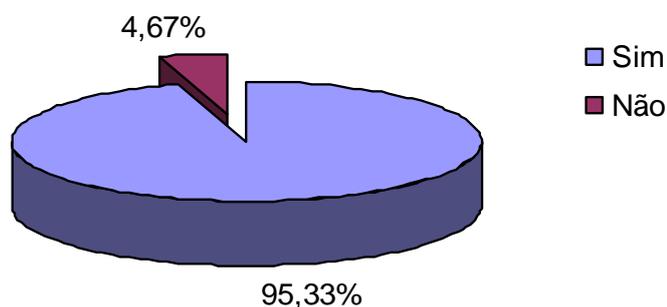


Gráfico 4 – As disciplinas eleitas como significativas, foram ministradas por professores com perfil empreendedor.

Fonte: A autora, 2009

Os números apresentados também mostram que a relação professor empreendedor e aprendizagem estão intimamente conectados, pois, no meu entender, só é significativo aquilo que conseguimos tornar útil para nossas vidas e que passamos a utilizar. Isto é, se eu me aproprio de uma informação e consigo ver a utilidade da mesma para a minha vida, ela se transforma em conhecimento, tornando-se significativa para mim. Bem, se 95,33% dos estudantes colocaram que as disciplinas que fizeram a diferença em suas vidas, consideradas por eles como significativas, foram ministradas por professores empreendedores, posso me atrever a afirmar que nessas disciplinas ocorreu aprendizagem.

#### 4.3.3 Características de um professor empreendedor

Esta subcategoria emergiu a partir das respostas concedidas pelos estudantes sobre as características observadas por eles nas atitudes dos professores que ministraram as disciplinas que tiveram significado.

Conforme a tabela 5, podemos observar que as 7 características mais citadas pelos alunos foram: *possuem conhecimento, são determinados e dinâmicos, são otimistas e apaixonados pelo que fazem, sabem tomar decisões, são dedicados, são bem relacionados (networking) e são organizados.*

Tabela 5 – Características percebidas nas atitudes dos professores, durante as aulas ministradas em 2008

<b>Características</b>	<b>Número de citações</b>	<b>Percentual</b>
Sabem tomar decisões	159	61,87%
São indivíduos que fazem a diferença	120	46,69%
Sabem explorar ao máximo as oportunidades	121	47,08%
São determinados e dinâmicos	179	69,65%
São dedicados	139	54,09%
São otimistas e apaixonados pelo que fazem	169	65,76%
São independentes e constroem o próprio destino	61	23,74%
São líderes e formadores de equipes	109	42,41%
São bem relacionados ( <i>networking</i> )	139	54,09%
São organizados	133	51,75%
Possuem conhecimento	220	85,60%
Criam valor para a sociedade	85	33,07%
Outras	14	5,45%
Realistas	2	0,78%
Alguns professores demonstram o perfil empreendedor e outros não	1	0,39%
Comunicativo	1	0,39%
Conseguem fazer com que as aulas não se tornem cansativas	1	0,39%
Criatividade e inovação	1	0,39%
Humanas e carismáticas	1	0,39%
Iniciativa, atitude, pró-ativa, dinâmica e criatividade	1	0,39%
Muito carismáticos	1	0,39%
Possuem atitude	1	0,39%
Professores que sabem	1	0,39%
Sabem passar o conhecimento didática	1	0,39%
Sabem passar seu conhecimento adiante	1	0,39%
Situações reais contadas através de alguns professores e como foi solucionados. Estratégias usadas de melhorias ou soluções de problemas	1	0,39%
Questionários não respondidos	12	4,67%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>257</b>	<b>-</b>

Fonte: A autora, 2009. (O número de citações é superior ao número de observações, devido às respostas múltiplas)

Podemos inferir, a partir das escolhas realizadas pelos universitários, que a sala de aula necessita de um profissional que sabe o que diz, que sabe o que faz, que sabe fazer a diferença, que adora sua profissão, que tem postura definida, que tem dedicação constante, que se relaciona bem com os alunos, com outros professores e com o público externo à universidade e que é muito organizado.

Seguindo as definições de Dornelas (2001), que já foram apresentadas neste trabalho no capítulo 2, as características pessoais escolhidas pelos respondentes desta pesquisa para delinear o perfil dos professores empreendedores da UNIVATES, podem ser assim definidas:

- Possuem conhecimento: 85,6% dos alunos pesquisados elegeram esta característica como a mais percebida nas atitudes de seus professores empreendedores durante as aulas, mostrando que, para conseguir ministrar uma aula com êxito, primeiramente o professor deve saber e conhecer o conteúdo a ser trabalhado. E também, na minha percepção, deve ter conhecimento de mundo, sabendo argumentar e se posicionar sobre economia, política, sociologia, enfim, tentar estar sempre conectado com as diversas áreas do conhecimento e não isolar-se em seus conteúdos, achando que estes são os únicos para serem estudados e aprendidos. Para Dornelas (2001), os empreendedores apresentam esta característica, pois são sedentos pelo saber e aprendem continuamente. Assim como o professor, que não pode parar de se capacitar e deve estar sempre em constante aperfeiçoamento profissional e pessoal para não cair na *crise do profissionalismo*, trazida por Tardif (2004), que afirma que a crise do profissionalismo é, em primeiro lugar, a crise dos conhecimentos. Essa crise aponta também para a crise do poder profissional, que nada mais é do que a falta de confiança que acaba surgindo do público em relação ao profissional. Se levarmos essa afirmação para a sala de aula, a crise ocorre quando o conhecimento do professor é posto em desconfiança. Os alunos percebem quando o professor tem conhecimento e tem bagagem cultural mas, quando não tem, começam a desconfiar da capacidade desse educador.
- São determinados e dinâmicos: segundo a Tabela 5, 179 acadêmicos, representando 69,65% dos entrevistados, assinalaram esta característica como percebida em seus professores empreendedores. Voltando para as colocações de Dornelas (2001), os empreendedores têm esta característica, pois são comprometidos e ultrapassam obstáculos com “uma vontade ímpar de fazer acontecer [...] e cultivam um certo inconformismo diante da rotina” (p.32). Aproximo os dizeres de Dornelas(2001) aos de Kincheloe (1997) que traz à discussão a passividade cognitiva do professor, e destaca que esse professor tido como passivo, “não desafia os alunos com alguma coisa significativa: tornando a educação trivial, um jogo sem sentido, um rito fátuo de

passagem para a vida adulta. (p.15). Kincheloe (1997) traz à tona a domesticação da imaginação pedagógica, colocando que os professores acabam se desqualificando, pois apenas preocupam-se em reproduzir e não em criar. O autor traz uma preocupação recorrente, pois com essa desqualificação, os professores perdem cada vez mais sua autonomia, não sendo nem determinados, nem dinâmicos.

- São otimistas e apaixonados pelo que fazem: esta foi a terceira característica mais escolhida pelos entrevistados - 65,76% a escolheram. Na fala de Dornelas (2001) ela aparece com a seguinte definição:

Eles adoram o trabalho que realizam. E é esse amor ao que fazem o principal combustível que os mantêm cada vez mais animados e autodeterminados, tornando-os os melhores vendedores de seus produtos e serviços, pois sabem, como ninguém, como fazê-lo. O otimismo faz com que sempre enxerguem o sucesso, em vez de imaginar o fracasso (p.32).

Quando aproximamos a teoria empreendedora da teoria pedagógica e surgem palavras como vendedores, produtos ou serviços, pode ocorrer um certo desconforto, uma certa desconfiança ou até mesmo repúdio em relação a essas expressões que, num primeiro momento, circulam na esfera da gestão. Coloco em um primeiro momento, pois acredito que todo o professor, todo o educador deveria olhar para a sua sala de aula como algo a ser gerido. Toda a aula ministrada para uma turma, não deixa de ser um serviço prestado e o professor deve se transformar, cada vez mais, em um excelente vendedor de suas aulas, já que o aluno, quando se matricula em uma universidade, ou em uma escola, assina um contrato de compra de um serviço. Não estou aqui falando em aluno cliente, que pode tudo e nada precisa fazer, bastando pagar. Não, longe disso. Estou falando de um aluno que tem o direito de receber um serviço de qualidade, e de um professor que tem o dever de entregar esse serviço de qualidade. Também falo de um aluno que tem o dever de cumprir as regras estipuladas no contrato assinado, como estudar, respeitar e auxiliar em todos os momentos para que ocorra ensino e

aprendizagem na sala de aula. Acredito que um professor empreendedor, que se utiliza da educação empreendedora, faz a gestão de sua sala com muita competência e otimismo. Sobre ser otimista, cabe citar Seligman (2005):

[...] Já os otimistas, sujeitos aos mesmos trancos deste mundo, encaram o infortúnio de maneira oposita. Acreditam geralmente que um insucesso é apenas um contratempo passageiro, que causas se restringem ao caso em questão. Os otimistas não se julgam culpados de eventuais malogros: acham que são provocados por circunstâncias desfavoráveis, falta de sorte ocasional, ou outras pessoas. Os reveses não abalam sua estrutura; confrontados com uma situação adversa, enfrentam-na como um desafio a ser vencido com redobrado empenho (p.27).

Os dizeres de Seligman (2005) vêm ao encontro dos teóricos que abordam o assunto empreendedorismo, pois o empreendedor é aquele indivíduo que acredita, que não se deixa abater e que, na maioria das vezes, encontra uma alternativa segura para continuar empreendendo, apesar dos infortúnios que a vida, muitas vezes, apresenta. E o professor empreendedor se comporta dessa maneira, como o otimista de Seligman (2005). Por isso, sua aula torna-se significativa para os alunos.

- Sabem tomar decisões: esta característica foi assinalada por 159 estudantes, representando 61,65% do público participante da pesquisa. Para Dornelas (2001), a pessoa empreendedora não se sente insegura, toma decisões no momento certo, principalmente nos momentos de adversidade e essas atitudes, segundo o autor, levam a pessoa para o sucesso. Postulo que o professor empreendedor é aquele profissional que, além de tomar decisões em momentos críticos dentro ou fora da sala de aula, também implementa essa decisão rapidamente - não deixa para depois, não deixa para outro resolver. Vejo este professor como Kincheloe (1997), um professor que pensa de uma maneira emancipatória, decidindo não ser apenas um profissional que cumpre planos administrativos, mas um educador que traz para dentro de sua sala de aula e também para suas ações fora dela, atividades que irão

contribuir para um maior interesse dos estudantes, dos membros da comunidades escolar e de outros professores. Kincheloe (1997) ainda complementa: “[...] a educação pós-moderna do professor consiste em tirar o máximo das imprevisíveis complicações de sala de aula.” (p.44) E isso, é saber tomar decisões.

- São dedicados: Como quinta característica escolhida por 139 alunos (54,09%), a dedicação é, segundo Dornelas (2001), uma característica de um indivíduo empreendedor, pois um empreendedor dedica 24 h por dia e todos os dias da semana para o seu negócio. Chega a comprometer relacionamentos e até mesmo a própria saúde em prol de um trabalho exemplar. E encontra energia para continuar trabalhando e produzindo, mesmo quando encontra problemas pela frente. Penso que a dedicação de um professor empreendedor chega a esse nível, pois ele possui autoestima elevada. E quem tem autoestima elevada, na minha visão, é positivo, age de maneira otimista, aceita os outros como são, é corajoso, pois, mesmo quando é criticado ou ridicularizado por ser dedicado e apaixonado pelo que faz, continua sua jornada. Esse professor empreendedor e dedicado acaba projetando em seus alunos segurança e interesse, pois sua dedicação fica visível e torna-se um motivo para o aluno sentir-se cativado e responsável pelo bom andamento do processo educativo na sala de aula.
- São bem relacionados (*networking*): esta característica, assim como a anterior, foi escolhida por 139 alunos, e traz para a reflexão a importância do professor construir uma rede de contatos positiva, que o auxilie a executar seu trabalho educativo. Para Dornelas (2001), o empreendedor busca constantemente o relacionamento com diversas pessoas que o auxiliam a melhorar o ambiente externo da empresa. Se pensarmos em sala de aula, o professor empreendedor é aquele que vai ao encontro das pessoas; ele não é individualista, ele não tem medo de dividir suas conquistas e seu saber, seja com seus alunos, seja com seus colegas professores ou com trabalhadores de outras áreas do conhecimento. O professor empreendedor vê as pessoas que o circundam como amigas e

não como uma ameaça, pois ele sabe que quanto mais aprender e adquirir conhecimento, melhor será o aprendizado dentro de sua sala de aula;

- São organizados: esta característica foi assinalada por 133 alunos, correspondendo a 51,75% do número de citações e representa a última das 7 características mais mencionadas pelos alunos. Para Dornelas (2001): “os empreendedores sabem obter e alocar os recursos materiais, humanos, tecnológicos e financeiros, de forma racional, procurando o melhor desempenho para o negócio.”(p.33) Transferindo esta definição para a sala de aula, acredito que o professor empreendedor é organizado, pois planeja sua aula para que haja ensino e aprendizado. É um profissional que se utiliza da tecnologia (quadro, textos, datashow, palestras, exposições, projetos, etc) para obter o melhor desempenho possível da turma. Os alunos de um professor organizado sentem que a aula foi planejada para que eles aprendam e empreendam.

Além dessas 7 características cabe ressaltar mais 3, que constam na Tabela 5 e que, ao meu ver, também são importantes para a construção do perfil de um professor empreendedor. São elas: *são indivíduos que fazem a diferença, sabem explorar ao máximo as oportunidades e são líderes e formadores de equipe.*

Acredito que o professor empreendedor deva ser uma pessoa que faz a diferença na sala de aula e na instituição onde trabalha. Dornelas (2001) afirma que o empreendedor faz a diferença quando transforma algo de difícil definição, uma idéia abstrata, em algo concreto e que funciona. Transportando esta definição para a sala de aula, afirmo que o professor empreendedor faz a diferença quando consegue dar sentido para o conteúdo que está trabalhando com seus alunos. Ele faz a diferença, quando aguça a imaginação dos alunos, desafiando-os a serem seres críticos e ousados em qualquer momento de suas vidas, do pessoal ao profissional.

Um empreendedor que sabe explorar ao máximo as oportunidades é um indivíduo curioso e atento a informações pois, segundo Dornelas (2001), “sabe que

suas chances melhoram quando seu conhecimento aumenta.” (p.33) Reportando-me para a educação, o professor empreendedor sempre será receptivo a oportunidades que possam surgir para melhorar seu desempenho profissional e pessoal. Sua postura em relação a uma capacitação será extremamente positiva e atitudes de desinteresse e de completa falta de postura profissional, que muitas vezes surgem em reuniões, seminários, congressos, workshops e cursos na área da educação, dificilmente farão parte do modo de agir de um professor empreendedor.

Para Dornelas (2001), “o empreendedor é um líder respeitado e adorado por seus funcionários, pois sabe valorizá-los, estimulá-los e recompensá-los, formando um time em torno de si” (p.33). Remetendo meus pensamentos para a sala de aula, acredito que liderar dessa maneira é tudo que sonhamos para um ambiente acadêmico. O professor empreendedor tem a ciência de que para obter êxito em sua profissão ele depende de uma equipe formada por alunos que acreditam e aprovam suas ações pedagógicas. Para isso, ao meu ver, deve basear-se na liderança servidora, pregada por Hunter (2006) e assim definida: “Habilidade de influenciar pessoas para trabalharem entusiasticamente visando atingir objetivos comuns, inspirando confiança por meio da força do *caráter*” (p. 18). Para o autor as palavras fundamentais nesta definição são: habilidade, influenciar e caráter. E continua afirmando que “liderança tem tudo a ver com o caráter, já que trata de fazer a coisa certa.” (p.18)

O autor acredita que liderar não é ser chefe. Liderar é servir. Embora servir tenha uma conotação de fraqueza, a liderança servidora, no meu entender, tem um impacto positivo em nosso desempenho como professores. Afinal, muitos de nós queremos nos transformar em professores que exerçam uma liderança da qual nossos alunos necessitam e que merecem. Para Hunter (2006), muitos líderes têm consciência de que estão falhando com suas equipes e reconhecem que os antigos métodos de comando e de controle, na base do grito e da ameaça, são ineficientes quando lidamos com gerações diferentes. Sabemos que, infelizmente, alguns professores lideram utilizando os antigos métodos de comando citados anteriormente. Cabe aqui citar Mosquera e Stobäus (2003) quando abordam a questão da hostilidade no contexto educativo, destacando que esta hostilidade, de

certa forma, afeta as pessoas que convivem neste ambiente. Segundo os autores, se os professores

[...] são hostis, ainda que não se dêem conta disto, contagiam seu grupo, seus alunos, e a classe se transforma em uma classe hostil. Então os grandes problemas que um docente enfrenta, muitas vezes, podem ser provenientes, evidentemente, de um ambiente hostil [...] (p. 207).

Os educadores devem conscientizar-se, cada vez mais, de que liderar uma sala de aula não é sinônimo de poder, mas de autoridade, conquistada com amor, dedicação, empreendedorismo, respeito pelas pessoas e utilização das características elencadas pelos universitários nesta pesquisa. Voltando a essas características, trago as elencadas por Zabalza (2004, p.124-125) para delinear um *professor universitário competente*:

- Desejo de compartilhar com seus estudantes seu amor pelos conteúdos da disciplina;
- Habilidade para fazer com que o material que deve ser ensinado seja estimulante e interessante;
- Facilidade de contato com os estudantes e busca de seu nível de compreensão;
- Capacidade para explicar o material de uma maneira clara;
- Compromisso de deixar absolutamente claro o que se aprendeu, em que nível e por quê;
- Demonstração de interesse e respeito pelos estudantes;
- Responsabilidade de estimular a autonomia dos estudantes;

- Capacidade de improvisar e de se adaptar às novas demandas;
- Uso de métodos de ensino e tarefas acadêmicas que exijam dos estudantes o envolvimento ativo na aprendizagem, assumindo responsabilidades e trabalhando cooperativamente;
- Visão centrada nos conceitos-chave dos temas e nos erros conceituais dos estudantes antes da tentativa de dominar, a todo custo, todos os temas do programa;
- Oferta de feedback da máxima qualidade aos estudantes sobre seus trabalhos.

As características relatadas por Zabalza (2004) foram descritas nesta tese com o intuito de tornar ainda mais fidedignas as elencadas pelos alunos pesquisados, já que se assemelham em alguns pontos, mostrando que perseguir essas características pode ser a decisão correta para conseguirmos uma educação voltada para o aprender a empreender.

#### 4.4 CATEGORIA 3 – A AULA DE UM PROFESSOR EMPREENDEDOR

Esta categoria emergiu a partir das respostas dadas pelos estudantes às questões 5, 6, 7 e 8. Na quinta questão os alunos escreveram como seus professores empreendedores ministraram suas aulas. Na sexta questão, os alunos avaliaram se essas aulas com professores empreendedores auxiliaram na melhoria do ensino e da aprendizagem. Na sétima questão os universitários escreveram se esses professores, através de suas aulas, estão contribuindo ou já contribuíram para que eles se tornem empreendedores em sua vida acadêmica, pessoal e profissional. E na oitava questão, os alunos fizeram colocações sobre como ocorreu a relação professor-aluno nessas aulas empreendedoras.

As análises realizadas a partir das respostas concedidas emanaram 4 subcategorias: *Uma aula empreendedora, Ensinando e aprendendo na universidade, Aprender a empreender e Boas relações na sala de aula: uma realidade possível.*

#### **4.4.1 Uma aula empreendedora**

Os 257 estudantes participantes desta pesquisa, quando perguntados sobre como os professores empreendedores ministraram suas aulas colocam que as aulas foram aulas criativas, aulas que fizeram a diferença e citam diversas técnicas, recursos e metodologias utilizadas pelos docentes. Nesta subcategoria, trago para reflexão várias afirmações dos alunos, pois o material coletado foi considerado por mim de grande valia e, por isso, a necessidade de ser socializado através desta tese.

Em um primeiro bloco, aparecem as colocações que enaltecem a metodologia utilizada pelos professores empreendedores em suas aulas, E74: “Eles sempre faziam com que o aluno não apenas assistisse à aula, mas participasse da mesma.”; E85: “Aulas bem elaboradas e bem aproveitadas.”; E65: “Com métodos que fazem a gente entender e ser bem mais participativo. Foram aulas produtivas e práticas.”; E66: “Aulas expositivas, mas com bastante diálogo e participação dos alunos.”; E78: “Ligam teoria com a prática e dão aulas que agregaram conhecimento”; E83: “De modo criativo, sem que a aula virasse a *mesmice* de sempre”; E104: “Sem decoreba e sim fazendo acontecer, mostrando como fazer.”; E189: “De uma maneira tecnicamente falando, simples, objetiva e de fácil compreensão, e sempre manteve o controle da turma.”; E208: “Souberam dar aulas diferenciadas e sempre trataram os alunos com respeito.”; E209: “Com otimismo, simpatia e métodos fáceis de aprender”; E244: “Aulas coerentes com o dia a dia e motivadoras”; E248: “De maneira dinâmica e apaixonados pelo que fazem, preocupando-se também com o aluno”; E4: “Deram aula de maneira, digamos, que nós alunos entendemos, de um modo que meia palavra basta”; E12: “Davam aulas dinâmicas, proporcionando aos alunos a oportunidade de participar do ensino e buscar o autoconhecimento”; E134: “[...] grande transparência de explicação”; E133:

“Foram aulas alegres, de interação com alunos e sem aquela teoria goela abaixo”; E15:“Eles cativaram os alunos, com aulas diferentes, com simpatia e sabiam explicar bem, dominavam o assunto”; E66:“Deram aulas bem diferentes de todas que já tive, todas deveriam ser do mesmo estilo, pois foi um dos motivos pelo qual parei de estudar, não me animava a vir nas aulas porque era um saco, e essa não, pois eu participo.”

Início a análise deste bloco a partir da última colocação, pois a mesma resume toda a importância que tem um professor empreendedor em sala de aula. A aluna coloca que parou de estudar, pois se sentia desmotivada, sem vontade para vir à aula e que as aulas ministradas por professores empreendedores a fizeram mudar de opinião. Para que a aluna tenha retomado o gosto pelos estudos, posso inferir que os professores empreendedores com os quais a aluna interagiu ensinaram de um modo competente, conseguindo o sucesso pedagógico que todos nós desejamos que aconteça na sala de aula.

E esse sucesso pedagógico, segundo Moran (2007),

[...] depende também da capacidade de expressar competência intelectual, de mostrar que conhecemos de forma pessoal determinadas áreas do saber, que as relacionamos com os interesses dos alunos, que podemos aproximar a teoria da prática e a vivência da reflexão (p.80).

Podemos observar nas afirmações dos alunos que seus professores empreendedores ministraram aulas bem organizadas, mostrando-se como profissionais que realmente gostam do que fazem e acreditam no seu fazer pedagógico. Os estudantes seguem colocando que esses professores instigaram sua curiosidade, e que isso faz muita diferença na educação. No relato dos alunos aparecem considerações sobre as aulas expositivas, muitas vezes execradas por alguns educadores. Mas, podemos constatar pelas respostas concedidas para esta pesquisa, que são aulas expositivas participativas, em que os alunos têm vez e voz.

Trago uma contribuição de Masetto (2003) para o assunto em questão -aula expositiva dialogada. O autor teoriza sobre a *mediação pedagógica* que tem como características:

Dialogar permanentemente de acordo com o que acontece no momento; trocar experiências; debater dúvidas, questões ou problemas; apresentar perguntas orientadoras; auxiliar nas carências e dificuldades técnicas ou de conhecimento quando o aprendiz não consegue se conduzir sozinho; garantir a dinâmica do processo de aprendizagem; propor desafios; desencadear e incentivar reflexões; criar intercâmbio entre a aprendizagem e a sociedade real onde nos encontramos, nos mais diferentes aspectos; colaborar para estabelecer conexões entre o conhecimento adquirido e novos conceitos, fazendo a ponte com outras situações análogas; colocar o aprendiz frente a frente com questões éticas, sociais, profissionais, conflituosas, por vezes; colaborar para desenvolver crítica com relação à quantidade e validade das informações obtidas; colaborar para que se aprenda a comunicar conhecimentos, seja por intermédio de meios convencionais, seja mediante novas tecnologias (p.49).

Os dizeres de Masetto (2003) sobre sua *mediação pedagógica*, vão ao encontro das colocações dos alunos entrevistados sobre as aulas expositivas de seus professores empreendedores. Também vão ao encontro do que eu acredito, pois, para mim, aula expositiva é aquela em que há dinamismo, conhecimento sólido embasando a discussão e a reflexão, em que há oportunidades para o criar, para o participar, para o empreender, para o ser, para o conviver e para o fazer, objetivando que os alunos possam cada vez mais enfrentar os desafios que surgirem, sejam no campo profissional, sejam no campo pessoal.

Neste segundo bloco aparecem diretamente os recursos utilizados pelos professores empreendedores para tornarem suas aulas significativas para os alunos. Podemos averiguar que os recursos utilizados não são novidade em educação. O novo, no meu entendimento, é como esses recursos são utilizados pelo professor empreendedor nas suas aulas. Posso utilizar o datashow em todas as minhas aulas de duas maneiras: a primeira, somente clicando a tecla *enter*, passando os slides e lendo o que está projetado, sem interação com a turma, apenas me preocupando em “passar” os conteúdos que estão no plano da disciplina; a segunda maneira de utilizar o recurso é também clicar a tecla *enter*, projetar o slide, mas não apenas lê-lo e sim refletindo sobre o assunto, dialogando, debatendo, contextualizando,

praticando a mediação pedagógica proposta por Masetto (2003). E é nesta aula expositiva que acredito. Seguem as afirmações dos estudantes que corroboram minhas crenças, E77:“Usaram a tecnologia e a interação com os alunos”; E69:“Através de slides, dando exemplos do dia a dia, que eu considero muito importante porque consigo relacionar melhor o que está sendo passado”; E41:“Por meio de textos, palestras, filmes e atividades práticas”; E39:“Apresentações em datashow, dinâmicas em grupo, trabalhos práticos, filmes, palestras, apresentação de notícias pelos alunos”; E17:“Fizeram aulas com certo diferencial, vídeos, visitas a empresas”; E110:“Leituras, trabalhos escritos, palestras”; E22:“Com material didático (livros e textos), audiovisual, trabalho em campo”; E244:“Eles não ficam apenas no polígrafo, mas sim usaram exemplos do dia a dia, daí o conhecimento flui”; E257:“Falando muito sobre o mundo lá fora”; E55:“ Aulas voltadas para o futuro, citando participações após formado”; E29:“Trazendo sempre coisas novas para as aulas, novidades e passando seus conhecimentos e fazendo a gente refletir e ir em busca de querer aprender mais a mais”; E238:“Trabalhos para aprofundar o assunto, cantando, peças teatrais (júri simulado) para ver como se comportar”; E174:“[...] utilizaram outros espaços da UNIVATES e suas aulas foram sempre promotoras de debates em sala de aula.”

Retorno às colocações dos universitários, mais precisamente à última e quero fazer um questionamento: a aprendizagem ocorre somente na sala de aula, através do professor? E imediatamente respondo: não! Definitivamente, não! Exclamo minha resposta, pois vejo, muitas vezes, profissionais da educação acreditando que o questionamento acima é uma afirmação, que é a verdade posta. E então, deixam de proporcionar aos seus alunos vivências diferenciadas, como as citadas pelos universitários pesquisados: visitas, teatro, utilização de outros espaços, palestras, etc.. Urge que muitos professores mudem sua forma de ensinar e utilizem procedimentos que levem o aluno a ter autonomia intelectual e a construir sua própria aprendizagem.

Trago as palavras de Cunha (1998) para dar credibilidade às minhas colocações. A autora sugere uma contraproposta em relação ao ensino tradicional que levaria a atividades que: “Estimulam a análise, a capacidade de compor e recompor dados, informações, argumentos, idéias. [...] Valorizam as habilidades

sócio-intelectuais tanto quanto os conteúdos (p.13). A sugestão da autora confirma as colocações dos alunos, mostrando que os professores empreendedores, que atuam na UNIVATES, estão utilizando-se da contraproposta em relação ao ensino tradicional.

#### 4.4.2 Ensinando e aprendendo na universidade

Esta subcategoria surgiu a partir das respostas concedidas pelos estudantes à pergunta 6, que questionou se o “tipo” de aula ministrada pelos professores empreendedores contribuía para a melhoria do ensino e da aprendizagem dos alunos na sala de aula. O resultado é altamente positivo, pois 253 estudantes responderam “sim” para esse questionamento, 3 não assinalaram e apenas 1 escolheu a alternativa “não”. Portanto, 99,61% dos respondentes desta questão colocaram que nas salas onde professores empreendedores ministraram aulas, ocorreram aprendizagens. O gráfico a seguir nos mostra os resultados:

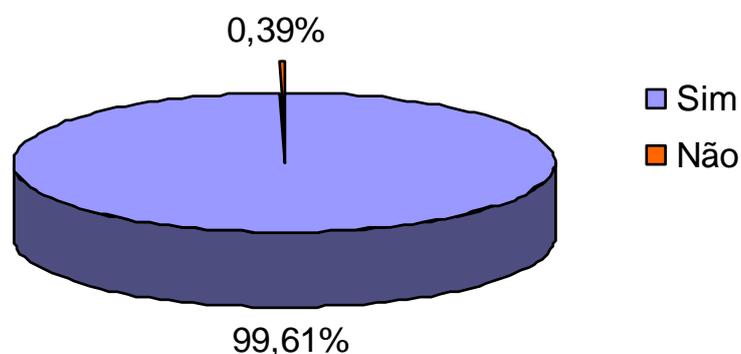


Gráfico 5 – O “tipo” de aula dado pelos professores empreendedores contribuiu para a melhoria do ensino e da aprendizagem na sala de aula, desconsiderando os questionários não respondidos.

Fonte: A autora, 2009.

Nesta questão de número 6, além de assinalar positivamente ou negativamente, os alunos deveriam justificar sua escolha, surgindo 253 colocações sobre a contribuição dessas aulas para a melhoria do ensino e da aprendizagem, já

que todos os respondentes justificaram sua alternativa. Como não poderia transcrever todas, apesar da qualidade das mesmas, reproduzi aquelas que, no meu entender, foram as mais propositivas e as que representam o que Enricone (2007, p. 153) entende por aprendizagem: [...] aprender não pode ter outro sentido que o desenvolvimento ou a melhora pessoal, qualquer que seja o sentido ético, procedimental, cultural ou de competências que o sujeito outorgue ao sentido de melhora pessoal”. Para a autora, toda aprendizagem implica mudanças e requer um mestre preparado para assumir múltiplas funções e realizar diferentes tarefas como modelo a ser seguido, treinador, provedor, assessor e tutor. Enricone (2007) continua afirmando que o maior desafio do professor será aprender a responder às necessidades distintas de aprendizagens dos alunos.

Seguem as respostas dos estudantes: E113:“Pois gostar do que se faz é o primeiro passo para mostrar que o que se passa é importante”; E63:“Além do conhecimento passado, fizeram com que os alunos dessem seu máximo para melhorar seus desempenhos e agregar conhecimentos”; E47:“Porque foi um conhecimento que mudou meu jeito de agir e pensar”; E54:“Acredito que se todos os professores sentissem prazer em ensinar, o fariam muito bem, pois passariam alegria e isso contagia e faz a gente aprender”; E118:“Com elas, entendo melhor o conteúdo”; E256:“Porque daí não fica uma aula chata, fazendo com que o aluno se interesse mais e aprenda melhor”; E85:“Porque é fácil de assimilar”; E33:“Você participa mais da aula, entende melhor o que o professor quer passar para você”; E12:“Quando os alunos conseguem interagir com o professor, fica bem mais produtiva”; E8:“Porque a aula ficou mais interessante e conseguimos aprender melhor”; E1:“Pois os alunos prestam mais atenção, participam mais, descobrem por si mesmos o que eles podem ser. Acho que as universidades deveriam trabalhar mais aulas assim dinâmicas, mais focadas no assunto”; E9:“Pois cativa os alunos, fazem com que eles sintam prazer em vir para a aula e aprender”; E122:“Quando entendemos o que nos é passado, tudo flui melhor”; E205:”Essa forma prática de dar aula “grava” muito mais em nossas memórias os temas discutidos.”; E211:“Saímos com pouquíssimas dúvidas”; E240:“Todos os alunos prestavam atenção durante a aula e participavam fazendo questionamentos”; E131:“Pois quando as aulas são diferentes, essa se torna mais interessante e não é bom sempre aquelas aulas chatas”; E98:“Sim, pois o conhecimento e a maneira como foi passado e exigido dos

alunos foi bastante significativo”; E27:“Os alunos se apaixonam mais pela matéria, mesmo desconhecendo-a”; E170:“Porque os professores acabam aprendendo junto com os alunos”; E209:“ Acho que toda aula que é diferenciada, não sempre a mesma maneira, contribui para a aprendizagem”; E250:“ Para ensinar é preciso gostar do que faz e ser bem disposto”; E11:“Sim, pois nós nos obrigamos a pensar”;E76: “A maioria dos alunos participou e entendeu o assunto divertindo-se, isso motivava tanto nas aulas quanto fora delas, fazia querer sempre mais conhecimento sobre o assunto”;E41:”Esse tipo de didática faz com que o aluno fique *ligado* em aula, fazendo com que a aula seja muito mais produtiva. Faz ter vontade de aprender e não somente passar pela disciplina”.

Após a leitura de todos esses depoimentos não temos como negar a importância de professores empreendedores e da educação empreendedora para o alcance da aprendizagem na sala de aula da universidade. Uma aprendizagem que Rogers (1993) assim define:

Eu gostaria de falar sobre aprendizagem. Mas não daquilo sem vida, estéril, fútil, rapidamente esquecido, que é imposto na mente do pobre e desamparado indivíduo que é amarrado em sua cadeira pelos cabos de aço da complacência! Estou falando de aprendizagem – a insaciável curiosidade que motiva um rapaz adolescente a absorver tudo que ele puder ver ou escutar sobre motores a combustão, de forma a melhorar a eficiência e a velocidade de seu carro. Estou falando do aluno que diz: “Eu estou fazendo descobertas, captando conhecimento à minha volta e tornando aquilo que é captado parte integrante do meu eu.” Estou falando de qualquer aprendizagem na qual a experiência de quem aprende progride da seguinte forma: “Não, não, não é isso que eu quero”; “Espere! Isto está mais próximo daquilo em que estou interessado, do que preciso”; “Ah, agora sim! Agora eu estou recebendo e assimilando o que eu preciso e o que eu quero saber!” (p.3).

A fala trazida à reflexão pelo autor confunde-se com as falas dos estudantes envolvidos nesta pesquisa, pois os participantes desta pesquisa deixaram bem claro que o que querem que aconteça em uma sala de aula na universidade é a aprendizagem defendida por Rogers (1993). E essa aprendizagem é alcançada, segundo os mesmos, através do ensinamento de professores empreendedores.

#### 4.4.3 Aprender a empreender

Esta subcategoria emergiu a partir das respostas concedidas pelos estudantes sobre a possibilidade de os professores com perfil empreendedor já terem contribuído, ou se estão contribuindo, ou se contribuirão para que os alunos empreendam em suas vidas. O resultado foi que 243 dos 253 estudantes que responderam a esta questão, assinalaram “sim”, representando 96,05% dos pesquisados. Podemos conferir esses dados através da tabela e do gráfico que seguem.

Tabela 6 – Os professores com perfil empreendedor, contribuirão ou já estão contribuindo para que você se torne um empreendedor em sua vida acadêmica, pessoal ou profissional

Professores contribuirão	Número de citações	Percentual
Sim	243	94,55%
Não	10	3,89%
Questionários não respondidos	4	1,56%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>257</b>	<b>100%</b>

Fonte: A autora, 2009.

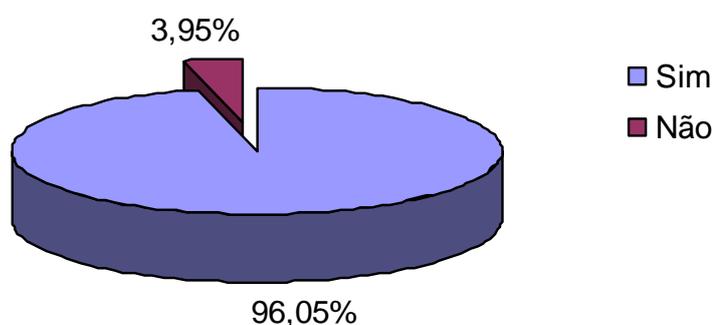


Gráfico 6 – Os professores com perfil empreendedor, contribuirão ou já estão contribuindo para que você se torne um empreendedor em sua vida acadêmica, pessoal ou profissional, desconsiderando os questionários não respondidos.

Fonte: A autora, 2009.

Os números que aparecem nesta subcategoria comprovam o sucesso alcançado pelos professores empreendedores em suas aulas, pois um dos objetivos principais da UNIVATES é formar alunos com perfil empreendedor, já que empreendedorismo faz parte da Visão da IES. Se acessarmos o site da IES

(<http://www.univates.br>) e pesquisarmos as propostas dos cursos de graduação para a formação de seus alunos para o mercado de trabalho, constatamos que em quase todos os cursos os alunos formados devem estar preparados para enfrentar o mercado de trabalho com desenvoltura, com criatividade, com coragem para inovar e empreender. Também devem estar voltados para a valorização do ser humano e para o engajamento na ação política e transformadora da sociedade. Além disso, os estudantes egressos dos cursos da UNIVATES devem possuir visão crítica para auxiliar na qualificação do ambiente das organizações onde irão atuar. Sintetizando, devem aprender a empreender.

As respostas dos estudantes comprovam que nas salas de aula de professores empreendedores a busca por essa formação empreendedora está acontecendo. Seguem as colocações dos universitários sobre a contribuição de seus professores empreendedores, E113: "Pois em suas aulas já me fizeram mudar minha visão sobre alguns aspectos da Administração"; E208: "A teoria e a prática andam lado a lado e suas experiências me passaram e contribuíram para meu crescimento intelectual e profissional"; E111: "Aprendi a olhar o mundo de outra maneira, pois os professores me fizeram pensar de forma empreendedora"; E102: "Nossas atitudes começam a ser mais concretas"; E255: "São pessoas que abriram minha visão para vários aspectos profissionais"; E144: "A tomar novos rumos na vida, estar mais informado e atualizado com o que acontece"; E200: "Sim, pois me identifico com as aulas e serei uma empreendedora"; E83: "Porque fazem com que você acredite no seu potencial"; E42: "Eles mostram que é preciso confiar em si mesmo para crescer"; E115: "Estou mudando minha forma de agir e pensar e a vontade de empreender está crescendo cada vez mais"; E47: "Aprendi, principalmente a ser mais determinada"; E50: "Mostram que é preciso calcular os riscos e se planejar antes de começar algo"; E167: "Na vida acadêmica, tenho mais atitude"; E14: "Pois estão dando escolhas de caminhos a seguir"; E12: "Porque nos motivam a fazer sempre melhor tudo o que fazemos e a sermos otimistas ao buscar a realização dos nossos sonhos"; E130: "Foram eles que me ensinaram como empreender"; E7: "Estou organizando minhas idéias de outra maneira"; E118: "Eles contribuem mostrando a porta, mas nós é que temos que atravessá-la",

Este último depoimento mostra que nas salas de aula da UNIVATES, através de professores empreendedores, o objetivo de formar estudantes com visão de mundo, inovadores e empreendedores está sendo alcançado. E isso é muito bom, pois mostra que muitos docentes estão repensando sua maneira de ensinar e adaptando-se ao mundo da velocidade que estamos vivendo, em que o acervo de informações disponíveis dobra em curtos espaços de tempo. E nesse contexto, o professor deve estar preparado e aberto para rapidamente receber, tratar, discutir, compreender e disseminar essas informações junto a seus alunos. No meu entendimento, a única maneira para adentrar nesse novo mundo é através de uma postura empreendedora, que significa, entre outras coisas, pensar diferente, aprender sempre, trabalhar cooperativamente, sonhar, inovar, planejar, criar e, principalmente, assumir riscos e acreditar que podemos, nós, professores empreendedores, ser os agentes multiplicadores de iniciativas e de futuros profissionais diferenciados.

#### **4.4.4 Boas relações na sala de aula: uma realidade possível**

A realidade que circunda as instituições de ensino desde a educação básica até o ensino superior, no quesito relações interpessoais, não é das melhores, pois cada vez mais a violência, a transgressão, a inversão de valores e a corrupção dominam a sociedade em que estamos inseridos. Essas mazelas sociais adentram nas salas de aula de nossos educandários transformando, muitas vezes, o local de ensino e de aprendizagem em um ringue de lutas, literalmente falando. A mídia, quase todos os dias, noticia casos de agressões de alunos aos seus professores e agressões de alunos ao patrimônio, mostrando atitudes comportamentais de total desrespeito. E o professor no meio deste caos social? Bem, o professor torna-se, segundo Zagury (2006), um refém deste sistema que aí está posto.

Esta subcategoria traz, através dos depoimentos dos alunos pesquisados, uma realidade contrária à destacada por Zagury (2006), pois mostra que é possível termos boas relações em sala de aula, utilizando este espaço para seu fim maior: ensinar e aprender. As respostas que deram embasamento à minha afirmação,

surgiram a partir da questão 8 que perguntou como o estudante percebeu a relação professor – aluno nas aulas de seus professores empreendedores. Podemos averiguar através das afirmações dos sujeitos participantes que, na instituição onde foi realizada a pesquisa, não temos reféns.

As colocações a seguir corroboram minhas afirmações, E116: “Professores sempre muito dispostos e atentos para ajudar a quem precisa e ensinar muito mais, uma relação de companheirismo”; E5: “Como se fosse no ensino fundamental onde você não é apenas mais um aluno”; E178: “É uma relação mais família”, “Os professores são mais acessíveis”; E204: “Professores sempre solícitos”; E238: “Uma parceria, onde estavam sempre dispostos a ajudar seja na vida profissional, pessoal ou acadêmica”; E244: “Era bem melhor que nas outras disciplinas”; E174: “Uma relação amiga, irreverente, atenciosa, ótima”; E175: “Ótima a relação, todos conversam sem interromper o outro, cada um fala o que pensa sem medo e medo era uma coisa que eu sentia na hora de falar e hoje não sinto mais”; E56: “Muito boa, pois o professor está sempre disposto a ajudar”; E40: “Foi uma boa relação, pois os professores se comunicavam diretamente com os alunos”; E245: “Com respeito e fornecendo as explicações necessárias”; E41: “Muito boa, tive o privilégio de ter professores que, além de serem professores, são amigos dos alunos”; E120: “É lado a lado, ou seja, sem se colocar em um pedestal como muitos fazem”.

Início minha análise trazendo os dizeres de Simka (2004) para aproximá-los da última afirmação apresentada no parágrafo anterior:

De maneira geral, as interações entre professores e alunos ocorrem, no espaço acadêmico, sob uma temperatura próxima a zero, de uma frieza infernal. Porque muitos mestres não têm a sensibilidade de tratar o aluno como ele deve ser realmente tratado: não como alguém portador de um registro acadêmico número 000, mas como uma pessoa especial, singular, que merece toda a atenção do mundo, mesmo que o mestre faça parte da constelação (aquela espécie de professores arrogantes, que se consideram acima dos demais ou aqueles que se acham, no dizer de uma aluna, “a última bolacha do pacote) (p.50).

O autor traz à discussão um cenário que deve ser erradicado dos ambientes escolares e universitários o mais breve possível. Trago Mosquera (1987) para

enriquecer a reflexão, pois o orientador desta tese pesquisa sobre o mal-estar e o bem-estar na docência há algum tempo e salienta que o modelo de sociedade em que estamos inseridos impele as pessoas para o individualismo, o que, de certo modo, acaba acentuando a tendência daqueles que se voltam exacerbadamente para si. No entender do autor: “[...] pessoas com direção interna têm desempenhos que as caracterizam e individualizam; já no caso dos indivíduos dirigidos para os outros, estes têm outros tipos de comportamento e de ação” (p.51).

Continuando nesta linha de pensamento, Mosquera e Stobäus (2003) apontam para a necessidade de questionarmos:

Quem são os outros? Quem é a pessoa que está ao meu lado? Por que estabelecemos distância com ela? Por que estabelecemos empatia por ela? Que é que nos aproxima e o quê é que nos faz rechaçar as pessoas? Por quê temos tanto medo das pessoas? Talvez mais, por que nos incomodam tanto aquelas pessoas diferentes? (p.209)

Os depoimentos dos alunos sobre as relações vivenciadas com seus professores empreendedores é completamente diferente do cenário trazido por Simka (2004), mas vão ao encontro do bem-estar docente pesquisado por Mosquera (1987), já que acredito que professores empreendedores são *indivíduos dirigidos para os outros*, pois são pessoas automotivadas, com claros objetivos de vida, realizando suas tarefas com prazer, com alegria e com emoção. São pessoas entusiasmadas que, ao agir, ao se comunicarem com seus pares, exteriorizam bem-estar, estimulando solidariedade e aproximação.

Postulo a idéia de que a afetividade é um motor que leva ao empreendedorismo, tornando saudáveis as relações interpessoais nas salas de aula de professores empreendedores. Seligman (2004, 2005), defensor da psicologia positiva, destaca a importância e as características do cultivo de emoções positivas, de virtudes e de forças pessoais, especialmente quando a vida apresenta dificuldades. Para ele, as pessoas não só querem a superação do que há de negativo e rotineiro nelas; também buscam vidas plenas de sentido: “[...] querem

mais que apenas corrigir suas fraquezas; querem vidas cheias de significado, e não somente um dia depois do outro até a morte” (SELIGMAN, 2004, p. 11).

Desta forma, o autor convida a uma mudança de foco, a olhar para a pessoa a partir dos pressupostos da psicologia positiva. Sem negar as dificuldades que a vida apresenta, uma postura otimista, seja pessoal ou institucional, é de grandíssima necessidade para recuperar o melhor de cada ser humano.

Consideramos a Psicologia Positiva mera mudança de foco da psicologia do estudo de algumas das piores coisas da vida para o estudo do que faz a vida valer a pena. Não vemos a Psicologia Positiva como uma substituição do que já houve, mas como uma extensão e complementação (SELIGMAN, 2004, p. 293).

Como consequência, o cultivo das emoções positivas traz as mais variadas benesses. Estudos comprovam que “Existem evidências claras de que a emoção positiva funciona como previsão de saúde e longevidade, que são bons indicadores de reservas físicas” (SELIGMAN, 2004, p. 550). O autor problematiza a importância de vida autêntica promotora de bem-estar, ancorada em forças e virtudes que, por sua vez, apontam para algo maior, além de uma vida agradável, além de vida boa, para se chegar à vida significativa, resultado de atitude altruísta. Como o próprio autor afirma: “Uma consequência do envolvimento que os indivíduos felizes têm com os outros é seu altruísmo” (SELIGMAN, 2004, p. 59). Do contrário: “A vida comprometida tão somente consigo mesmo é uma vida estéril. Os seres humanos requerem um contexto de significado e de esperança” (SELIGMAN, 2005, p. 369).

Acredito que professores empreendedores seguem, consciente ou inconscientemente, os ensinamentos de Mosquera e de Seligman, tornando suas salas de aulas redutos onde o acolhimento, o afeto, o interesse e a compreensão estarão presentes em todos os momentos, embasando a construção da aprendizagem sugerida por Rogers e já citada neste trabalho. E assim, dentro desse contexto, não encontraremos mais professores como os trazidos por Simka.

#### 4.5 CATEGORIA 4 – EMPREENDEDORISMO TRANSFORMANDO A EDUCAÇÃO NA UNIVERSIDADE

Esta categoria emanou a partir das respostas concedidas pelos alunos sobre o assunto empreendedorismo na educação e se o mesmo pode transformar a educação na universidade. Nesta questão, 246 estudantes assinalaram a opção “sim”, 6 estudantes assinalaram “não” e 5 não responderam ao questionamento. Portanto, dos 257 participantes, 253 responderam à última questão e desses, 97,62% acreditam que o empreendedorismo pode provocar transformações positivas nas salas de aula da UNIVATES. O gráfico que segue ilustra os resultados.

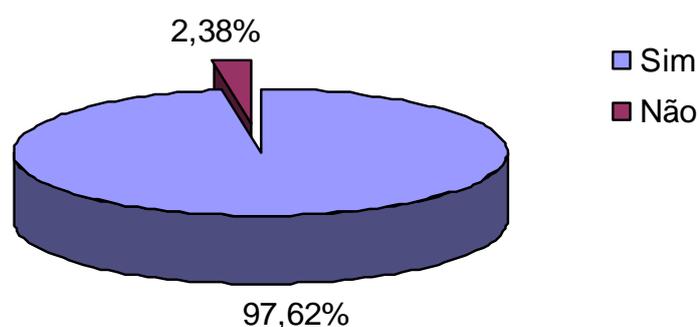


Gráfico 7 – Após refletir sobre a temática “empreendedorismo na educação”, na sua opinião, o empreendedorismo pode transformar a educação, desconsiderando os questionários não respondidos.

Fonte: A autora, 2009.

As justificativas concedidas pelos estudantes, fizeram surgir duas subcategorias: *transformando os estudantes e transformando a sala de aula*.

##### 4.5.1 Transformando os estudantes

Nesta subcategoria, os estudantes relatam as transformações que ocorreram em seus modos de pensar, de agir, de enxergar o mundo. Enfim, através do contato com a educação empreendedora, transformações positivas ocorreram na

vida profissional, pessoal e acadêmica dos alunos pesquisados e são trazidas à reflexão através das seguintes colocações, E147: “Porque nos motiva a ser pessoas melhores o tempo todo, em qualquer atividade que formos realizar”; 208: “Porque além dos ensinamentos ensina o aluno a ser comunicativo e ter iniciativa”; E212: “De certa forma sim, no fato de estimular estudantes a ver um futuro melhor para si, com isso dedicando-se aos estudos”; E106: “Porque abre os olhos dos alunos a se descobrirem e serem capazes de criar algo novo”; E6: “Com certeza, refletirá diretamente no desenvolvimento, espírito crítico, criativo do aluno. Colocá-lo a pensar, agir e participar mais, empenhar, sair do comodismo, fazer as coisas de outra maneira, mudar e evoluir”; E14: “Você abre a sua cabeça, enxerga mais longe, para os lados. Você cresce para melhorar o seu dia a dia, construindo um emprego melhor, uma valorização melhor”.

Essas primeiras manifestações dão credibilidade ao que postulo neste trabalho - que a educação empreendedora transforma positivamente as pessoas que entram em contato com a mesma. Podemos ver, através dos depoimentos, que surgem melhorias na comunicação, na criatividade, na maneira de pensar e agir dos estudantes. Dolabela (1999) acredita que o empreendedorismo pode ser considerado um instrumento de desenvolvimento social e não só de crescimento econômico. Para o autor, a educação empreendedora produz mudança cultural e por isso ela deve fazer parte do ambiente acadêmico. Os depoimentos anteriormente transcritos comprovam os dizeres do autor.

A universidade deve promover uma educação que instigue, conscientize e contribua para a formação de pessoas criativas, comprometidas com o desenvolvimento coletivo. Para que isso ocorra, os professores devem arriscar formas inusitadas de agir, promovendo a educação empreendedora em suas salas de aula e obtendo como resultado colocações como as que seguem, E15: “Pois através dessa metodologia os futuros profissionais estarão melhor preparados para o mercado de trabalho”; E25: “Pois aprendemos a lidar com as pessoas”; E27: “Pois ele ensina a termos um comportamento intraempreendedor, o que é fundamental para o mercado de trabalho”; E34: “É uma forma de fazer o aluno aprender a criar, inovar, ter prazer em trabalhar e ter seu próprio negócio. É estimulante”; E43: “Pois faz com que a gente perca até pequenos hábitos, como gastos com luz (poupar) e

mostra a realidade de como é a vida. Temos de calcular, planejar, não é simples como as pessoas pensam. Isso nos dá mais valor.”; E54:“Trabalha o EU, descobre talentos e divulga a necessidade do mercado atual”; E60:“Porque a disciplina nos ensina coisas para a vida, independente de qual profissão seguirmos”; E71:“É importante,e se nós tivéssemos acesso a ela desde os primeiros anos, hoje seríamos pessoas mais pró-ativas.”; E80:“Inovar é preciso e o empreendedorismo é um poder posto em quase todos nós, só que oculto por nossa cultura arcaica e rudimentar”; E91:“Porque pode transformar um ser, uma sociedade pode ser transformada pela educação”;E100:“De uma pessoa só de conceitos a sociedade já está farta, mas o empreendedorismo estimula a ser independente e buscar um caminho novo”; E112:“Sem dúvida o empreendedorismo move as pessoas, que movem a sociedade, que movem o País, que movem o mundo”; E127:“Empreendedorismo ensina a administrar não só empresas, mas um lar também, e isso influencia muito na educação.”

A riqueza nos depoimentos me fazem acreditar cada vez mais nos poderes transformadores do empreendedorismo. Acredito que tudo o que os alunos destacam deva ser o resultado obtido após termos estudado em uma escola de ensino fundamental ou médio, ou em uma universidade. A última afirmação transcrita no parágrafo anterior sintetiza uma de minhas crenças sobre o empreendedorismo - a de que ele atua em todas as áreas e não somente na área da gestão, como muitos acreditam.

Para finalizar a análise desta subcategoria, trago para conhecimento mais uma colocação para validar a afirmação de que a educação empreendedora, praticada por professores empreendedores, auxilia na construção de um aluno-cidadão e na formação de um aluno-empendedor:

Geralmente os professores têm mais experiência e conhecimento que os alunos e ao passarem isto para nós auxiliam a também acreditar que podemos. O empreendedor não precisa ser dono de uma empresa, pode trabalhar nela como funcionário. Pode também ser um empreendedor social, tema que mexe muito com os alunos e com a nossa vida, e que é algo necessário e que pode auxiliar a mudar o mundo. (E236)

#### **4.5.2 Transformando a sala de aula**

Além de provocar transformações positivas nos alunos, o empreendedorismo também transforma positivamente a sala de aula, trazendo inovação, criatividade, motivação e movimento para dentro da mesma. Podemos conferir minha colocação através das afirmações que seguem, E44: “Você sendo uma pessoa empreendedora, poderá transformar a educação”; E67: “O perfil empreendedor cativa as pessoas e se todos os professores tivessem esse perfil, talvez mais pessoas procurassem o ensino superior e a sala de aula em geral”; E175: “Pois se cada aluno e professor aperfeiçoar-se nas características do empreendedor, as aulas poderão ser mais dinâmicas”; E123: “Com empreendedorismo a aula fica mais dinâmica, melhorando, assim, o nível de aprendizagem”; E234: “Por que a didática pode ser tornar mais criativa e dinâmica o que aumenta o interesse dos alunos”; E245: “Porque pode transformar o aprendizado em algo prazeroso com aulas diferentes, fora do comum”; E214: “Porque apenas passando conteúdo e exercícios muitos não compreendem a matéria, mas através de técnicas diferentes e a participação de todos torna-se mais fácil a compreensão e o interesse.”; E156: “Pois somente com atitudes empreendedoras com dinamismo, criatividade e novas idéias, somos capazes de construir as mudanças necessárias na educação.”

Quando o aluno colocou “[...] construir as mudanças necessárias para a educação.”, o que será que ele quis dizer? Penso que o respondente quis aproximar sua fala aos dizeres de Moran (2007):

Os principais obstáculos para a aprendizagem inovadora são: o currículo engessado, conteudista; a formação deficiente de professores e alunos; a cultura tradicional, que leva os professores a privilegiarem o ensino, a informação e o monopólio da fala. Também são obstáculos: o excessivo número de alunos, de turmas e de matérias que muitos professores assumem e a obsessão pela preparação para o vestibular das melhores universidades, o que concentra a atenção no conteúdo provável desse exame e não na formação integral do adolescente. (p.45)

O autor traz à discussão mudanças que devemos proporcionar para que a educação se torne inovadora e empreendedora. Cabem aqui os dizeres de Freire

(2003, pp.22 e 23): “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” Essas possibilidades referidas por Freire (2003), na minha concepção, podem ser alcançadas e efetivamente concretizadas através de professores empreendedores, os quais ajudam a desenvolver neles próprios e nos alunos a curiosidade, a motivação e o gosto pelo aprender.

Os dizeres dos universitários seguem trazendo vivências e posicionamentos sobre as benesses do empreendedorismo para a sala de aula, E98: “Faz com que os alunos reflitam e se interessem mais pelas aulas fazendo com que as aulas se tornem mais produtivas e porque pode “acordar” o espírito empreendedor que existe no aluno, motivar, fazer com que o aluno não fique estagnado, tenha iniciativas e não tenha medo de arriscar”; E257: “Na minha opinião ele é importante para tudo, tem colégios que estão dando esta matéria no 3º ano do ensino médio, e isso é muito bom, é uma base”; E25: “Porque o empreendedor, para se manter no mercado, tem que estar sempre inovando, talvez a inovação tenha relação com mudar a didática na sala de aula. Não digo só o empreendedorismo, pois existem outras que podem mudar, transformar a educação, mas ele faz muita diferença, pois as aulas são totalmente diferentes das outras aulas, mais dinâmicas, interessantes”; E11: “Bom, meu conceito de transformar a educação nas universidades é que deveria ter mais aulas práticas como empreendedorismo, pois os alunos se formam e não sabem nada na prática, só teoria e livros e o mundo não requer só isso”; E256 “A partir das ideias de empreendedorismo a educação pode se tornar mais atraente, interessante, já que com idéias inovadoras os alunos terão mais vontade de participar, interagir nas aulas”; E9 “Se cada professor buscar novos métodos, buscar do aluno o melhor de si, aí eu acho que o aluno vai empreender mais em sala de aula”.

O conhecimento não deve ser imposto, deve ser construído e um dos grandes desafios da educação é desenvolver no aluno, durante os anos em que ele está na escola e na universidade, a curiosidade, a motivação e o gosto por aprender. Acredito que, por intermédio da educação empreendedora, possamos alcançar esse gosto por aprender. As colocações dos estudantes entrevistados, ao longo deste

capítulo, nos mostram que é possível e que em algumas salas de aula da UNIVATES isso já está acontecendo.

## 5 REFLEXÕES FINAIS

### **Algumas considerações inspiradas pela trajetória percorrida**

A crença na educação empreendedora e no seu poder de transformação social, para que se possa alcançar um mundo mais justo, humano e possível, motivou a realização desta investigação. Ao longo desses 4 anos cursando o Doutorado em Educação na PUCRS, muita coisa mudou na pessoa e na professora que guardo dentro de mim. Estou convicta de que mudei para melhor, pois cada vez mais estou aprendendo *a ser, a conviver, a conhecer, a fazer e a empreender*. Surgiram, ao longo deste Doutorado, muitas inquietações sobre as minhas práticas, que me levaram a uma desacomodação e a reflexões que desencadearam este estudo e mudanças em minhas ações docentes.

Acredito que o ato de educar não é tarefa para amadores, mas sim para profissionais com muita capacitação e que, segundo Enricone (2001), devem questionar a própria prática, enriquecendo o conhecimento cotidiano e assumindo a responsabilidade social que cabe à educação. Acredito, também, no profissional que reflete sobre sua prática para reconstruir o meio social em que está inserido, transformando-se num pesquisador e produtor de conhecimentos. Cabem aqui as palavras de Nóvoa (1995), quando afirma que a formação não se constrói por acumulação, mas sim através de um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas e de permanente reconstrução de uma identidade pessoal. Esse professor, segundo o autor, vai constantemente preocupar-se com o desenvolvimento da autonomia de seus estudantes e com a transformação da realidade.

Trago à discussão Perrenoud (2002) que afirma:

A tarefa mais fundamental do professor é semear desejos, estimular projetos, consolidar com arquitetura de valores que os sustentem e, sobretudo, fazer com que os alunos saibam articular seus projetos pessoais com os da coletividade na qual se inserem, sabendo pedir junto com os outros, sendo, portanto, competentes (p.154).

Para que isso aconteça é essencial que o professor tenha uma visão política do mundo, que ele tenha uma postura definida diante da vida e da sociedade. “Não basta só preparar professores competentes intelectualmente, é preciso que tenham uma visão transformadora do mundo.” (MORAN, 2007,p.66). Esta tese mostra que essa visão citada pelo autor, pode ser adquirida através do empreendedorismo.

Penso que educar pressupõe preparo e capacidade para movimentar-se na crescente complexidade de um mundo ao mesmo tempo globalizado e repleto de diferenças. E, como não poderia deixar de colocar, creio na educação empreendedora, trabalhada em sala de aula por professores empreendedores, como facilitadora na realização dos papéis que competem aos educadores e à universidade.

Este estudo, na busca de apontar um caminho de possível interferência na realidade educacional que se apresenta, acredita que é preciso sensibilizar os professores para ações inovadoras e para explorar novas possibilidades nas suas atividades didáticas, na sua carreira e na sua vida. O professor deve sair mais da sala de aula e inserir-se no cotidiano da sociedade onde sua universidade está inserida, mantendo contatos com lideranças regionais, instituições de classe, ONGs, etc., com o objetivo de disseminar a sua visão empreendedora.

Um dos desafios da universidade é transformar a informação em conhecimento e em sabedoria. Segundo Moran (2007, p.70), “sabedoria é conhecimento integrado com a dimensão ética.” O autor coloca que a universidade prepara para o conhecimento, mas o conhecimento pode ser usado para explorar o outro, mantendo a desigualdade de uma sociedade. Então, na universidade, muitas pessoas se preparam para “servir aos grupos que têm mais dinheiro, esquecendo-se da maioria”(p.70). Esse exemplo mostra que pode estar faltando visão social no ensino superior e essa visão pode ser adquirida através do empreendedorismo social, que foi trazido para conhecimento e reflexão nesta tese.

Seguem as afirmações de Richard Bawden (2009) publicadas nos anais do último encontro da GUNI, para corroborar minhas crenças sobre a importância do empreendedorismo social:

A educação superior deveria estar preparando a humanidade para lidar com questões contemporâneas que, na sua complexidade, representam claras ameaças a modos sustentáveis de ser. Sua complexidade não está apenas no fato de que elas reúnem muitos componentes diferentes que interagem com frequência e em escala realmente global, mas também porque elas requerem julgamentos humanos coletivos das ações que envolvem dimensões morais, estéticas e até mesmo espirituais em igual proporção a aspectos intelectuais. Comprometer-se com tal objetivo educador não é tarefa fácil, uma vez que as pessoas em todo o mundo lutam para lidar com a complexidade e as excentricidades de uma sociedade de risco que, ao menos em parte, tem sido induzida pela maneira pela qual continuamos a tratar o mundo a nossa volta.[...] constitui-se em uma perversidade irresponsável se as IES deixarem de avaliar a importância vital do desenvolvimento contextual, humano e social, e não aceitá-la como seu primeiro objetivo educador (p.49-50).

Acredito que nossas instituições de ensino superior precisam comprometer-se a ajudar a comunidade onde estão inseridas. É um setor da universidade que pode auxiliar na prática do empreendedorismo social é a Extensão Universitária, assunto já tratado nesta tese e confirmado pelos dizeres de Demo (2002), que afirma que a Extensão deve ser inserida na organização curricular, não apenas como uma proposta eventual, mas como “alma do currículo” (p.15). Além disso, nossas IES devem formar cidadãos que estejam preocupados em construir sociedades mais justas e inclusivas, onde todos produzam e usufruam de cultura e de vida digna, compreendendo a realidade através de uma perspectiva holística.

### **Conclusões que emergiram a partir deste estudo**

A partir da experiência que tive com a aplicação dos 257 questionários junto aos estudantes que cursaram a disciplina de Empreendedorismo durante o semestre A/2009, posso asseverar que o primeiro passo para que o universitário se transforme em um empreendedor é conviver com professores empreendedores. Justifico minha afirmação, pois esta pesquisa comprova, a partir dos relatos dos entrevistados, que esses professores conseguem uma mobilização afetiva dos alunos através da simpatia e da sintonia interpessoal que emanam em suas aulas. A partir da conquista desse bom relacionamento, o professor empreendedor consegue que os alunos reajam da mesma forma e esse ambiente de harmonia e de cumplicidade acaba por favorecer o objetivo maior de uma sala de aula - a

aprendizagem - já que a docência existe para que o aluno aprenda. Retomo a fala de um aluno de Administração para dar credibilidade a minha afirmação: “Esse tipo de didática faz com que o aluno fique ligado em aula, fazendo com que a aula seja muito mais produtiva. Faz ter vontade de aprender e não somente passar pela disciplina”. (E117)

Um professor que se mostra competente, humano, afetivo e compreensivo atrai os alunos e faz com que eles tenham vontade de aprender e não somente “passar pela disciplina”. Para Moran (2007, p.81), “O que facilita são as entrelinhas da comunicação lingüística: a entonação de voz, os gestos aproximadores, a gestão de processos de participação e acolhimento, dentro dos limites sociais e acadêmicos”. O professor empreendedor que emergiu através das respostas dadas pelos acadêmicos é alguém que está disposto a evoluir, a aprender e a ensinar. Ele é um otimista, sem ser ingênuo, e consegue despertar nas pessoas as melhores qualidades. Essas afirmações já começam a responder ao problema desta tese, que era descobrir em que professores empreendedores fazem a diferença nas salas de aula da UNIVATES.

Os alunos mostraram, através de suas respostas, que os professores empreendedores com quem tiveram contato assemelham-se ao *educador bem-sucedido* trazido por Moran (2007):

As técnicas de comunicação também são importantes para o sucesso do professor. Um educador que fala bem, que conta histórias interessantes, que tem *feeling* para sentir o estado de ânimo da classe, que se adapta às circunstâncias, que sabe jogar com as metáforas, que é bem humorado, que usa as tecnologias adequadamente, sem dúvida, consegue bons resultados com os alunos. Estes gostam do professor que surpreende, que traz novidades, que varia técnicas e métodos de organizar o processo de ensino – aprendizagem.(p.80)

Esta pesquisa tem como um de seus objetivos propor metodologias de ensino e ações pedagógicas que resultem em uma educação empreendedora, e os dizeres do autor supracitado já estão respondendo a este objetivo. Muitas vezes vejo educadores perseguindo fórmulas prontas que o auxiliem na melhora de sua aula.

Esta pesquisa mostra que a maioria das respostas para as perguntas, que muitas vezes atormentam os educadores, estão dentro deles. A mudança ocorre de dentro para fora - o professor deve querer mudar, pois não adianta ter uma bela receita, se o cozinheiro não gosta de cozinhar. Trago uma resposta de um aluno entrevistado para mostrar que a mudança é possível: “A aula de um professor empreendedor ajuda os alunos a terem a idéia de como funciona na prática, é melhor que as aulas quando o professor apenas lê, porque sai da rotina de o professor falar e os alunos escutarem.” (E56)

A resposta deste aluno comprova que não precisamos de metodologias complexas para que ocorra aprendizagem. Uma proposta simples e fácil de ser executada é centrar a aula no aluno e não no professor, pois essa atitude, no meu entendimento, fará com que o estudante saia de uma atitude passiva e passe a ter uma atitude proativa, transformando-se em um agente de mudanças que não fica esperando que apareçam as oportunidades; pelo contrário, vai em busca das mesmas.

Trago outra afirmação de um estudante de Fisioterapia sobre os benefícios da educação empreendedora: “Para que tudo isso aconteça é preciso ter professores e ou formar professores que possam ensinar ou ensinarem alunos a ter pensamentos e ações empreendedoras.” (E45) Nessa colocação o aluno traz para discussão a formação de professores, tema que merece investigação, pois na universidade formamos *professores empregados* ou *professores empreendedores*? Esta pesquisa está mostrando que muitos professores da UNIVATES são empreendedores, portanto, provavelmente, tiveram uma formação que lhes possibilitou trabalhar seu lado empreendedor.

Tenho ciência de que para muitos professores a mudança é um grande desafio, que começa pela concepção da necessidade de uma nova prática, que atenda aos anseios atuais, como é colocado pelo aluno. Prática essa que pode ser (re) construída por meio da formação continuada, apoiada na aceitação da importância da troca de experiências:

[...] conceber a prática docente como um processo permanente de aprendizagem, experimentação, comunicação e reflexão compartilhada, não apenas permite enfrentar incertezas de nossa época com menor ansiedade como facilita a elaboração de projetos e iniciativas que provocam a satisfação de estudantes e docentes ao gozar da aventura do conhecimento, ao desfrutar da beleza da cultura e ao comprovar as possibilidades de autodesenvolvimento criador (PEREZ GOMEZ, 2001, p.180).

A formação continuada é um caminho que poderá levar os professores a reafirmarem suas identidades profissionais, entendendo o contexto no qual estão inseridos e, a partir daí, voltarem a acreditar na educação como processo possível e pelo qual também são responsáveis. Faço uma referência a Cortella (2006) que afirma que não nascemos prontos e que devemos fazer da nossa insatisfação algo salutar que nos desafie a aprender sempre, a prosseguir, a persistir, a modificar, a reinventar constantemente nosso olhar em relação ao mundo e a nós mesmos. Segundo o autor, quando estamos satisfeitos nos acomodamos, nos rendemos ao repouso e nos imobilizamos. Para Cortella (2006), é a insatisfação que nos move, pois quando estamos insatisfeitos, criamos, inovamos, modificamos e, assim, vamos nos construindo.

Nessa perspectiva, espera-se que a formação continuada modifique as concepções do professor, levando-o a atuar no sentido de transformar o meio em que está inserido – a universidade. É vital que os professores comecem esse processo de modificação, resgatando o seu papel frente à sociedade e sendo atuantes. Engers e Portal (2008) reforçam a idéia de que *“nós educadores, temos um grande desafio no futuro. Não podemos ser apenas espectadores passivos desse futuro, mas reservar-nos um papel de sujeitos atores”* (p.247).

Este estudo mostra que o professor empreendedor é um *sujeito ator*, pois é um profissional comprometido com a educação. E a palavra comprometimento se destaca entre tantas outras competências elencadas como necessárias ao exercício da docência nesse século, firmando o compromisso do professor em buscar as soluções necessárias que garantam uma prática de qualidade nessa sociedade de incertezas em que a escola, segundo Tardif e Lessard (2008):

[...] se parece com um estacionamento, e a função docente é assimilada a uma forma de vigilância. Os jovens estão na escola porque a sociedade não quer que eles estejam em outro lugar, principalmente na rua [...]. Esses jovens da televisão e da Internet consomem as aulas e aqueles que a ministram como consomem um programa de televisão, um clip ou uma publicidade; eles permanecem ou “zapeiam”; têm uma relação emotiva – gosto ou não gosto – e utilitarista com o saber – para que serve isso? Os docentes às vezes vivem mal essas evoluções e constatam, impotentes, que não são capazes de concorrer com a mídia cada vez mais invasora e eficaz, pelo seu poder de sedução (p.258).

Os autores trazem dados de pesquisas relativas ao ensino médio, mas com tranquilidade podemos remeter essas constatações para a universidade, até por que é na universidade que os professores que ministram aulas para os alunos do ensino médio são formados, cabendo a pergunta: o ensino superior está formando professores “vigilantes de estacionamentos”? Engers (2008, p.419) ressalta que “[...] o comprometimento do educador prende-se a sua capacidade de atualização e de resiliência à situações novas de aprendizagens, inter-multi-transdisciplinares”. Os dizeres da autora podem ser vistos como uma solução para as colocações de Tardif e Lessard (2008), já que somente através de uma postura empreendedora de comprometimento e de proatividade, os professores poderão enfrentar esse processo doloroso, que traz incertezas e angústias, não só pelo tamanho de sua responsabilidade, mas principalmente pela urgência da mudança.

Freire (2003) disse que “*mudar é difícil, mas é possível*” (p.88). Disse ainda que mudar é o único caminho para resgatar a valorização e a única possibilidade real dos professores corresponderem às expectativas neles depositadas, mas também de se sentirem realizados. Outros autores têm corroborado com essa posição, entre os quais Marchesi (2001), quando analisa a satisfação do professor frente à sua ação pedagógica:

Se a profissão tem um forte componente moral, se exige compromisso ativo e positivo com as novas gerações, se deve contribuir para a felicidade dos alunos, se deve manter o otimismo e a esperança nas novas gerações e na humanidade, não temos mais remédio que admitir que o agente dessa atividade, o professor, deve ser partícipe desse projeto e, conseqüentemente, deve viver e transmitir uma certa forma de felicidade em sua atividade docente. E ele só pode sentir-se feliz em seu trabalho, se gosta dele, se está satisfeito com ele, se encontra sentido na educação (p.153).

É evidente que, para o professor, essa mudança exigida pelo cenário educacional é um grande desafio que começa pela concepção da necessidade de uma nova prática, que atenda aos anseios atuais. E esta tese, através dos dados coletados junto aos estudantes da UNIVATES, mostra que os professores empreendedores que atuam na IES e ministraram aulas para esses estudantes, já estão se utilizando dessa nova prática e mostram que mudar pode ser difícil, mas não impossível. Mostram, também, que existem ações pedagógicas que oportunizam aprendizagem em ambientes de convivência agradável e feliz.

Acredito que para exercer a docência na sociedade do conhecimento, não basta ser pesquisador, cientista renomado ou realizar cursos de pós-graduação *Strictu Senso* (mestrado e doutorado). Ao indispensável domínio técnico-científico de sua área de atuação, requer-se que o docente alie formação pedagógico-didática adequada às práticas educativas a que se dedica. Além disso, faz-se necessário uma inovação educativa por parte do docente, com novos valores e significados de organização e produção do conhecimento, conectados com os desafios da prática, do significado, da motivação e do afeto. Esta tese mostra que se existe valorização da cultura empreendedora na universidade, conseqüentemente o sucesso pedagógico pode ser alcançado na sala de aula. Cabe aqui apresentar a resposta de um estudante: "Pois se o aluno não é buscado a participar, ele não se envolve com a aula. Os professores nos transmitiram os conhecimentos com entusiasmo e nos motivaram a participar" (E117).

Os professores têm a difícil missão de motivar seus alunos a quererem aprender novos conhecimentos, procedimentos e atitudes que favoreçam a vida na sociedade. Motivá-los a querer aprender, a selecionar conhecimentos para agir adequadamente em situações que se apresentam no cotidiano do trabalho e no convívio familiar, comunitário e planetário, não é tarefa fácil. Essa abrangência e profundidade dos conhecimentos exigidos no contexto atual tem representado um imenso desafio às instituições de ensino superior, responsáveis pela educação formal dos indivíduos.

Alonso Tapia e Fita (2001) trazem a idéia de que o professor pode motivar seus alunos através de atividades e ações em sala de aula. A motivação extrínseca,

portanto, é aquela pela qual passamos a visar a um objetivo exterior à tarefa que realizamos. E essa tarefa trazida pelo professor empreendedor que está entusiasmado, motivado e comprometido com suas ações pedagógicas e metodologias de ensino acaba acendendo a motivação intrínseca do aluno que, segundo Guimarães (2001), é aquela que se refere à escolha de uma determinada atividade por sua própria causa, por essa ser interessante, atraente ou, de alguma forma, ser geradora de alguma satisfação. As afirmações que seguem, corroboram as colocações anteriores, E34: “Pois com professores empreendedores, o aluno se dedica mais e tem muito mais vontade de assistir aula”; E67: “As aulas com iniciativas empreendedoras se tornam mais dinâmicas, fazendo com que os alunos se motivem e aprendam mais e melhor.”

Precisamos de uma educação que estimule nossos jovens a buscar soluções criativas e, no ensino superior, devemos pensar sobre a formação de jovens com autonomia intelectual, com paixão pela busca do conhecimento e com postura ética que os torne comprometidos com os destinos da sociedade. É preciso que ensinemos novos caminhos, surgindo assim novos rastros a serem desenhados, para que isso aconteça, porém, a universidade precisa formar empreendedores e não empregados.

Num momento de muitas dúvidas e poucas certezas, o quadro educacional universitário está, no geral, pouco voltado para a criatividade. Isso que a criatividade consta em quase todos os planos pedagógicos dos cursos superiores e é uma das características mais raras de se encontrar na maioria dos jovens, que surgem no mercado de trabalho com atitudes muito mais conformistas (empregados) do que de indagação (empreendedores).

Esta tese também advoga a ideia de que se o professor é empreendedor em sua prática pedagógica, podemos supor que terá condições mais favoráveis para desenvolver o empreendedorismo de seus alunos. E se mais e mais alunos empreendedores forem formados, melhoras ocorrerão na sociedade, pois este trabalho mostra que os alunos querem professores incentivadores e não controladores. Os alunos querem e necessitam de professores que eduquem dentro da verdade e da coerência, apesar de vivermos em uma sociedade do faz de conta

e de muitas aparências. Os estudantes da UNIVATES, que participaram desta pesquisa, acreditam em professores empreendedores, em profissionais que possuem equilíbrio emocional, que inspiram confiança, que têm conhecimento, que são inteligentes e apaixonados pela educação, que não impõem a aprendizagem pela força, mas pelo afeto, pelo acolhimento, pela valorização e pelo entusiasmo.

Ao longo desta tese foram trazidas à reflexão as características da educação empreendedora através das vozes dos alunos pesquisados. Essas vozes também deram credibilidade a professores que possuem características empreendedoras e que influenciam seus alunos a serem empreendedores em sua vida pessoal e profissional. Além disso, os alunos pesquisados, através de suas respostas, garantem que nas aulas de professores empreendedores ocorre aprendizagem. E que esses professores possuem conhecimento, são determinados e dinâmicos, otimistas e apaixonados pelo que fazem, dedicados, bem relacionados, organizados e sabem tomar decisões. Nesta tese, os alunos trouxeram à tona as transformações pelas quais passam após entrar em contato com a teoria empreendedora. Os alunos, através de suas vozes, também colocam que, para uma aula “dar certo”, o professor deve ter conhecimento, não precisando se munir de metodologias muito complicadas, pois é na simplicidade, na transparência e no acolhimento que a aprendizagem ocorre.

A educação deve surpreender, cativar, conquistar os estudantes a todo o momento. A educação precisa causar encantamento, deve seduzir, apontar oportunidades e realizar novas práticas, atingindo novos conhecimentos. A universidade é um dos espaços de intervenção social e de vida, um espaço privilegiado para experimentar as situações desafiadoras do presente e do futuro.

Educar é um processo complexo, que exige mudanças significativas e investimento na formação de professores, para o domínio dos processos de comunicação da relação pedagógica e o domínio das tecnologias. A mudança que deve ocorrer na educação não é um movimento simples, porque existe uma ligação muito forte com o passado, que deve ser mantida, porém atrelada à visão de futuro. O que não deve acontecer é continuar na inércia diante da defasagem gritante entre as aspirações dos alunos e a forma de satisfazê-los. A mudança vai ocorrendo aos

poucos. Esta tese apontou isso, pois alguns professores da UNIVATES já aderiram à educação empreendedora e já estão conseguindo aproximar-se das aspirações dos estudantes, através da união de sua competência intelectual, emocional e ética, causando um profundo impacto nos alunos.

O foco para a mudança é desenvolver alunos criativos, empreendedores, inovadores e corajosos para construir novos caminhos para a sociedade. Alunos e professores que busquem soluções novas, diferentes, que não tenham medo de arriscar, que se envolvam com o social e que consigam sair do previsível, e este trabalho mostrou que, no ensino superior, por meio da educação empreendedora e de professores empreendedores, isso é possível.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Maria C.; MASETTO, Marcos T. **O professor universitário em aula: prática e princípios teóricos**. 11. ed. São Paulo: MG Ed. Associados, 1997.

ANDRÉ, Marli E. D. A. Estudo de Caso: seu potencial na educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 49, p. 51-54, maio 1984.

AQUINO, Carlos T. E. de. **Como aprender: andragogia e as habilidades de aprendizagem**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. Disponível em: <<http://www.infed.org/thinkers/et-rogers.htm>>. Acesso em: 23 set. 2009.

ALVES-MAZZOTTI, Alda J. O Debate Contemporâneo Sobre os Paradigmas. In: \_\_\_\_\_; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 4. reimpr. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004. p. 129-146.

ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis, Vozes, 1998.

AUDY, Jorge L.N.; MOROSINI, Marília C. (orgs.). **Inovação e Empreendedorismo na Universidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

AYRES, Manoel. et al. **BioEstat**. Versão 5.0. CNPq. Belém: Sociedade Civil Mamirauá (MCT), 2007.

BARBETA, Pedro A. **Estatística Aplicada às Ciências Sociais**. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BAUER, Ruben. Empresas Auto-Organizantes. **EccoS Revista Científica**, v. 2, n. 1. Centro Universitário Nove de Julho, São Paulo, p. 55-71, 2000.

BEHRENS, Marilda A. A formação pedagógica e os desafios do mundo moderno. In: MASETTO, Marcos T. (org.). **Docência na universidade**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2006, p. 57-68.

[BEUREN, Ilse M. Como elaborar Trabalhos Monográficos em Contabilidade. São Paulo: EDUCS, 2003.](#)

BOFF, Leonardo. **Ética e moral**: a busca dos fundamentos. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação** – uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1999.

BOOTH, Wayne. C.; COLOMB, Gregory.C.; WILLIAMS, Joseph.M. **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.09.

CHAGAS, Evarc. R. C. et al. A Prática Educativa: uma perspectiva viva. **Educação**, Porto Alegre, ano XXVII, v. 54, n. 3, p. 569-595, set./dez. 2004.

CORTELLA, Mario S. **Não nascemos prontos!**: Provocações filosóficas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CUNHA, Maria I. Diferentes Olhares Sobre as Práticas Pedagógicas no Ensino Superior: a docência e sua formação. **Educação**, Porto Alegre, ano XXVII, v. 54, n. 3, p. 525-536, set./dez. 2004.

\_\_\_\_\_. Ensino como mediação da formação do professor universitário. In: MOROSINI, M. C. (org.). **Professor do ensino superior**: identidade, docência e formação. Brasília: INEP, 2000, p. 45-51.

\_\_\_\_\_. **O professor universitário na transição de paradigmas**. Araraquara: JM Editora, 1998.

\_\_\_\_\_. **O bom professor e sua prática**. Campinas: Papirus, 1989.

DAGNINO, Evelina et al. **Anos 90** – Política e sociedade no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DEGEN, Ronald J. **O empreendedor**: fundamentos da iniciativa empresarial. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.

DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir - Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. 6. ed. São Paulo: Cortez, Brasília: MEC/UNESCO, 2001.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do Empreendedor**. São Paulo: Ed. de Cultura, 1999.

DEMO, Pedro. **Solidariedade como efeito do poder**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2002.

\_\_\_\_\_. Política Científica e Educacional na Universidade. **Educação**, Educação e Ciências, Porto Alegre, n.47, p.07-21, jun. 2002.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo** – transformando idéias em negócios. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

DRUCKER, Peter. **Inovação e espírito empreendedor**. São Paulo: Pioneira, 2000.

\_\_\_\_\_. **Sociedade pós-capitalista**. 4.ed. São Paulo: Pioneira, 1993.

ENGERS, Maria.E. A. Formação de Professores, Alfabetização e Sucesso Escolar. In: BROILLO, C.L e CUNHA, M.I da. (orgs.). **Pedagogia Universitária e Produção de Conhecimento**. Porto Alegre: Edipucrs, 2008, p.427-434.

\_\_\_\_\_; PORTAL, Leda L. Educação de Professores: um olhar sobre os tempos e os espaços nas atividades dos professores. **Revista Educação**, Porto Alegre, Edipucrs, p.245-249, 2008.

ENRICONE, Délcia. A universidade e a aprendizagem na docência. In: CUNHA, Maria Isabel da (Org.) Reflexões e práticas e pedagogia universitária. Campinas, SP:Papirus, 2007.

\_\_\_\_\_. (org.). **Ser professor**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Coordenação Marina Ferreira e Margarida dos Anjos. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

FILION, Louis J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, São Paulo v.34, n.2, p.05-28, abril/junho, 1999.

\_\_\_\_\_. O planejamento do seu sistema de aprendizagem empresarial: identifique uma visão e avalie o seu sistema de relações. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, FGV, São Paulo, julho/setembro 1991, p. 63-71.

FISCHER, B. T. D. Prática docente na universidade: uma questão menor? In: MORAES, V. R. P. (org.). **Melhoria do ensino e capacitação docente**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1996.

FERNANDES, C. M. B. Formação do professor universitário tarefa de quem? In: MASETTO, M. T. (org.). **Docência na universidade**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GERBER, Michael E. **Empreender fazendo a diferença**. São Paulo: Fundamento Educacional, 2004.

\_\_\_\_\_. **O mito do empreendedor**: como fazer de seu empreendimento um negócio bem sucedido. São Paulo: Saraiva, 1996.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIMENO SACRISTÁN, J. **Educar e conviver na cultura global**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GUIMARÃES, Sueli R. A organização da escola e da sala de aula como determinante da motivação e da meta aprender. In: BZUNECK, José A.; BORUCHOVITCH, Evely (orgs.) **A motivação do Aluno**. Contribuições da psicologia contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2001, p.78-95.

GUNI (Rede Universitária Global para a Inovação). **Educação superior em um tempo de transformação**: novas dinâmicas para a responsabilidade social. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

HUNTER, James C. **Como se tornar um líder servidor**: os princípios de liderança de O Monge e o Executivo. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

ISAIA, Sílvia. M. A. Professor do Ensino Superior: tramas na tessitura. In: MOROSINI, M. C. et al. **Enciclopédia de Pedagogia Universitária**. Porto Alegre: FAPERGS/RIES, 2003, p. 241-252.

LONGARAY, André A; BEUREN, Ilse M. Caracterização da Pesquisa em Contabilidade. In: BEUREN, Ilse Maria (org.). **Como Elaborar trabalhos Monográficos em Contabilidade**: Teoria e Prática. São Paulo: Atlas, 2003.

KINCHELOE, Joe L. **A formação do professor como compromisso político**: mapeando o pós-moderno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LEITE, Emanuel. **O fenômeno do empreendedorismo**: criando riquezas. Recife: Bagaço, 2000.

LÜDKE, Marli; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUCARELLI, Elisa. **El asesor pedagógico en la universidad**. De la teoría pedagógica a la práctica en la formación. Buenos Aires: Piados, 2000.

MARINS, Joana. **Funcionários Empreendedores**. Empregos e Oportunidades, ZH Classificados. **Zero Hora**, Porto Alegre, 22/11/2009, p.1.

MORAN, José M. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. Campinas, SP: Papirus, 2007.

MARQUES, M. O. **A formação do professor da educação**. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

MARQUES, Renato. **Empreendedorismo social**: como empreendedores podem promover mudanças na sociedade. Publicado em 22/08/2006. Disponível em: <<http://www.universia.com.br>>. Acesso em: 5 maio 2008.

MARCHESI, A. **Formando Professores Profissionais**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MARTINELLI, Joacir. Perfil Empreendedor dentro da empresa – intra-empendedorismo. **Gazeta do Povo**, 22/06/03.

MASETTO, Marcos T. (org.). **Docência na universidade**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2006.

\_\_\_\_\_. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MELO, Itamar. Avanço das mulheres marca 70 anos da UFRGS. **Zero Hora**, Porto Alegre, 28/11/2004, p.44.

MELO NETO, Francisco P. de; FROES, César. **Empreendedorismo social: a transição para a sociedade sustentável**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. In: MORAES, R; GALIAZZI, M. C. (orgs.). **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2007.

MORAN, José M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007.

MOROSINI, Marília. C. O professor do ensino superior na sociedade contemporânea. In: ENRIGONE, D. **A docência na educação superior: sete olhares**. Porto Alegre: Evangraf, 2006, p. 85-100.

\_\_\_\_\_. Docência universitária e desafios da realidade nacional. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Professor do ensino superior: identidade, docência e formação**. Brasília: INEP, 2000. p. 11-20.

MOSQUERA, Juan J. M. Princípios da universidade no século XXI: universidade e produção do conhecimento. In: AUDY, Jorge L. N. e MOROSINI, Marília C. **Inovação e Empreendedorismo na Universidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

\_\_\_\_\_; STOBÄUS, Claus D. Professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade na educação especial. In: STOBÄUS, Claus D.; MOSQUERA, Juan J. M. (orgs.). **Educação especial**: em direção à educação inclusiva. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

\_\_\_\_\_. **Vida adulta**: personalidade e desenvolvimento. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 1987.

NÓVOA, António. Universidade e formação docente. Entrevista. **Interface - Comunic, Saúde, Educ**, v. 4, n. 7, p. 129-137, ago. 2000.

\_\_\_\_\_. (coord.) **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NUNES, C. M. F. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. **Educação & Sociedade**, ano XXII, n. 74, p. 27-42, abr. 2001.

OLIVEIRA, Edson M. **Empreendedorismo social no Brasil**: fundamentos e estratégias. Franca: Unesp, 2004. Tese (Doutorado), Universidade Estadual Paulista, 2004.

PANIZZI, Wrana. **Universidade para quê?** Porto Alegre: Libretos, 2006.

PERRENOUD, Philippe. et al. **As competências para ensinar no século XXI**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SACCONI, Luiz A. **Minidicionário Sacconi da Língua Portuguesa**. São Paulo: Atual, 1996.

SANTOS, Boaventura S. **Um discurso sobre as ciências**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SCHUMPETER, Joseph A. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e ciclo econômico. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

SEBRAE. **Oficina**: Iniciando um Pequeno Grande Negócio (Módulo I). Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br>>. Acesso em: 15 nov. 2008.

SELIGMAN, Martin E. P. **Aprenda a ser otimista**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2005.

\_\_\_\_\_. **Felicidade autêntica**: usando a nova psicologia positiva para a realização Permanente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

SIMKA, Sérgio. Singularidade Docente. In: **Ensino Superior**, 2006.

STAKE, R. E. Pesquisa qualitativa/naturalista - problemas epistemológicos. **Educação e Seleção**, n. 7, p. 19-27, jan./jun. 1983.

TAPIA, Jesus A.; FITA, Enrique C. **A motivação em sala de aula**. São Paulo: Loyola, 2001.

TARDIF, Maurice e LESSARD, Claude (orgs.). **O Ofício de professor**: histórias, perspectivas e desafios internacionais. Petrópolis: Vozes, 2008

\_\_\_\_\_. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2004.

TEDESCO, Juan C. **O novo pacto educativo**: competitividade e cidadania na sociedade moderna. São Paulo: Ática, 2001.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO. **Conferência Mundial sobre Educação superior**. 1998.

UNIVATES. Disponível em: <<http://www.univates.br>>. Acesso em: 07 jul. 2009.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Coordenação do trabalho pedagógico**: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula. 2. ed. São Paulo: Libertad, 2002.

YIN, Robert K. traduzido Daniel Grassi. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. 3. Ed. Porto Alegre: Bookmann, 2005.

WIKIPÉDIA. Empreendedorismo. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina\\_principal](http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal)>. Acesso em: 02 dez. 2008.

ZABALZA, Miguel A. **O ensino universitário**: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZAGURY, Tania. **O professor refém**: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil. 4 ed., Rio de Janeiro: Record, 2006  
Caderno Emprego e Oportunidades ZH, p.3, 23/11/2008. Entrevista com Fernando Dolabela. O empreendedorismo não faz parte do conteúdo acadêmico.

## **ANEXOS**

ANEXO A – Permissão para Realizar a Pesquisa

ANEXO B – Instrumento de pesquisa: Questionários aplicados aos alunos que cursaram a disciplina de Empreendedorismo no semestre A/2009.

ANEXO C – TCLE

ANEXO D – Exemplo de Questionário Respondido pelos Alunos

**PERMISSÃO PARA REALIZAR A PESQUISA**

ministradora na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em dezembro de 2008, quando estava sendo submetido para aprovação da Comissão de Pesquisa da UNIVATES.

Lajeado, 01 de dezembro de 2008

Senhor Pró-Reitor

Estou cursando o penúltimo ano do Doutorado em Educação, PUCRS, tendo como linha de pesquisa - Ensino e Educação de Professores. Minha intenção de pesquisa de tese tem o propósito de levar adiante a reflexão sobre as transformações que a teoria empreendedora pode provocar no mundo acadêmico. Dentro desta temática, procurarei trazer a perspectiva dos acadêmicos de diversos cursos da UNIVATES, que cursaram a disciplina de empreendedorismo no ano de 2008, sobre a existência, ou não, das características do perfil empreendedor nos professores desta IES. Os alunos são convidados a participar da pesquisa e responderão a questionário com perguntas abertas e fechadas.

Também pretendo entrevistar (entrevistas semi-estruturadas) professores da UNIVATES escolhidos a partir da disponibilidade de cada um. Em participar deste estudo. Este trabalho terá o propósito de investigar o quanto as práticas educacionais aproximam-se das teorias empreendedoras e, a partir desse estudo, sugerir modelos de metodologias que auxiliem na construção de uma educação empreendedora, sempre pensando na melhoria dos processos de ensinar e de aprender que ocorrem nas salas de aula desta IES.

Diante da proposta que apresento, solicito a permissão para realizar este trabalho de pesquisa, citando o nome da UNIVATES, sempre que se for necessário. O referido projeto deverá ser qualificado perante banca



examinadora na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em dezembro de 2008, quando, então, será submetido para aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da UNIVATES.

INSTRUMENTO DE PESQUISA: Questionários que serão aplicados aos alunos que estão cursando a disciplina de Empreendedorismo no ano de 2008  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Disciplina em Educação

Prezado (a) senhor (a), o foco do seu trabalho é comprovar que o empreendedorismo proporciona a efetividade de seu trabalho, realizar um levantamento das situações que você está cursando, através de questionários (2009/A) e as que você vai fazer no ano de 2009. O objetivo principal é identificar a diferença em sua vida pessoal e profissional, bem como, identificar se os professores das disciplinas de empreendedorismo tiveram algum impacto em suas vidas. Sua participação é fundamental para o sucesso desta pesquisa, pois os dados levantados contribuirão para a tese de doutorado em Educação, pela PUCRS, da professora Silvana Neumann Martins (ramal 5204). Cabe ressaltar que as informações coletadas serão tratadas com extremo sigilo não divulgando nomes de entrevistados. Muito obrigada.

Atenciosamente

*Silvana Neumann Martins*  
Silvana Neumann Martins

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: F ( ) M ( )

Cargo: \_\_\_\_\_

1- A UNIVATES tem como foco estratégico o empreendedorismo e, por isso, desde 2003 alunos dos diversos cursos de graduação da instituição passaram a cursar a disciplina de empreendedorismo. Você que está cursando esta disciplina no ano de 2008, considera que a mesma

- ( ) É fundamental para a sua formação
- ( ) Não é fundamental, mas é importante para a sua formação
- ( ) Não é importante para a sua formação

Sr. Carlos Cândido da Silva Cyrne  
Pró-Reitor de Ensino da UNIVATES

/SM

*Defendo*  
*Cyrne* 8/12/08

**INSTRUMENTO DE PESQUISA: Questionários que serão aplicados aos alunos que estão cursando a disciplina de Empreendedorismo no ano de 2009**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Doutorado em Educação

Prezado (a) aluno (a): o foco deste trabalho é comprovar que o empreendedorismo transforma a educação. Para isso, é necessário realizar um levantamento das disciplinas que você está cursando durante este semestre (2009/A) e as que você cursou no ano de 2008 e verificar se as mesmas fizeram a diferença em sua vida pessoal e profissional. A pesquisa quer, também, identificar se os professores das disciplinas que você considerou significativas, tiveram atitudes empreendedoras ao ministrarem suas aulas. A sua participação é fundamental para o sucesso desta pesquisa, pois os dados levantados contribuirão para a tese de doutorado em Educação, pela PUCRS, da professora Silvana Neumann Martins (ramal 5204). Cabe ressaltar que as informações coletadas serão tratadas com extremo sigilo não divulgando nomes de entrevistados. Muito obrigada.

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: F ( ) M ( )

Curso: \_\_\_\_\_

- 1- A UNIVATES tem como foco estratégico o empreendedorismo e, por isso, desde 2003 alunos dos diversos cursos de graduação da instituição, passaram a cursar a disciplina de Empreendedorismo. Você que está cursando esta disciplina no ano de 2009, considera que a mesma :

- ( ) É fundamental para a sua formação  
( ) Não é fundamental, mas é importante para a sua formação  
( ) Não é importante para a sua formação

Justifique sua escolha.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

- 2- Quantas disciplinas você cursou em 2008? E quantas está cursando neste semestre? Total dos três semestres: \_\_\_\_\_

**Não cite o nome das disciplinas, apenas a quantidade cursada**

- 3- Dessas cursadas, quantas disciplinas foram significativas ou promoveram transformações em sua vida pessoal, profissional e acadêmica? Por exemplo: fizeram com que você mudasse sua maneira de enxergar o mundo ao seu redor, auxiliaram/melhoraram sua inserção no mercado de trabalho, fizeram com que você adquirisse/ou aprimorasse hábitos até então não realizados, como leituras, pesquisas, liderança, pró-atividade, intra-empreendedorismo....

ou, ainda, auxiliaram na melhoria de sua comunicação com as pessoas com quem você convive.

Nº de disciplinas: \_\_\_\_\_

- 4- As disciplinas que você elegeu como significativas foram ministradas por professores com perfil empreendedor? ( ) Sim ( ) Não

Se sim, assinale quais características você percebeu nas atitudes de seus professores durante as aulas ministradas no ano passado, lembrando das características do empreendedor estudadas na disciplina de Empreendedorismo. (Fonte : Dornelas 2001, p. 31-33).

Características:

- ( ) Sabem tomar decisões
- ( ) São indivíduos que fazem a diferença
- ( ) Sabem explorar ao máximo as oportunidades
- ( ) São determinados e dinâmicos
- ( ) São dedicados
- ( ) São otimistas e apaixonados pelo que fazem
- ( ) São independentes e constroem o próprio destino
- ( ) São líderes e formadores de equipes
- ( ) São bem relacionados (*networking*)
- ( ) São organizados
- ( ) Possuem conhecimento
- ( ) Criam valor para a sociedade
- ( ) Outras \_\_\_\_\_

- 5- Os professores que você considerou empreendedores utilizaram que tipos de ações pedagógicas e metodologias de ensino em suas aulas? Facilitando: como eles “deram” aula?

---

---

---

- 6- E esse “tipo” de aula contribuiu para a melhoria do ensino e da aprendizagem na sala de aula? ( ) Sim ( ) Não

Justifique \_\_\_\_\_

---

- 7- Esses professores com perfil empreendedor, através de suas aulas e de suas atitudes empreendedoras, contribuirão ou já estão contribuindo para que você se torne um empreendedor em sua vida acadêmica, pessoal e profissional? ( ) Sim ( ) Não Justifique sua resposta. \_\_\_\_\_

---

- 8- Nessas disciplinas, como você percebeu a relação professor–aluno?

---

---

- 9- Após responder as questões e refletir sobre a temática “empreendedorismo na educação”, na sua opinião, o empreendedorismo pode transformar a educação? ( ) Sim ( ) Não Por quê?

---

---

---

---

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

A presente pesquisa, cujo título é: **Empreendedorismo transformando a educação superior: perspectivas de alunos universitários sobre professores empreendedores**, tem como objetivos investigar e identificar as características da educação empreendedora, propor, através de evidências da realidade, metodologias de ensino e ações pedagógicas que redundem em uma educação empreendedora, verificar se professores empreendedores influenciam alunos universitários para serem empreendedores e averiguar se professores com perfil empreendedor contribuem para a melhoria do ensino e da aprendizagem na universidade.

Esta pesquisa justifica-se, pois um dos grandes desafios deste início de século, em que um panorama de alto desenvolvimento científico – tecnológico está presente, é tornar o homem capaz de utilizar sua criatividade para gerar inovação e provocar mudanças no cenário em que está inserido.

Os dados coletados para esta pesquisa junto aos alunos que estão cursando a disciplina de Empreendedorismo neste semestre (A/2009), serão única e exclusivamente obtidos através do questionário a ser entregue e preenchido em sala de aula pelos alunos. Durante todo o tempo de preenchimento a pesquisadora estará presente para esclarecer dúvidas que possam surgir ao longo do processo.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo a minha participação nesta pesquisa, pois fui devidamente informado sem qualquer constrangimento e coerção sobre os objetivos, justificativa e instrumento de coleta de dados que serão utilizados, já citados neste termo.

Fui igualmente informado(a):

- Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos relacionados à pesquisa;
- Da garantia de retirar meu consentimento a qualquer momento, deixar de participar do estudo;
- Da garantia de que não serei identificado(a) quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados à pesquisa;
- De que, se existirem gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa, portanto não terei nenhum tipo de gasto previsto.

Este termo será assinado em duas vias, sendo que uma delas será retida pelo sujeito da pesquisa e a outra será arquivada em local seguro pela pesquisadora. A responsável pela pesquisa é a professora Silvana Neumann Martins (Fone: 3714-7000 – ramal 5204), tendo este documento sido revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIVATES.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Assinatura da pesquisadora Assinatura do participante da pesquisa

EXEMPLO DE QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS ESTUDANTES

INSTRUMENTO DE PESQUISA: Questionários que serão aplicados aos alunos que estão cursando a disciplina de Empreendedorismo no ano de 2009  
 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS  
 Programa de Pós-Graduação em Educação  
 Doutorado em Educação

Prezado (a) aluno (a): o foco deste trabalho é comprovar que o empreendedorismo transforma a educação. Para isso, é necessário realizar um levantamento das disciplinas que você está cursando durante este semestre (2009/A) e as que você cursou no ano de 2008 e verificar se as mesmas fizeram a diferença em sua vida pessoal e profissional. A pesquisa quer, também, identificar se os professores das disciplinas que você considerou significativas tiveram atitudes empreendedoras ao ministrarem suas aulas. A sua participação é fundamental para o sucesso desta pesquisa, pois os dados levantados contribuirão para a tese de doutorado em Educação, pela PUCRS, da professora Silvana Neumann Martins (ramal 5204). Cabe ressaltar que as informações coletadas serão tratadas com extremo sigilo não divulgando nomes de entrevistados. Muito obrigada.

Idade: 20 Sexo: F (X) M ( )

Curso: Pedagogia

1- A UNIVATES tem como foco estratégico o empreendedorismo e, por isso, desde 2003 alunos dos diversos cursos de graduação da instituição, passaram a cursar a disciplina de Empreendedorismo. Você que está cursando esta disciplina no ano de 2009, considera que a mesma:

( ) É fundamental para a sua formação  
 (X) Não é fundamental, mas é importante para a sua formação  
 ( ) Não é importante para a sua formação  
 Justifique sua escolha:

esta cadeira é muito importante pois aprendemos a administrar melhor nos dias a dia, tendo um espírito de inovação e mudança.

2- Quantas disciplinas você cursou em 2008? E quantas está cursando neste semestre? Total dos três semestres: 6  
 Não cite o nome das disciplinas, apenas a quantidade cursada

3- Dessas cursadas, quantas disciplinas foram significativas ou promoveram transformações em sua vida pessoal, profissional e acadêmica? Por exemplo: fizeram com que você mudasse sua maneira de enxergar o mundo ao seu redor, auxiliaram/melhoraram sua inserção no mercado de trabalho, fizeram com que você adquirisse ou aprimorasse hábitos até então não realizados, como leituras, pesquisas, liderança, pró-atividade, intra-empreendedorismo... ou, ainda, auxiliaram na melhoria de sua comunicação com as pessoas com quem você convive.

Nº de disciplinas: 5

4- As disciplinas que você elegeu como significativas foram ministradas por professores com perfil empreendedor? (X) Sim ( ) Não

Se sim, assinale quais características você percebeu nas atitudes de seus professores durante as aulas ministradas, lembrando das características do empreendedor estudadas na disciplina de Empreendedorismo. (Fonte: Dornelas 2001, p. 31-33).

Características:

- Sabem tomar decisões
- São indivíduos que fazem a diferença
- Sabem explorar ao máximo as oportunidades
- São determinados e dinâmicos
- São dedicados
- São otimistas e apaixonados pelo que fazem
- São independentes e constroem o próprio destino
- São líderes e formadores de equipes
- São bem relacionados (networking)
- São organizados
- Possuem conhecimento
- Criam valor para a sociedade
- Outras \_\_\_\_\_

5- Os professores que você considerou empreendedores utilizaram que tipos de ações pedagógicas e metodologias de ensino em suas aulas? Facilitando: como eles "deram" aula?

Tragendo sempre coisas novas para as aulas, novidades e usando seus conhecimentos e fazendo da gente refletir e ir em busca de querer aprender esse "tipo" de aula contribuiu para a melhoria do ensino e da aprendizagem na sala de aula? (X) Sim ( ) Não

Justifique: Por os alunos interagirem mais, tem conta de de vir as aulas e buscar cada vez saber mais.

7- Esses professores com perfil empreendedor, através de suas aulas e de suas atitudes empreendedoras, contribuído ou já estão contribuindo para que você se torne um empreendedor em sua vida acadêmica, pessoal e profissional?  
 (X) Sim ( ) Não Justifique sua resposta. já está contribuindo

8- Nessas disciplinas, como você percebeu a relação professor-aluno?  
Dinâmicas e com uma relação boa, amigável de companheirismo.

9- Após responder as questões e refletir sobre a temática "empreendedorismo na educação", na sua opinião, o empreendedorismo pode transformar a educação? (X) Sim ( ) Não Por quê?  
Por a educação precisa ser inovada para chamar atenção dos alunos, na qual muitos não sentem mais gosto em vir para aula.